

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MULTI-INSTITUCIONAL EM DIFUSÃO DO
CONHECIMENTO**

GRACIELA NIEVES PELLEGRINO FERNANDEZ

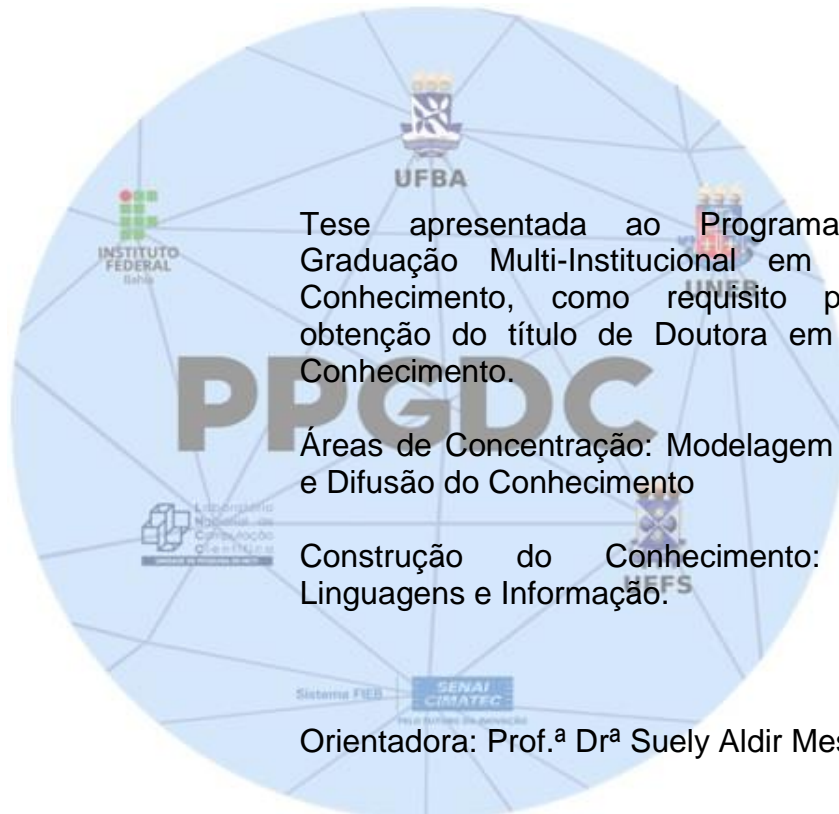
**TERESINHA FRÓES BURNHAM, SUJEITO ENCARNADO:
Subjetividades Corpóreas em sua Vida e Obra**

Salvador
2021

GRACIELA NIEVES PELLEGRINO FERNANDEZ

TERESINHA FRÓES BURNHAM, SUJEITO ENCARNADO:

Subjetividades Corpóreas em sua Vida e Obra



Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Difusão do Conhecimento.

Áreas de Concentração: Modelagem da Geração e Difusão do Conhecimento

Construção do Conhecimento: Cognição, Linguagens e Informação.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Suely Aldir Messeder

Salvador
2021

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Fernandez, Graciela Nieves Pellegrino.

Teresinha Fróes Burnham, sujeito encarnado : subjetividades corpóreas em sua vida e obra / Graciela Nieves Pellegrino Fernandez. - 2021.

121 f. : il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Suely Aldir Messeder.

Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento, Salvador, 2019.

1. Teresinha Fróes Burnham - Biografia. 2. Mulheres cientistas - Biografia. 3. Mulheres na ciência. 4. Cognição - Análise. 5. Educadoras. I. Messeder, Suely Aldir. II. Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento. III. Título.

CDD 923.7 - 23. ed.

GRACIELA NIEVES PELLEGRINO FERNANDEZ

TERESINHA FRÓES BURNHAM, SUJEITO ENCARNADO:

Subjetividades Corpóreas em sua Vida e Obra

Tese apresentada ao Programa de Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento como requisito para obtenção do título de Doutora em Difusão do Conhecimento.

Aprovada em 09 de Dezembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Ângela Maria Freire de Lima e Souza
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Dante Augusto Galeffi
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Elias Ramos de Souza
Doutor em Biofísica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Elisete Santana da Cruz França
Doutora em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA, IFBA, LNCC, SENAI-CIMATEC, UEFS e UNEB)

Maria de Lourdes Soares Ornellas
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP)

Dedicada à Professora Doutora Teresinha Fróes Burnham

*“Precário, provisório, perecível;
Falível, transitório, transitivo;
Efêmero, fugaz e passageiro
Eis aqui um vivo, eis aqui um vivo!
Impuro, imperfeito, impermanente;
Incerto, incompleto, inconstante;
Instável, variável, defectivo
Eis aqui um vivo, eis aqui...”*
(Vivo, Lenine)

AGRADECIMENTOS

Quando penso em agradecer abre-se um verdadeiro mosaico composto de pessoas envolvidas, participantes, diretas ou indiretamente, que tornaram possível esta escritura. Sem sombra de dúvida, primeiramente grata à dinâmica da vida, ao acaso, ao destino que promoveu nosso encontro e me trouxe Teresinha Fróes Burnham, como minha professora e logo depois como a pessoa que escolhi biografar. Gratidão à Teresinha.

Gratidão a minha analista

Gratidão a minha orientadora Suely Messeder, por acreditar que juntas levaríamos adiante este projeto.

Meus agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB da qual fui bolsista.

Gratidão às professoras que fizeram parte da banca de qualificação, Ângela Maria Freire, Maria de Lourdes Soares Ornellas e Maria Inês Corrêa Marques. As duas primeiras citadas ainda permaneceram na defesa.

Gratidão ao Grupo Enlace tão presente e participativo nas minhas apresentações, contribuindo para importantes ajustes feitos no texto.

Gratidão a Elisete França, minha amiga Zete, por fazer-se presente em momentos decisivos, com o abraço amigo e as palavras encorajadoras. A Amanaiara pela generosidade de disponibilizar seu tempo, sua energia e seu afeto para me acolher em sua casa de forma tão plena. Ao meu amigo Peixinho pelas sábias palavras acolhedoras. Ele e os encantados que o acompanham criaram um clima de harmonia na minha vida. A Damião, parceiro incondicional.

Gratidão àqueles que gerei e que me deram vida: Andrea, Vitor e Lucas. Compreenderam as minhas ausências e os seus silêncios guardavam ensinamentos.

Gratidão a minha mãe, que me permitiu nascer.

À Silvana, por tornar a vida mais leve com sua alegria e seu amor.

FERNANDEZ. Graciela Nieves Pellegrino. Teresinha Fróes Burnham, sujeito encarnado: subjetividades corpóreas em sua vida e obra. 120 páginas. 2019. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

RESUMO

Esta é uma tese literária fundamentada na vida e produção científica de Teresinha Fróes Burnham, uma baiana, bióloga, professora da Universidade Federal da Bahia com importante representação no cenário da educação da Bahia. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa com gênese na percepção da invisibilidade de mulheres cientistas na/da Bahia, configurada na exposição intitulada “CIÊNCIA COM DENDÊ - nomes da ciência na Bahia, ontem e hoje”, ocorrido no Museu de Ciência e Tecnologia - Museu de C&T, na cidade de Salvador-Bahia, pela ausência de mulheres pesquisadoras. Tem como objetivo construir a biografia da educadora, articulando os principais conceitos teórico-metodológicos desenvolvidos em suas produções acadêmicas. Para tanto, procedeu-se a análise de aspectos da vida privada da biografada, vinculando-os à sua trajetória profissional; arrolamento dos principais conceitos teórico-metodológicos desenvolvidos em suas produções científicas; identificação dos seus principais projetos e execuções acadêmicas. Esse acervo foi distribuído por capítulos. No intitulado “Narrativa Autobiográfica” apresento os caminhos percorridos para mostrar o desenho metodológico condutor para a construção da biografia. São eles: entrevistas, artigos e capítulos de livros produzidos pela biografada, pelo depoimento gravado para o Projeto Memória em Vídeo da Educação na Bahia (Educanal/ UFBA) e análise lexical do material textual através do software Iramuteq. No capítulo seguinte, “Principiando a conhecer Teresinha Fróes” faço uma explanação que abrange desde o nascimento, primeiras letras à universidade, questões de saúde e resiliência, por fim, apresento a mulher, mãe, avó e a estratégia para construir um bem precioso: tempo. O mundo do trabalho da pesquisadora encarnada e sua contribuição na implantação do Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento – DMMDC encerram esse capítulo que entrelaçam presente, passado e futuro. No terceiro capítulo, nomeado “Análise Cognitiva” trato também do legado da produção científica, investindo na compreensão dos seus principais conceitos, com destaque para a Análise Cognitiva e a Multirreferencialidade. Utilizo o recurso de citações para colocar *ipse littere* a fala da educadora, criando a possibilidade de usar a transdução para melhor entendimento desse conceito. Assinalo que a pesquisa foi construída em base colaborativa com a biografada, mostrando-a como uma “sujeita” e pesquisadora encarnada em sua subjetividade corpórea representada nas narrativas de si. Nesse sentido, a pesquisa contribuiu para levar ao conhecimento da comunidade acadêmica a importância do trabalho da educadora, seu papel fulcral na idealização, planejamento e sedimentação do Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento – DMMDC. Ressalto o desejo de inserir o nome da biografada no Blog Mulheres Cientistas na/da Bahia como reconhecimento ao seu trabalho em prol da educação na Bahia e publicação da tese.

Palavras chave: Sujeito encarnado. Biografia. Análise Cognitiva.

FERNANDEZ. Graciela Nieves Pellegrino. Teresinha Fróes Burnham, sujeto encarnado: Subjetividades corpóreas en su vida y obra. 120 páginas. 2019. Tesis de doctorado – Facultad de Educación, Universidad Federal de Bahia, Salvador, 2019.

RESUMEN

Se trata de una tesis literaria basada en la vida y producción científica de Teresinha Fróes Burnham, bióloga bahiana, profesora de la Universidad Federal de Bahia con una importante representación en el panorama educativo bahiano. Es una investigación con enfoque cualitativo con génesis en la percepción de la invisibilidad de las científicas bahianas, configurada en la exposición intitulada “CIÊNCIA COM DENDÊ - nombres de la ciencia en Bahia, ayer y hoy”, realizada en el Museo de Ciencia y Tecnología. - Museo C&T, en la ciudad de Salvador-Bahia, por ausencia de investigadoras. Tiene como objetivo construir la biografía de la educadora articulando los principales conceptos teóricos y metodológicos desarrollados en sus producciones académicas. Para ello, se realizó el análisis de aspectos de la vida privada de la mujer biografiada, vinculándolos con su trayectoria profesional; lista de los principales conceptos teóricos y metodológicos desarrollados en sus producciones científicas; identificación de sus principales proyectos y ejecuciones académicas. Este material recogido se distribuyó por capítulos. En el capítulo intitulado Narrativa Autobiográfica, presento los caminos tomados para mostrar el diseño metodológico conductor para la construcción de la biografía. Los caminos recorridos incluyen entrevistas, artículos producidos por ella, capítulos de libros, testimonios grabados para el proyecto Memoria en Video de la Educación en Bahia (Educanal/UFBA) y el análisis léxico de material textual utilizando el software Iramuteq. En el siguiente capítulo, “Comenzando a conocer a Teresinha Fróes”, desarrollo una explicación que incorpora informaciones desde el nacimiento, desde la alfabetización a la universidad, temas de salud y resiliencia, y finalmente presento a la mujer, madre, abuela y la estrategia para construir un bien precioso: el tiempo. El mundo laboral de la investigadora encarnada y su contribución a la implantación del Doctorado Multinstitucional y Multidisciplinar en Difusión del Conocimiento - DMMDC concluye este capítulo entrelazando presente, pasado y futuro. Como también es legado de la producción científica, invertimos en la comprensión de sus principales conceptos, con énfasis en el Análisis Cognitivo y Multirreferencialidad en el capítulo intitulado Análisis Cognitivo. Utilizo el recurso de citas para explicar el discurso del educador “ipse littere”, creando la posibilidad de usar la transducción para comprender mejor este concepto. Observamos que la investigación se construyó sobre una base colaborativa con la biografía, mostrándola como “sujeita” e investigadora encarnada en su subjetividad corporal representada en las narrativas de sí misma. En este sentido, la investigación contribuyó a llevar al conocimiento de la comunidad académica la importancia del trabajo de la educadora, su rol fundamental en la idealización, planificación y sedimentación del Doctorado Multinstitucional y Multidisciplinar en Difusión del Conocimiento - DMMDC. Destaco el deseo de insertar su nombre en el Blog Mulheres Cientistas en/de Bahia en reconocimiento a su trabajo a favor de la educación en dicho Estado y la publicación de la tesis.

Palabras clave: Sujeto encarnado. Biografía. Análisis Cognitiva.

FERNANDEZ. Graciela Nieves Pellegrino. Teresinha Fróes Burnham, subject incarnate: Corporeal subjectivities in his life and work.120 pages. 2019. Doctoral Thesis - Faculty of Education, Federal University of Bahia, Salvador, 2019.

ABSTRACT

This is a literary thesis based on the life and scientific production of Teresinha Fróes Burnham, a Bahian, biologist, professor at the Federal University of Bahia with an important representation in the education scenario of Bahia. This is a research with a qualitative approach with genesis in the perception of the invisibility of women scientists in / from Bahia, configured in the exhibition entitled "CIÊNCIA COM DENDÊ - names of science in Bahia, yesterday and today", that took place at the Museum of Science and Technology - S&T Museum, in the city of Salvador-Bahia, where was realized the absence of female researchers. This work aims to build the educator's biography, articulating the main theoretical and methodological concepts developed in her academic productions. For this purpose, we proceeded to analyze aspects of the biographer's private life, linking them to her professional trajectory; we listed the main theoretical and methodological concepts developed in her scientific productions; we identified her main academic projects and executions. This text was divided into chapters. In the title "Autobiographical Narrative" I present the paths that were taken to show the methodological design that leads to the construction of the biography. They are: interviews, articles, and book chapters produced by the biographer, through of her testimony recorded for the Video Memory Project of Education in Bahia (Educanal / UFBA) and lexical analysis of the textual that was made through the use of the Iramuteq software. In the next chapter, "Beginning to get to know Teresinha Fróes" I make an explanation that covers since birth, first letters from kindergarten to the university, health and resilience issues, finally, I present the woman, mother, grandmother, and the strategy to build a precious asset: time. The world of work of the incarnated researcher and her contribution to the implantation of the Multi-Institutional and Multidisciplinary Doctorate in Dissemination of Knowledge - DMMDC conclude this chapter that interlace present, past, and future. In the third chapter, named "Cognitive Analysis", I also approached the legacy of scientific production, by investing in the comprehension of her main concepts, with emphasis on Cognitive Analysis and Multi-referentiality. I use the quotation resource where the educator's speech was verbatim, creating the possibility of using transduction to better understand this concept. I highlight that the research was built on a collaborative basis with Teresinha Fróes, showing her as a "subject" and also as a researcher embodied in her bodily subjectivity represented in the narratives of herself. In this sense, the contribution of this research is to bring to the academic community the knowledge of the importance of the educator's work, her pivotal role in the idealization, planning, and sedimentation of the Multi-Institutional and Multidisciplinary Doctorate in Dissemination of Knowledge - DMMDC. I emphasize the desire to insert the name of Teresinha Fróes Burnham in the Blog Mulheres Cientistas in / from Bahia in recognition of her work in favor of education in Bahia and the desire of the publication of the thesis.

Keywords: Incarnated subject. Biography. Cognitive Analys

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Gráfico análise de similitude	39
Figura 2: Gráfico Nuvem de palavras – Resultado Processamento Iramuteq	40
Figura 3: Grafo do Corpus – Representação da Rede	41
Figura 4: Rede de Conceitos.....	42

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Sinóptico do material analisado para compor a tese	36
Quadro 2: Artigos selecionados para o Iramuteq	38
Quadro 3: Disciplinas ministradas por Teresinha Fróes Burnham na FACED - UFBA	72

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACBEU – Associação Cultural Brasil Estados Unidos

AnCo – Análise Cognitiva

CAOS – Conhecimento: Análise Cognitiva, Ontologia e Socialização

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CDICM – Centro de Documentação e Informação Coisa de Mulher

CIAT – Centro Integrado Anísio Teixeira

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DE – Dedicção Exclusiva

DESAP – Departamento de Ensino Superior e Aperfeiçoamento de Pessoal

DMMDC – Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento

EMA – Espaços Multirreferenciais de Aprendizagem

FACED – Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia

FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia

FVC – Fundação Visconde de Cayrú

IES – Instituição de Ensino Superior

IFBA – Instituto Federal da Bahia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IAT – Instituto Anísio Teixeira

IRDEB – Instituto de Radiodifusão do estado da Bahia

LNCC – Laboratório Nacional de Computação Científica

LGBT – Lésbicas, gays, bissexuais e travestis

LUAMPA – Luz, Amor e Paz

MEC – Ministério de Educação e Cultura

MCT – Ministério de Ciência e Tecnologia

MCT/UNEB – Museu de Ciência e Tecnologia da UNEB

NUGSEX – Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidades

NEPEC – Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Currículo, Ciência e Tecnologia

OEA – Organização dos Estados Americanos

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

REDPECT – Rede Cooperativa de Pesquisa e Intervenção em (In)formação, Currículo e Trabalho

RICS – Rede Interativa de Pesquisa e Pós-graduação em Conhecimento e Sociedade

UCSAL – Universidade Católica de Salvador

UFABC – Universidade Federal do ABC

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
1 INTRODUÇÃO	31
2A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA: caminhando e cantando e seguindo a canção, aprendendo e ensinando uma nova lição: o desenho metodológico condutor para construção da biografia.....	35
2.1 Sobre a seleção dos artigos.....	36
2.2 Sobre o Projeto Memória em Vídeo da Educação na Bahia	37
2.3 Sobre a utilização do Software Iramuteq	37
2.4 Sobre as entrevistas	43
3 PRINCIPIANDO A CONHECER TERESINHA FRÓES BURNHAM.....	46
3.1 Trajetória (In) Formativa	46
3.2 Do Nascimento à Infância na Fazenda	47
3.3 Das primeiras letras à Universidade.....	51
3.4 As questões de saúde e sua resiliência	59
3.5 A Mulher, Mãe, Avó e as Estratégias para construir um bem precioso: Tempo	61
3.6 O Mundo do Trabalho de uma Intelectual Encarnada	69
3.7 Como o Projeto Xingó contribuiu para a criação do DMMDC	74
3.8 Passado, Presente e Futuro: um entrelace necessário	78
4 ANÁLISE COGNITIVA.....	83
4.1 Aprendendo Análise Cognitiva com Teresinha Fróes Burnham.....	94
4.2 Análise Cognitiva do Afeto em Teresinha Fróes Burnham	103
5 DAS (IN) CONCLUSÕES.....	106
REFERÊNCIAS.....	111
APÊNDICES	113

APRESENTAÇÃO

Escrevo porque até agora é a única possibilidade que vejo de estar no mundo, de ser. (Graciela Pellegrino)

Um ato solitário, assim o dizem quantos se aventuram a escrever. Não há novidade nisso, porque viver também é um ato corajosamente solitário. Poderia fazer digressões sobre o quão solitário é o ato de escrever, mas no momento sinto-me acompanhada, embora só. Cercada de lembranças, registros, datas, impressões e vazios. Como preencher esse vazio se ele está repleto de acontecimentos, experiências e principalmente, de gente, é uma questão importante e que certamente ocupará algumas páginas desta tese.

Exigimos que as coisas tenham princípio, meio e fim, logo, assim o farei, explicando o porquê da origem desse desejo, embora corra o risco de não ser tão fiel ao meu pensamento, porque há um espaço, uma lacuna, um porvir entre o que penso e como decodifico isso para o papel, visor, teclado. Mas há um princípio. Acho que princípio pelo fato de ser uma mulher, o que tornará melhor a compreensão do desejo de escrever sobre mulheres. E sobre mulheres na ciência. Porque faço ciência. Faço ciência. É isso. Porque me aprofundo no que desejo saber, sistematizo meu conhecimento, decodifico meu pensamento em letras, nem sempre inteligíveis, mas minhas letras, aquelas que por um processo de cognição ultrapassaram fronteiras para além das sinapses, capazes de produzir textos e se transvestiram com sentimentos, emoções, subjetividades várias para enfim chegar até quem as leia. Voltando, digo que tudo tem sua origem, aceita ou não, envolta em desejo, aceito ou não, e crescerá independente do meu querer porque dele já estou preenchida. Sou o sujeito encarnado, prene das minhas crenças e desejos.

Elegemos objetos de pesquisa por afinidades, e não estamos vazios de conhecimentos sobre ele. Há em nós fragmentos das leituras, experiências vividas, das quais não nos distanciamos e que aglutinam capas ao que Merleau Ponty (1996) chama de compreensão encarnada. Compreensão encarnada, porque compreendemos através das experiências que vivemos, atravessando nosso corpo e sentidos. Podemos falar também do sujeito encarnado, cuja carne/corpo, faz parte do aporte de conhecimentos que acumulou por anos. Nada nos é totalmente

desconhecido, no mais profundo há uma semente que se alimentará do que a ela for oferecido. Semente do conhecimento.

O/a pesquisador/a é um sujeito que se encarna, enquanto tal, quando se desprende, se abandona, se entrega e respira da fonte do conhecimento buscado. Somos corpo e subjetividades materializadas através de nossos sentidos. Como ser o sujeito encarnado que pesquisa ou como ser um pesquisador. Tudo passa pelo corpo, encarne, condição *sine qua non* para existir. Falo de um corpo permeado por marcadores sociais de gênero, raça, classe e desejo sexual, entre outros, como refere Suely Aldir Messeder

[...] penso que devo reter as seguintes ideias para que possamos enveredar na produção de um conhecimento científico blasfêmico e descolonial: a) a do(a) pesquisador(a) encarnado(a), ou do(a) pesquisador(a) em sua corporeidade cujas marcas de gênero, raça, classe, colonialidade e desejo sexual estão incrustadas em nossas peles; b) a de saberes localizados; e c) a de geopolíticas e descolonização do conhecimento. (MESSEDER, 2014, p.32).

Messeder fala com propriedade da produção do conhecimento blasfêmico e descolonial e busca apropriar-se de três ideias: resgata o pesquisador encarnado, cujas produções são materializadas atravessando experiências várias, sentimentos, incorporando inclusive marcas de gênero, raça, classe, colonialidade e desejo sexual permeando o corpo, campo de pesquisa e produções. Sobre saberes localizados faz a distinção de territorialidade, em que o sujeito é afetado por essas diferenças e finaliza com a geopolítica, ressaltando que a geopolítica do conhecimento assume no Brasil feições de subordinação entre a produção do conhecimento do Sul-Norte, ou seja, as regiões do norte e nordeste subordinam-se a produção do conhecimento do sul e sudeste.

I. De onde Eu vim: “Todo início é promessa de meio e fim”

Durante o curso, entre outras disciplinas, cursei Natureza da Criatividade ministrada pelos professores Dante Galleffi e Joaquim Viana e pela professora Maria Inês Corrêa Marques período em que pude fazer anotações como essa que dá título a este capítulo do artigo. Começo, meio e fim. Há um percurso, de onde eu vim...posso pensar em uma história singular, como a de cada um/uma de nós, mas essa singularidade é minha. Reflito de onde eu vim e como eu me tornei Graciela.

Passei por caminhos tão transversos, aparentemente antagônicos, mas que convergiram para embasar o sujeito encarnado que me tornei. Não posso correr o risco de descrever uma trajetória impermeável às diversas experiências vividas, o que descaracterizaria o sujeito encarnado, pois Messeder pontua que

[...] a escrita do pesquisador - encarnado não é memorial do pesquisador, mas sim, a estreita relação entre o seu objeto de estudo e sua trajetória de vida. E, como cada pesquisador/a possui a sua experiência, com efeito, a criatividade do seu objeto de estudo se revelaria nesta singularidade. (MESSEDER, 2018, p.6).

Ao falar de estreita relação entre o objeto de estudo escolhido pelo pesquisador e sua trajetória de vida, Messeder identifica essa linha tênue que os separa. Logo, posso pensar que em algum momento o objeto nos escolhe, ao mesmo tempo que nós o desejamos. Há uma potente relação que busca a saciedade, a plenitude, uma complementaridade. O objeto nos coloca questões prementes que reverberam em nós e acontece o esperado dessa relação: a devolutiva enriquecida do que somos e do que foi agregado pelo objeto. Um bom começo para pensarmos no sujeito encarnado.

Em um ano distante, um país distante, fazendo parte de uma família cujos pais desejavam tentar a vida em outro país, com as agruras sofridas por imigrantes, nasci. Em Montevideo, Uruguai.

Meu pai, italiano da cidade de Trapani, Sicília, foi morar no Uruguai aos 15 anos, levado por primos mais velhos, obedecendo às ordens de minha avó que temia perdê-lo, como já havia acontecido com seu marido e dois de seus filhos¹, durante a Primeira Grande Guerra (1914 - 1918). Anos depois conheceu minha mãe, uruguaia, de uma família numerosa de nove irmãos, morando em uma fazenda no interior, em uma cidade chamada San José. Ao completar dois anos meus pais vieram morar no Brasil², inicialmente São Paulo, por cinco anos, e finalmente, Salvador na Bahia.

¹ Minha avó paterna, Tereza, era católica fervorosa e nesse período, fez inúmeras promessas para que seus filhos e marido retornassem sãos e salvos da guerra. Durante esse tempo acumulou imagens de santos em um espaço da casa, acreditando que suas preces seriam ouvidas. Depois de tantas perdas, filhos e marido, desolada e revoltada, fez uma enorme fogueira com esse acervo, pondo fim às esperanças de voltar a vê-los. Vestiu luto por toda vida.

² O deslocamento para território brasileiro se deu por necessidade de sobrevivência da família.

Foram tempos sombrios de muitos deslocamentos e acomodações. Uma reviravolta na vida de todos, uma aura de nostalgia, que imagino ser o sentimento dos que se afastam de seus afetos sem saber se haverá uma outra vez. Havia um clima de instabilidade, financeira e emocional, sem planos de fixar-se no Brasil e com o sonho de um dia, talvez, quem sabe, retornar. Mas esse dia nunca aconteceu, a não ser quando em 1996 voltei sozinha, desejando conhecer a família e minhas origens.

Minha primeira experiência na escola foi no ano de 1960, em um grande e conceituado colégio de freiras, escolhido por meus pais, por indicação da primeira professora de meu irmão. Foi uma experiência traumática com muitos dias de choro, recusas em ir para a escola e intermináveis nove dias na primeira lição: o pato nada ...o pato nada no lago... no lago o pato nada. Meses depois, sentada em um balcão de um antigo armarinho escolhia livros de história e revistas em quadrinhos, lia compulsivamente, descobrindo um mundo que me ajudava a sonhar. Morávamos na mesma casa onde funcionava um restaurante especializado em comida italiana, administrado por meus pais. Foi um período de muito trabalho para meus pais, mas também de muita prosperidade.

Nessa escola permaneci até completar a 8ª série. Nessa instituição de orientação religiosa católica, era aplicada uma disciplina bastante rígida, com um completo controle sobre os corpos, quanto aos horários, posturas, fardas, altura das saias, uso do banheiro, gestos e palavras. Um corpo referido por Foucault (1988, p. 118), lembrando que houve durante a época clássica uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder, pois “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações proibições ou obrigações”. Refere-se a uma “maquinaria de poder” que se relaciona a uma “mecânica do poder”, definindo como se pode ter domínio sobre os corpos dos outros. Surgem as políticas de coerção, com a manipulação desses corpos para torná-los submissos, “dóceis”.

A escola ainda busca resgatar esse corpo dócil, conformado e silencioso, embora não o consiga, dada a insurgência desse corpo que não se rende e transgredir normas estabelecidas. Posso afirmar que essa vivência despertou em mim, tempos depois, o desejo de escrever sobre o corpo e suas implicações na construção do sujeito encarnado, o que pude fazer em dois momentos: na minha

monografia³ com título “*O espaço da orientação sexual, a prática pedagógica e o trabalho docente*” e na dissertação⁴ com “*Que "osadia"⁵ é essa? representações sociais dos discursos de professoras/es sobre sexualidade na ambiência escolar*”. Porque essa experiência de formatação e engessamento fez de mim uma outra pessoa, que não aquela cuja educação houvesse ocorrido em espaços mais livres e menos exigentes. Fui diretamente afetada pelas limitações impostas e sentia-me o tempo inteiro um ser fora do mundo.

Perdi meu pai muito cedo, ainda na pré-adolescência, aos 11 anos. Desde então ouvia em casa que eu deveria ser exemplo porque não tinha pai. Essa figura paterna orbitava minha vida em um misto de medo e insegurança. As minhas ações eram mediadas pela lembrança de que eu deveria ter uma conduta irrepreensível, com a frase habitual: *“você não tem pai!*”

Para minha mãe era importante estudar, mas sem muitas ambições de concluir um curso superior. Ao sair do colégio das freiras decidi fazer o curso de Magistério no Instituto Central de Educação Isaias Alves – ICEIA, nada estimulada por minha mãe⁶, por considerar um curso de menor valor. A meta, o foco era o casamento. Sentimento era assunto para depois: “com o tempo você aprende a gostar!” ou “vira uma grande amizade, como irmãos!”. Mas eu não me encaixava nessas expectativas e vivia transgredindo essas imposições. Desejava estudar, fazer medicina, mas as impossibilidades eram muitas, as informações escassas, e as opiniões me deixavam acomodada. Fiz quatro semestres de serviço social e

³ O espaço da orientação sexual, a prática pedagógica e o trabalho docente. Departamento de Educação. Campus I. Curso de Pedagogia. UNEB (2008) sob a orientação de Professor Dr. Roberto Carlos Vieira e coorientação do Professor Dr. Osvaldo Francisco Ribas Fernandez.

⁴ Que "osadia" é essa? representações sociais dos discursos de professoras/es sobre sexualidade na ambiência escolar. Dissertação de mestrado em Crítica Cultural, apresentada em setembro de 2011 na Universidade do Estado da Bahia – Campus II – Alagoinhas – Departamento de Educação. Pós – Crítica, sob a orientação do Professor Dr. Osvaldo Francisco Ribas Fernandez.

⁵ No título uso a palavra “osadia”, propositalmente, para ouvir o som de quantos/as interpelavam os adolescentes, quando surpreendidas/os em alguma ação com conotação sexual. Em Salvador-Bahia é comum a supressão do U ao falar de forma coloquial a palavra ousadia.

⁶ Minha mãe, apesar dos desejos que tinha teve mesmo que sublimá-los a partir de uma relação de casamento com um homem que se julgava seu dono. Ainda menina deixou de frequentar a escola, quando meu avô soube que ela já sabia ler e escrever. Era o suficiente para quem não deveria ter maiores pretensões a não ser um casamento e, lógico, filhos. Fazer um curso de enfermagem, ou aprender alta costura foram sonhos guardados a sete chaves e não mais resgatados. Virgem aos 25 anos, por pouco o casamento não foi adiado, porque ela estava menstruada justo nessa data. Como o noivo teria certeza de que o sangue nos lençóis era da tal membrana que materializava a virgindade? Meu pai decidiu não esperar, ansioso que estava, imagine só, depois de longos anos de namoro e logo quando ele ia ter o “privilégio” de casar-se com uma moça virgem. Depois da noite de núpcias, ele decidiu que o tal lençol ensanguentado deveria ser lavado pela mulher mais fofqueira do bairro. Ele teria certeza de que todos saberiam que a sua noiva era “pura e casta”, como convinha à época.

casei: “a faculdade ou eu!”⁷. Fiz uma escolha equivocada, deixei o curso, fui demitida do Banco onde trabalhava como caixa, pois à época, as bancárias deveriam ser solteiras,⁸ como bem explica o artigo publicado no Jornal do Brasil pautado na tese de Nathalie Reis⁹ Itaboraí (2018):

Até o final da década de 1960, no Brasil, o modelo tradicional de família era marcado por enormes assimetrias entre homens e mulheres. Nos casais, o homem, em geral, era mais velho, mais escolarizado e tinha mais renda. As mulheres trabalhavam apenas enquanto solteiras, abandonando suas atividades após o casamento para se dedicar aos serviços domésticos e cuidar dos filhos. Isso começou a mudar a partir dos anos de 1970. (28/01/18).

Desse casamento tive três filhos e muitas imposições que resultaram em transformar-me em “do lar”. Mas havia uma inquietação na busca por novos conhecimentos. Fazia curso pré-vestibular tentando me reinserir na faculdade, mas outras atribuições tornavam as coisas mais difíceis. Busquei o mercado de trabalho, mas era atingida pelo machismo que impunha, ditava as ordens e manipulava situações, construindo culpas que eu não tinha. De novo me acomodava e me envolvia em outra gravidez ainda seduzida pela ideia de ter uma família, desconhecendo as armadilhas que havia nas falas, cheias de assertivas de convencimento, visto que Ângela Maria Freire de Lima e Souza reflete sobre isso, chamando a atenção sobre o papel das instituições nesse aprendizado imposto às meninas quando

[...] as instituições sociais como a família e a escola, infundem nas meninas desde muito cedo este compromisso, travestido de “instinto natural”, exclusivo das fêmeas, o que serve tanto para dominar as mulheres como para isentar os homens da corresponsabilidade de educar seus filhos. (LIMA E SOUZA, 2016, p.116).

⁷ Embora ao me conhecer soubesse que eu trabalhava e estudava, aos poucos foi impondo restrições, como a escolha entre ele e meu percurso acadêmico.

⁸ Trabalhava em um banco da rede privada, exercendo a função de caixa. Ao levar o meu convite de casamento recebi o aviso de férias, a que já tinha direito, e, ao retornar ao trabalho fui demitida sob alegação de que ali só permaneceriam as mulheres solteiras.

⁹ Nathalie Reis é autora do livro “Mudanças nas famílias brasileiras (1976-2012): Uma perspectiva de classe e gênero” (Garamond), publicado a partir de sua tese de doutorado, vencedora do prêmio de melhor tese de 2016 no concurso da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) de obras científicas e teses universitárias em ciências sociais.

Mas eu queria me libertar para buscar o meu lugar, onde poderia expressar o meu verdadeiro eu. Mergulhar no mundo que me era mais familiar: ler, escrever, sonhar, pensar, desejar. Foram muitos anos, para ser mais precisa, vinte e cinco, até sair do casamento. Então, posso dizer que durante todos esses anos eu deixei de fazer o que eu queria para viver a vida de outra pessoa, porque cresci ouvindo falar que à mulher cabia a responsabilidade pela família, pela casa, pelo bem-estar do marido, pela comida gostosa e pelo prazer que deveria proporcionar a ele. Depois da separação voltei a sonhar em ter uma profissão, não posso dizer em ser alguém, porque alguém eu era, embora capengando ainda, mas com vitalidade para recomeçar.

II. Devir Mulher – “Começar de novo, e contar comigo, vai valer a pena ter amanhecido¹⁰”.

Ao falamos da construção de nossa vida acadêmica, surge um divisor de águas, o antes e o depois. Como éramos e como nos tornamos. E onde posso localizar esse divisor de águas na minha trajetória? Sem dúvida, naquele momento em que pedi demissão de um subemprego, ganhando meio salário mínimo, e decidi concorrer à seleção para um cursinho pré-vestibular oferecido pela Prefeitura de Salvador. Quando soube que eram mil vagas, fiquei animada, até saber que dezessete mil era o número de inscritos. Mas, como meu desejo era bem maior que qualquer obstáculo, não hesitei em concorrer assim mesmo. Fui selecionada para um curso intensivo de seis meses, e, mesmo com todo otimismo que me é peculiar, não imaginava que seria aprovada nas três universidades para as quais concorri Universidade Católica de Salvador -UCSAL, Universidade Federal da Bahia - UFBA e Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

Dentre elas, escolhi a UNEB, sendo selecionada para o curso de Pedagogia (habilitação para anos iniciais), com início previsto para 2004.2, mas devido à greve, só em 2005 pude ingressar na universidade. Era o meu desejo trabalhar com educação, com pessoas, e aquele era um momento de reconstrução pessoal e profissional. Pessoal, porque durante anos havia alimentado o sonho de concluir um curso superior que havia deixado lá pelos idos de 1970, envolvida nas tarefas

¹⁰ “Começar de novo”. Música de Ivan Lins e Vitor Martins. Tema oficial de abertura do seriado Malu Mulher. 1979. A série veio em momento oportuno e se tornou um marco na história da teledramaturgia nacional. Temas delicados em tempos de Ditadura Militar como aborto, separação, pílula do dia seguinte e lesbianismo foram levados ao ar até o final de 1980.

domésticas e na criação dos filhos, sublimando esse desejo, e profissional, porque aquele momento era investimento em uma carreira, possibilidade de dignificar a vida, sair do subemprego e projetar o futuro. Concluí o curso em 2008.

Em novembro de 2007 concorri à seleção para estagiária no Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidades - NUGSEX/ DIADORIM¹¹ conhecendo o professor Osvaldo Fernandez, à época, coordenador do Núcleo. Desprovida de qualquer renda aquela era a oportunidade de receber uma bolsa, trabalhar por seis horas e poder arcar com as despesas das xerox e o transporte, necessários para finalizar a graduação. No Diadorim trabalhei com tabulamento de dados de uma importante pesquisa, realizada a partir de notícias veiculadas em jornais de todo país sobre a violência contra o público LGBT, no período de 2000 a 2007, fornecidos pelo Grupo Gay da Bahia - GGB, do acervo do professor Luiz Mott. No Diadorim conheci a professora Suely Messeder e, mais adiante, no mestrado, juntamente com a professora Maria Nazaré Mota de Lima viria a ser sua aluna na disciplina Teoria da Subjetividade. Sempre uma grande incentivadora, acreditando que podemos criar a partir de compromissos éticos e humanos. Aprendi com ela o valor da palavra “apreço”.

Há uma passagem muito interessante que me leva a pensar sobre, de novo, a construção do sujeito encarnado. Eu estava em um grupo de pesquisa que basicamente trabalhava gênero e sexualidade, então sempre circulavam editais para publicação. Tomei conhecimento de um desses editais através de Érico Nascimento, um amigo muito especial, afetuoso e solidário. Logo pensei em rejeitar a ideia de escrever um conto que faria parte de um livro com título Olhares diversos - narrativas lésbicas (contos) organizado pelo Centro de Documentação e Informação Coisa de Mulher – Programa Coletivo de Lésbicas do Rio de Janeiro Elizabeth Calvet. Li o edital cuidadosamente, mas o que mais me interessava era o prêmio. Havia também a possibilidade de a autora usar um pseudônimo. Fiquei dias e dias pensando se colocaria o meu nome ou criaria um outro para não ser identificada. Eu estava enclausurada dentro de normas rígidas que havia criado para mim e meu corpo respondia com batimentos cardíacos acelerados cada vez que se aproximava a data limite para enviar o conto. E havia uma decisão, para mim, crucial, quanto a que nome usar. Lembrei de alguém que havia batizado uma criança com o nome de

¹¹¹¹ NUGSEX/ Diadorim, é um órgão da Universidade do Estado da Bahia, com sede na ProEx, que desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão sobre gênero e sexualidades.

Mafiqui (foram usadas as primeiras sílabas de matemática, física e química). No último dia, última hora, último minuto escrevi na ficha de inscrição: Mafiqui. Fiquei entre as dez melhores autoras selecionadas, não ganhei o prêmio principal, mas ganhei dez volumes do livro. Os colegas incumbiram-se de divulgar que meu conto¹² havia sido publicado, e eu queria desaparecer, porque eu estava em um armário prestes a ser aberto.

III. O Sujeito Encarnado nos Labirintos da Pesquisa

Sob a orientação do professor Roberto Carlos Vieira e coorientação do professor Osvaldo Fernandez, elegi a orientação sexual na escola como tema para meu trabalho de conclusão de curso. Com título: *O espaço da orientação sexual na escola, a prática pedagógica e o trabalho docente*, ponto de partida para várias outras formas de difusão e conhecimento sobre o corpo. Inicialmente relutei em escrever sobre essa temática, embora houvesse em mim um tímido desejo de produzir sobre o corpo, porque havia na minha memória afetiva subsídios para isso. Por analogia, sempre me referi a minha formação em colégio de orientação católica à brincadeira: estátua! Era um colégio de disciplina muito rígida e de preconceitos que apareciam, algumas vezes, de forma subliminar, e, de forma escancarada, na maioria delas. O corpo era algo que só aparecia nas aulas de educação física, embora fosse um colégio só de meninas, os uniformes com medidas concebidas para que não aparecessem partes do corpo.

Na década de 1960 do século XX, uma certa marca de absorvente produziu um documentário orientando sobre seu uso e foi exibido em sessão especial na escola. Foi um assunto comentadíssimo, alvo de críticas de alguns pais e de muitas brincadeiras entre as alunas. Na minha família o corpo era ignorado nas questões que abrangessem a sexualidade, embora lembrado nas questões relativas a higiene e saúde.¹³ A parte mais importante do meu corpo era o hímen,¹⁴ que deveria ser

¹² Zahatt, um amor virtual

¹³ O corpo era pensado a partir de um paradigma mecanicista onde as subjetividades, os desejos, as pulsões eram negadas em detrimento de uma visão de higienização do corpo.

¹⁴ O culto à virgindade é muito antigo. No Ocidente, ele tem muita importância nas religiões greco-latinas. Entre os mortais, a virgindade da futura esposa garante a autenticidade do casamento: o marido quer ser o primeiro, para ter certeza de que os filhos serão do seu sangue. O cristianismo confere à virgindade e à castidade o mérito de uma superioridade moral: permanecer no controle da sexualidade é provar que se tem qualidades excepcionais. O hímen tornou-se um símbolo de integridade, de virtude, de honra, não somente para a mulher, mas para todos os homens da família,

preservado até a chegada do príncipe desbravador, salvador da pátria e agente mantenedor da mocinha indefesa e tola. Este é um corpo em (de)formação.

Pensei nisso e desejei pesquisar sobre como professoras/es lidavam com a possibilidade de trabalhar sexualidade conforme indicativo dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN. São diretrizes elaboradas para orientar os educadores por meio da normatização de alguns aspectos fundamentais concernentes a cada disciplina. Eles servem como norteadores para professores, coordenadores e diretores, que podem adaptá-los às peculiaridades locais.

As experiências aconteciam simultaneamente, o fim da graduação, o estágio supervisionado, a produção monográfica e o estágio no NUGSEX/ DIADORIM. Havia uma interlocução entre elas, porque havia construção e aprofundamento dessas questões pelo suporte recebido nas reuniões do Núcleo de Pesquisa. Concluí em 2008, com o olhar mais adiante, na possibilidade de fazer o mestrado. Permanecer na universidade e caminhar até onde o céu é o limite sempre foi a minha meta. Obstáculos sempre existirão e nós precisamos criar estratégias e nos instrumentalizar para superá-los. Nesse período fiz minha matrícula como aluna especial na disciplina Educação e Pesquisa em Representações Sociais, ministrada pela professora Maria de Lourdes Soares Ornellas, no Campus I – UNEB, passando a fazer parte do Grupo de Estudos em Psicanálise e Representações sociais - GEPE(rs). Através dele tive oportunidade de publicar artigos¹⁵ e coordenar eventos, tais como a Mostra de Filmes e o Seminário de Representações Sociais.

Quando da seleção para o mestrado em Crítica Cultural do Departamento de Educação – Campus II - Alagoinhas, escolhi a linha 2 – Letramento, Identidade e Formação de professoras/es, porque preenchia todas as minhas expectativas, quanto à pesquisa em questão, com título: *Que “osadia” é essa? as representações sociais dos discursos de professoras/es sobre sexualidade na ambiência escolar*, concluindo em 2011.

que o devem respeitar e proteger. Para saber mais: Knibiehler, Yvonne. A história da virgindade. 2016. Editora Contexto.

¹⁵ FERNANDEZ, G. N. P. Vozes que produzem eco: representações sociais de professoras/es sobre sexualidade na escola. In: Maria de Lourdes Soares Ornellas. (Org.). REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E EDUCAÇÃO letras imagéticas. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2013, v. 1, p. 197-210.

FERNANDEZ, G. N. P. Não falo, não escuto, não vejo: o papel da psicanálise no resgate do(s) sentido(s). In: Maria de Lourdes S. Ornellas. (Org.). Escuta Clivada: ancora saber no entre - lugares. 1ed.Salvador: Quarteto, 2010, v., p. 95-105.

Com a experiência do trabalho monográfico adentro no mestrado em Crítica Cultural. Eu já não era a mesma pessoa, nunca somos, somos perpassados pelas nossas vivências e dores. De repente...mudamos. Aprofundamos convicções e assumimos papéis. De novo o corpo, escola, professoras/es. Como reagem diante da sexualidade que alunas/os expõem em sala de aula? Que sala de aula é essa? Consideram transgressoras as atitudes que envolvem corpo e sexualidade? Eu também estava sendo desafiada, saindo de um espaço circunscrito do Campus I - Cabula, para as viagens semanais, a pousada, os novos colegas do Campus II - Alagoinhas. Onde estava o meu corpo nesse contexto? Mais livre, mais potente, com aspirações e melhor, produções.

Com tudo isso, ainda precisava me firmar profissionalmente, como dizem os mais cautelosos, é preciso pensar no futuro e incentivada por uma colega do mestrado, Elisete França, em 2010 fiz a minha inscrição para o concurso da Prefeitura de Salvador, para professora das séries iniciais. Hoje sou da Rede Municipal, embora tenha esperado longos cinco anos até ser convocada e nomeada.

IV. O Grupo Enlace despertando o meu desejo doutoral

No ano de 2012 passo a fazer parte do Grupo Enlace sob a coordenação da professora Suely Messeder. Em 2014, o grupo consolida-se como Núcleo Emergente, através do edital FAPESB/CNPq 009/2014 - Programa de Apoio a Núcleos Emergentes PRONEM. Enfrentando o desafio de aprofundar e disseminar o conhecimento através da multi/trans/ interdisciplinaridade, o grupo buscou construir-se em uma rede de coalizão através da produção, gestão e difusão de conhecimento científico percorrendo os seguintes temas: crítica cultural, análise cognitiva, design cognitivo, políticas públicas, sexualidades, direitos humanos, relações de gênero, relações raciais, interseccionalidade, práticas culturais, ancestralidade e mundo do trabalho. Diante dessa abrangência de temas foram criadas 4 linhas de pesquisa: Conhecimento sobre/com interseccionalidades e direitos humanos; Corpos, Gêneros e Sexualidades na literatura e em textualidades; Difusão e Gestão de Conhecimento da cultura; Difusão e Gestão de Conhecimento.

Como integrante do grupo participava de encontros semanais, o que me possibilitou o aprofundamento das questões de gênero através das nossas trocas

teóricas. Aqueles encontros foram decisivos para que algumas importantes decisões fossem enfim tomadas. Penso que uma delas foi a decisão de viver.

Sem desistir do corpo, inclusive do meu, com assunção da minha orientação sexual, assunto livremente veiculado no Grupo, desejei escrever sobre o corpo em sala de aula, e que sequelas poderiam advir de uma disciplina rígida e da invisibilidade das questões de gênero e sexualidade a que são submetidos alunos do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de Salvador. Gênero, sexualidade e direitos humanos então imbricados nos meus interesses, talvez pelo óbvio, talvez nos entrelaces da minha subjetividade.

Quando nos descobrimos diferentes do que esperam de nós, principalmente quando nossa vida nos parece estável, e se faz planos para a aposentadoria, deslocar-se é algo bem doloroso. Porque há um embate interno muito forte e significativo e eu precisava entender aquele momento, para além do meu desejo. Assediada moralmente por uma estrutura patriarcal que impõe uma linearidade de corpo, sexo, desejo e prática sexual, só as leituras me preenchiam, explicando e afastando os sentimentos de culpa, tatuados em mim durante essa transição. Até então eu não sabia que tinha direitos, porque eles de mim foram retirados, e pior, com a minha permissão. Hoje me reconheço como um sujeito de direitos, e deles me apropriado para embasar essa vivência, nem sempre tão fácil, mas plena e real.

Vislumbrando um novo caminhar, novos desejos e novos saberes, como mulher pesquisadora, adentro ao Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento – DMMDC, na linha de pesquisa 3 – Cultura e Conhecimento: Interseccionalidade, Transversalidade e (In)formação em 2014, escolhendo como orientadora a professora Suely Messeder, decisiva para que esse meu novo projeto fluísse.

Escrevendo sobre o corpo em sala de aula, ou o que se faz com o corpo em sala de aula, percebi a certa altura que não havia dados empíricos suficiente para levar a termo a tese a que me propus, considerando que só encontraria esse corpo nos estudos relacionados à capoeira, às aulas de educação física, e às ciências biológicas e da saúde. Juntamente com a minha orientadora decidimos abraçar a biografia de Teresinha Fróes Burnham diante da inviabilidade do projeto original e da insurgência de um olhar sobre a invisibilidade de mulheres cientistas na/da Bahia.

Nesse impasse, passo a pensar em corpos de mulheres na ciência¹⁶, mulheres que fazem ciência, abrangendo o meu e de tantas outras mulheres pesquisadoras. Elegi dar ênfase à vida e percurso acadêmico da professora Teresinha Fróes Burnham com olhar para as subjetividades corpóreas que atravessam suas experiências.

Fui contagiada pela inquietação da professora Suely Messeder quanto à ausência de mulheres na exposição *Ciência com Dendê – “nomes da ciência na Bahia, ontem e hoje”* o que me levou a pensar em um nome que me pareceu pertinente incluí-lo no Blog e no rol de mulheres que desenvolveram trabalhos importantes na educação na Bahia.

Algumas pessoas, por si só, se apresentam pela sua trajetória de vida e aspectos relacionados à sua produção científica, que por sua vez está intrinsecamente ligada aos seus interesses e à construção de uma vida cujo foco maior desloca-se de si para difundir um conceito básico de democratização do conhecimento. Com esse preâmbulo, resgato na memória o momento em que fui apresentada a Teresinha Fróes Burnham.

Nosso primeiro encontro, de fato, ocorreu na porta da sala onde eu seria entrevistada por Suely Messeder, Eduardo Oliveira e Teresinha Fróes Burnham como parte do processo de seleção para o doutorado. Entramos juntas e ela elogiou a blusa que eu vestia, uma blusa branca de labirinto. Uma blusa muito antiga, uma espécie de coringa para datas importantes. Aquela era de fato muito importante! Referiu-se assim: “muito bonita, trabalho delicado!”.

Escolhi Teresinha Fróes Burnham também pela imediata identificação ao reencontrá-la no meu primeiro semestre como aluna do Doutorado Multi - institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento – DMMDC, quando

¹⁶ Historicamente, a ciência sempre foi vista como uma atividade realizada por homens e foi somente após a segunda metade no século XX que ocorreram mudanças nesse quadro. O presente estudo mostra o crescimento da participação feminina em alguns cursos de graduação da UFRJ (inclusive em cursos tradicionalmente ocupados por homens), nos grupos de pesquisas cadastrados no CNPq, como bolsistas do CNPq e no quadro de docentes da USP. O estudo também mostra que, apesar da maior participação no sistema brasileiro de C&T, as mulheres têm chances menores de sucesso e ascensão na carreira: são menos contempladas com bolsas de produtividade do CNPq, estão sub-representadas nos cargos administrativos da UFRJ e entre os acadêmicos da Academia Brasileira de Ciências. (LETA. Jaqueline As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. UFRJ.2003).

ministrava a disciplina Análise Cognitiva - AnCo I. Aos poucos ficamos sabendo um pouco daquela pequena grande mulher dentro da sua simplicidade e humanidade, permitindo que seus alunos pudessem sentir-se próximos, quando ao ser chamada de senhora: “senhora está no céu!

Considerando seu percurso acadêmico, e conseqüentemente, sua importância para o DMMDC, fui motivada a escrever sobre ela e suas produções, sobre suas produções e ela, pois tornam-se um único corpo, tal amalgamento simbiótico que alimenta ambos. Objetivo construir a biografia da educadora Teresinha Fróes Burnham, articulando os principais conceitos teórico-metodológicos desenvolvidos em suas produções acadêmicas; analisar aspectos da vida privada da biografada, vinculando-os à sua trajetória acadêmica; arrolar os principais conceitos teórico-metodológicos desenvolvidos em suas produções científicas; buscar identificar os seus principais projetos e execuções acadêmicas. Faço interlocução com suas vivências e momentos políticos relevantes que serviram de cenário para a educação no Brasil, ressaltando o desejo de complementar esse Catálogo com inserção do seu nome no Blog Mulheres Cientistas na/da Bahia como reconhecimento ao seu trabalho em prol da educação na Bahia.

Todavia, não podemos desconsiderar depois do exercício de ouvidos atentos, da escuta sensível, o quanto sua vida foi permeada por experiências múltiplas e ricas, e aquilo que chamamos de sorte, coincidência, acaso, vai se fortalecendo e encontramos uma vida em rede, interligada. Não há experiências díspares, mas um caminhar, nem sempre em terreno tão confortável, mas um caminhar com interlocuções de busca. Não sei se ela escolheu ou se foi escolhida por esses passos. Saberei mais adiante, porque é uma pessoa de muitas histórias e lembranças. Há uma lógica, como algo sequencial, porque se falo na educadora Teresinha Fróes Burnham reporto-me às pesquisas e à ciência. Uma mulher pesquisadora, cientista que encontrou no decorrer da sua trajetória alguns entraves que poderiam tê-la detido, mas, ao contrário, serviram para favorecer o desenvolvimento dos passos seguintes. Seguirei falando de mulheres na ciência, buscando fundamentos teóricos para melhor compreender como se dá o processo de produção de conhecimento das mulheres em um mundo de hegemonia masculina.

Há dentro de nós algo que nos mobiliza, construído a partir das nossas subjetividades, que por sua vez também são o resultado de algo que se amalgama

nas nossas inter-relações. Desejo construir na minha vida algo que fortaleça o feijão, mas não descaracterize o sonho, parafraseando Orígenes Lessa, em seu livro “O feijão e o sonho”, publicado em 1938. Sonhos não são suficientes para nos alimentar, além da alma, mas necessários para dar forma ao que desejamos construir.

Nesta tese apresento, literalmente, o sujeito encarnado, tão presente, visível nos estudos e teses do Grupo Enlace. Sou exatamente esse sujeito encarnado porque represento mulheres que fazem ciência apesar de buscar os filhos na escola, fazer as compras do mês, dirigir para a família, oferecer lazer aos finais de semana, sair mais cedo de uma reunião para levar o filho ao médico e que no dia seguinte entrega um artigo de vinte páginas, revisado. Sou o sujeito encarnado, porque vivi /experienciei na pele/corpo o que mulheres que fazem ciência vivem.

Para responder a estas questões, imbricadas em amplas e polêmicas digressões, posto que não há verdades absolutas, e por sua vez, o corpo como condição *si ne qua non* para existir, a pesquisadora ou o pesquisador vê a si mesmo e, para conhecer o Outro, precisa saber de si, mas, este movimento de retorno a/o aprisiona, paradoxalmente, porque o Outro em questão, seu espelho, não lhe dará as respostas que seus mais recônditos anseios esperam.

Assim, nos definimos e marcamos nosso lugar nesta existência, “nem sempre ganhando, nem sempre perdendo, mas aprendendo a jogar”¹⁷.

¹⁷ Música “aprendendo a jogar” - Compositor: Guilherme Arantes (1980).

1 INTRODUÇÃO

“[...] Eu não sou militante, mas eu considero que todo trabalho que se faz no processo antidiscriminatório, no processo de trazer a mulher para seu lugar, que é um lugar de extrema significação, principalmente na sociedade contemporânea, sempre foi, mas agora mais significativo, isso eu sempre fiz”. [...] Sempre eu tive um comportamento de relevar o trabalho das mulheres, de trazer pra sala de aula as questões relacionadas a discriminação das mulheres, isso eu sempre fiz”. (FRÓES BURNHAM, 2018).

Na minha apresentação, busquei identificar o porquê da minha escolha de tema, do meu objeto de estudo e das minhas posições teóricas-metodológicas, considerando as minhas marcas como mulher, professora, pesquisadora-encarnada, e, nas devidas proporções, assim como a teoria feminista denuncia a invisibilidade da mulher no campo das ciências, com efeito, busco visibilizar o trabalho da proeminente pesquisadora Teresinha Fróes Burnham, denunciando também o viés androcêntrico nas Ciências.

Pensando nas relações de gênero como fator decisivo na produção do conhecimento científico, nota-se em menor número a presença e a visibilidade de pesquisadoras mulheres, reverberando claramente na difusão do conhecimento científico. Em seu artigo *O viés androcêntrico da Biologia*, Lima e Souza considera aspectos relevantes das conceituações que orbitam em torno das Ciências:

[...] a originalidade da crítica feminista reside na identificação e na denúncia do forte viés androcêntrico que permeia o pensamento científico e os seus desdobramentos, que incluem assimetrias de gênero no ambiente acadêmico e nas instituições de pesquisa, os princípios epistemológicos que norteiam o fazer científico, a forma pela qual são treinados e socializados os aspirantes à carreira de pesquisa, entre outros aspectos. (LIMA E SOUZA, 2002, p.78).

Nas questões assinaladas por LIMA e SOUZA na ambiência acadêmica, sob o pressuposto de que cientistas são pessoas livres de quaisquer outras responsabilidades, vimos que não devemos esquecer que às mulheres também são atribuídas as tarefas domésticas, histórica e culturalmente definidas. Logo, em tese, teriam menos disponibilidade de tempo para dedicar-se à pesquisa e à sua vida

profissional. As mulheres são penalizadas também pela maternidade, pois os sistemas de avaliação de projeção, salvo raras exceções, não levam em conta períodos de afastamento relativos a maternidade. Temos hegemonicamente o sujeito da ciência masculino, branco e ocidental, com isto, reduz-se drasticamente o espaço de inserção e de representação da mulher, neste caso a mulher cientista.

Como vimos, as ciências construídas no mundo ocidental sofrem uma crítica ferrenha da teoria feminista em relação ao viés androcêntrico, o que não seria diferente no Estado da Bahia, como constatamos no evento intitulado CIÊNCIA COM DENDÊ.

Em 2009 foi organizada pelo Museu de Ciência e Tecnologia – Museu de C&T UNEB, a exposição “Ciência com Dendê - nomes da ciência na Bahia, ontem e hoje” como parte das comemorações da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESP e do Governo do Estado da Bahia, através da Secretaria de Ciências Tecnologia e Educação. Foram expostos 16 quadros com fotografias de figuras importantes do campo das ciências, sendo 13 homens baianos e três homens estrangeiros radicados na Bahia. O que chamou atenção foi que, curiosamente, não havia dentre eles nenhuma mulher, o que despertou na professora Suely Messeder, como pesquisadora que é, o desejo de identificar e dar visibilidade às mulheres baianas, ou àquelas que trabalham na Bahia, que atuam ou atuaram nas grandes áreas do conhecimento, e daí provocar uma reflexão sobre o androcentrismo na Ciência, e em particular, na Bahia. A partir dessa motivação, em 2010, sob sua coordenação, o Grupo Enlace idealiza e coordena uma pesquisa com o título: Mapeamento das Mulheres Cientistas do Estado da Bahia da qual se originou o Catálogo de Mulheres Cientistas e posteriormente o Blog Mulheres Cientistas na/da Bahia, possibilitando que as pessoas conhecessem alguns grandes nomes que, efetivamente, fizeram a diferença para as ciências cujo trabalho influenciou pessoas de diversas áreas.

A metodologia aplicada consistiu em pesquisas na internet, considerando os órgãos e as fundações de pesquisa do governo do Estado da Bahia e do governo Federal, além das visitas exploratórias aos núcleos de pesquisa das universidades baianas e entrevistas com professoras pesquisadoras, coordenadoras de colegiado e diretoras de departamento da UNEB. A metodologia também possui um cunho interativo/colaborativo, uma vez que as pessoas que acessam o blog através do link

<http://mulherescientistas.blogspot.com/p/metodologia.html> poderão responder a um questionário, indicando o nome de uma pesquisadora e/ou mulher com notório saber.

O resultado parcial desta pesquisa encontrou um total de 715 professoras pesquisadoras trabalhando nas instituições públicas de nível superior da Bahia. Dentre esses nomes fazem parte do Catálogo de Mulheres Cientistas: Alda Mota, Amélia Rodrigues, Ana Alice Alcântara Costa, Ana Célia da Silva, Ana Ribeiro, Anfrísia Santiago, Cecília Maria Bacellar Sardenberg, Dinaelza Soares Santana Coqueiro, Dinalva Oliveira Teixeira, Edith Mendes da Gama e Abreu, Efigênia Veiga, Francisca Praguér Fróes¹⁸, Glafira Ramos, Henriqueta Martins Catharino, Ialorixá Stella de Oxossi, Leolina Costa, Leolinda de Figueiredo Daltro, Linda Rubim, Ligia Bellini, Maria José de Castro Rabelo Mendes, Maria Luisa Bittencourt, Marieta Alves, Mary Castro, Niomar Muniz Sodré, Violante Atalipa Ximenes de Bivar e Velasco.

Com isto, pretendo adensar as trajetórias das pesquisadoras baianas na/da Bahia, trazendo para o campo da visibilidade a vida e obra de Teresinha Fróes Burnham, pois como vimos ela se destaca na Educação Baiana, com uma vida pautada na construção de uma educação não segregacionista, imbuída de critérios claros e densos sobre formação de professores, com projeção dentro da Faculdade de Educação – FACED, inicialmente, e ao longo desses quarenta e quatro anos dentro da UFBA, percorrendo as mais diversas disciplinas, finda por envolver-se de maneira muito específica na projeção e elaboração do Doutorado em Difusão do Conhecimento – DMMDC.

Pensando em fazer essa articulação entre ciência e mulheres, e ciente da escolha quanto ao meu objeto central, aquele que norteará esta tese, no capítulo 1 – **A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA: caminhando e cantando e seguindo a canção, aprendendo e ensinando uma nova lição: o desenho metodológico condutor para construção da biografia** – traço o desenho metodológico classificando-o como uma pesquisa com abordagem qualitativa, com uso de recurso tecnológico como o software Iramuteq para análise lexical do material textual. No capítulo 2 – **PRINCIPIANDO A CONHECER TERESINHA FRÓES BURNHAM** – apresento Teresinha Fróes Burnham em sua singularidade. Inicialmente, apresento um texto produzido por ela para a Plataforma Lattes, insuficiente ao meu ver, dada

¹⁸ A cientista em questão é tia paterna da biografada.

as minhas pretensões, e me embrenho a partir daí na prazerosa caminhada de aproximação de uma especial e singular pessoa. Desde o seu nascimento, percorro sua infância, a experiência de haver vivido em uma fazenda, o trabalho coletivo com seus primos e tios, as primeiras letras onde descrevo a experiência tão orgânica de aprender a ler e sua incursão na escola, desde as primeiras séries, o curso médio, o vestibular e finalmente a universidade. Todavia, nessa complexidade de existir não poderia deixar de pensar e discorrer sobre o que deu título a um capítulo desta tese, a mulher mãe, a avó e as estratégias para construir um bem precioso: tempo. Neste capítulo apresento a mulher e suas demandas domésticas, buscando preencher as lacunas deixadas por suas ausências. Apresento seus filhos Mauro e Lisa, reportando-me as suas gestações, infância e a delicada relação de afeto com sua mãe. Discorro sobre sua atuação no mundo do trabalho com uma vida laboral incansável, dedicada à educação, resistindo em algumas poucas vezes, mas, na maioria delas, aceitando convites para trabalhos importantes que influenciariam programas de formação de professores. Eis que mais um capítulo faz-se presente - apresento o futuro, aquilo que está por vir, o porvir. Teresinha constrói enquanto espera. Seus planos e ações para depois da aposentadoria. No capítulo 3 – **ANÁLISE COGNITIVA** – faço uma síntese dos três artigos escolhidos e considerações sobre o conceito, sua origem e primeiras tentativas de conceituação. Leva-nos a pensar em uma educação que contemple as dimensões que abrangem a integralidade do ser, afeto, emoção, corpo e sua subjetividades. Dando continuidade a este capítulo abro dois subcapítulos, sendo o primeiro “**aprendendo Análise Cognitiva com Teresinha Fróes**” no qual a biografada desenvolve uma linha de raciocínio com nomenclatura própria que converge para o trans, ou seja, passagem, movimento. Nos apresenta a tradução, transdução, transitualização, transposição, transferência, conceitos já utilizados na Física e na Biologia, mas que foram ressignificados por ela e seus pares nos grupos de pesquisa. No segundo, busco materializar o que antes teorizava, aplicando conhecimentos adquiridos e construo **Análise Cognitiva do afeto em Teresinha Fróes** com base no seu artigo *Análise Contrastiva: memória da construção de uma metodologia para investigar a tradução de conhecimento científico em conhecimento público*.

2 A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA: caminhando e cantando e seguindo a canção, aprendendo e ensinando uma nova lição: o desenho metodológico condutor para construção da biografia

A partir da música “Prá não dizer que não falei de flores¹⁹”, encontro inspiração para discorrer sobre os caminhos metodológicos percorridos nesta tese. Fez-se necessário percorrê-los, não só para achar o caminho, mas para abrir caminhos, bem a propósito do trecho “aprendendo e ensinando uma nova lição”.

É uma pesquisa com abordagem qualitativa ancorada na produção científica de Teresinha Fróes Burnham. Os caminhos percorridos passam pelas entrevistas para construção da vida e obra da biografada, os artigos produzidos por ela, capítulos de livros, depoimento gravado para o projeto Memória em Vídeo da Educação na Bahia (Educanal/ UFBA) e análise lexical do material textual através do software Iramuteq.

Apostamos nas entrevistas com Teresinha Fróes, que nos rendeu a sua narrativa da infância, adolescência, adultez e maturidade, bem como seus saberes e fazeres acadêmicos. Com isto, a pesquisa foi construída em base colaborativa com a biografada, mostrando-a como uma “sujeita²⁰” e pesquisadora encarnada em sua subjetividade corpórea, representada nas narrativas de si. E como ela sugere: “faça uma tese literária, uma vez que o Grupo Enlace defende uma Ciência Blasfêmica, você junto com a sua orientadora sustentarão esta posição”.

Para oferecer uma visão mais elucidativa do leque de possibilidade que se abriu durante todo o percurso, pensamos ser profícua a elaboração de um quadro sinóptico do material analisado, para então, só depois, discorrermos sobre cada um desses, aqui chamados de percurso. Embora essas seções sejam numeradas, a título de organização, vale ressaltar que todos esses caminhos foram percorridos simultaneamente e se entrecruzavam.

¹⁹ “Pra não dizer que não falei das flores” (também conhecida como “Caminhando”) é uma canção escrita e interpretada por Geraldo Vandré. Ficou em segundo lugar no Festival Internacional da Canção de 1968. Teve sua execução proibida durante anos, após tornar-se um hino de resistência do movimento civil e estudantil que fazia oposição à ditadura militar brasileira, e ser censurada. A canção ficou em vigésimo oitavo lugar na lista das 100 Maiores Músicas Brasileiras de todos os tempos pela revista *Rolling Stone Brasil*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pra_n%C3%A3o_Dizer_que_n%C3%A3o_Falei_das_Flores>. Acesso em: 27/07/2019.

²⁰ Para visibilizar as mulheres na produção do conhecimento de forma propositiva, admito nesta tese o uso da palavra em questão. Geralmente usada para desqualificar a mulher, a expressão “essa sujeita” não deixa dúvidas quanto ao papel da mulher ao qual se refere. Como tantos outros nomes quando usados no feminino mudam completamente seu significado. Logo desejo positivar o termo como parte de pequenas ações que promovem respeito às mulheres.

Quadro 1: Sinóptico do material analisado para compor a tese

Ano	Material	Quantidade	Percurso	Tempo
2017 2018 2019	Artigos escritos por Teresinha Fróes Burnham	18 artigos	Leitura, fichamento, interpretação e escrita.	
2017 2018 2019	Entrevistas	6 encontros	Escuta gravada, transcrições, ajustes, escrita.	15 horas
2018	Software Iramuteq	3 artigos para descrever a produção	Quantificar variáveis qualitativas oriundas de textos transcritos e descrever a produção.	60 dias
2017 2018	Depoimentos ao projeto Memória em Vídeo da Educação na Bahia	18 partes compõem o depoimento	Vídeo fracionado em 18 partes. Transcrição, leitura, interpretação e escrita.	2:35:43 (total)

Fonte: Autora (2019)

2.1 Sobre a seleção dos artigos

Os artigos foram localizados através do Google, na biblioteca da UFBA, em livros, e também cedidos pelo colega Caio Monteiro Melo que fora orientando da professora Suely Messeder, uma vez que ele investiu no legado de Teresinha Fróes sobre Análise Cognitiva na escrita da sua tese “DAS VEREDAS ÀS VITRINES: entre o saber-fazer das artesãs e o design do capim-dourado na Comunidade Quilombola Mumbuca do Tocantins” defendida em 2017 no DMMDC.

O tratamento dado a essas produções passou por uma sequência de ações envolvendo leitura, fichamento e resenha para finalizar em um texto do capítulo Análise Cognitiva em que aparecem os principais conceitos metodológicos dos estudos de Teresinha Fróes Burnham.

As produções científicas referidas foram 18 artigos e uma entrevista, posteriormente publicada na POIÉSIS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado. Universidade do Sul de Santa Catarina – UFSC.

Podemos constatar que a Análise Cognitiva estava presente em seus estudos, objetivando a socialização do conhecimento e a transdução seria uma das formas de tornar compreensível à comunidade ampliada, um conhecimento que até então seria restrito às comunidades epistêmicas.

2.2 Sobre o Projeto Memória em Vídeo da Educação na Bahia

Os vídeos depoimentos da professora Teresinha Fróes Burnham fazem parte do projeto Memória em Vídeo da Educação na Bahia, coordenado pelo professor Nelson Pretto²¹ e foram gravados em 05/05/2015, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – UFBA. São pequenos vídeos com a fala de professoras e professores que marcaram a educação na Bahia. A participação de Teresinha Fróes Burnham foi dividida em dezoito partes com duração que varia em torno de 10 minutos cada uma delas. Todo material do depoimento que tem cerca de 2h e 30 min de gravação foi transcrito por mim, o que me possibilitou apreender com mais fidedignidade o seu conteúdo e algo para além das palavras, por ter na memória a lembrança de certas expressões, risos, exclamações e pausas dos nossos encontros. Esses depoimentos serviram sobremaneira para corroborar com o material da entrevista, constatando fatos e datas, graças a prodigiosa memória da minha biografada.

2.3 Sobre a utilização do Software Iramuteq

Pensando em aprofundar o conhecimento sobre os conceitos difundidos por Teresinha Fróes Burnham, tornou-se urgente compilar os três primeiros textos escolhidos buscando compreender como se dava a incidência de determinados termos, responsáveis pela construção de um arcabouço importante da Análise Cognitiva. No quadro a seguir apresento os textos selecionados.

²¹Projeto desenvolvido pelo grupo de pesquisa Educação Comunicação Tecnologias (GEC), gravado em 05/05/2015, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED - UFBA) e disponível na plataforma - Rede de intercâmbio de produção educativa (RIPE) e <https://noosfero.ufba.br/memoria-da-educacao-na-bahia/teresinha-froes#>

Quadro 2: Artigos selecionados para o Iramuteq

Titulo	Ano de publicação	Base da publicação
Análise Cognitiva: reconhecendo o antes irreconhecido	2012	EDUFBA
Análise Cognitiva: Raízes e primeiras aproximações para sua concepção como campo do conhecimento	2012	EDUFBA
Análise Cognitiva, um campo multirreferencial do conhecimento? aproximações iniciais para sua construção	2012	EDUFBA

Fonte: Autora (2019)

De posse desses conteúdos, surgiu a necessidade de representá-los graficamente, o que se tornou possível com a colaboração do professor José Damião de Melo, doutorando do DMMDC e integrante do Grupo Enlace, autor dos gráficos, ao nos apresentar o software Iramuteq, disponibilizando o Manual do Aplicativo Iramuteq para estudo, criando possibilidades para entender o mecanismo e suas funções. O software Iramuteq - *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* foi criado em 2009 por Pierre Ratinaud.

É um software gratuito de código fonte aberto, licenciado por GNU GPL (v2), que utiliza o ambiente estatístico do software R. Assim como os outros softwares de fonte aberta, ele pode ser alterado e expandido por meio da linguagem Python (www.python.org). Ele é utilizado no estudo das Ciências Humanas e Sociais e utiliza o mesmo algoritmo do software Alceste para realizar análises estatísticas de textos, porém, incorpora, além da CHD - Classificação Hierárquica Descendente, outras análises lexicais que auxiliam na análise e interpretação de textos. (SALVIATI, 2017, p.4).

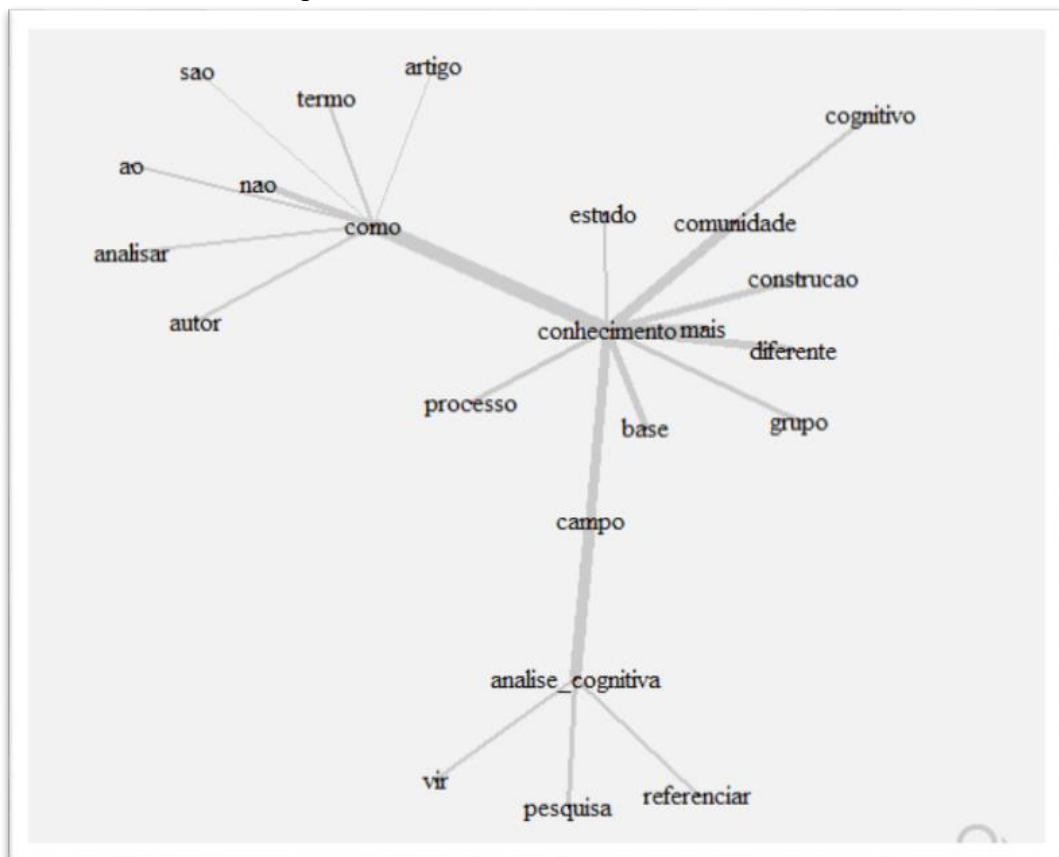
Ao todo temos três artigos e uma entrevista²², deste universo optamos em utilizar os artigos para esta análise mais apurada, resultando numa análise lexical do material textual, restrita ao tema Análise Cognitiva. Ele quantifica variáveis qualitativas oriundas de textos transcritos e descreve a produção.

²² RIO, Jocelma Almeida. Poiésis, Tubarão, v. 5, n.9, p. 173-195, Jan/Jun. 2012.

Nesse momento, posso pensar numa pesquisa de cunho qualitativo, pois os gráficos serão gerados e posteriormente interpretados a partir da interlocução com os textos lidos. Esse é um momento de excepcional particularidade, pois para o/a pesquisador/a significa abranger um universo nunca antes imaginado, nesse jogo de palavras, milhares delas, para ser mais exato, 14 700, formando imagens, além de belas, tão significativas no contexto de entendimento das produções acima referidas.

Abaixo estão relacionados os gráficos originados dos textos, gerados no pacote do R, vinculado ao Iramuteq. O gráfico em primeiro plano, a conceituação e a aplicação ao texto específico.

Figura 1: Gráfico análise de similitude



Fonte: Fróes Burnham (2012)

Figura 2: Gráfico Nuvem de palavras – Resultado Processamento Iramuteq



Fonte: Fróes Burnham (2012)

[...] a análise por meio de nuvem de palavras mostra um conjunto de palavras agrupadas, organizadas e estruturadas em forma de nuvem. As palavras são apresentadas com tamanhos diferentes, ou seja, as palavras maiores são aquelas que detêm maior importância no corpus textual, a partir do indicador de frequência ou outro escore estatístico escolhido. É uma análise lexical mais simples, porém, bastante interessante, na medida em que possibilita rápida identificação das palavras-chaves de um corpus, isto é, a rápida visualização de seu conteúdo, pois as palavras mais importantes estão mais perto do centro e graficamente são escritas com fonte maiores. (SALVIATI, 2017, p.79).

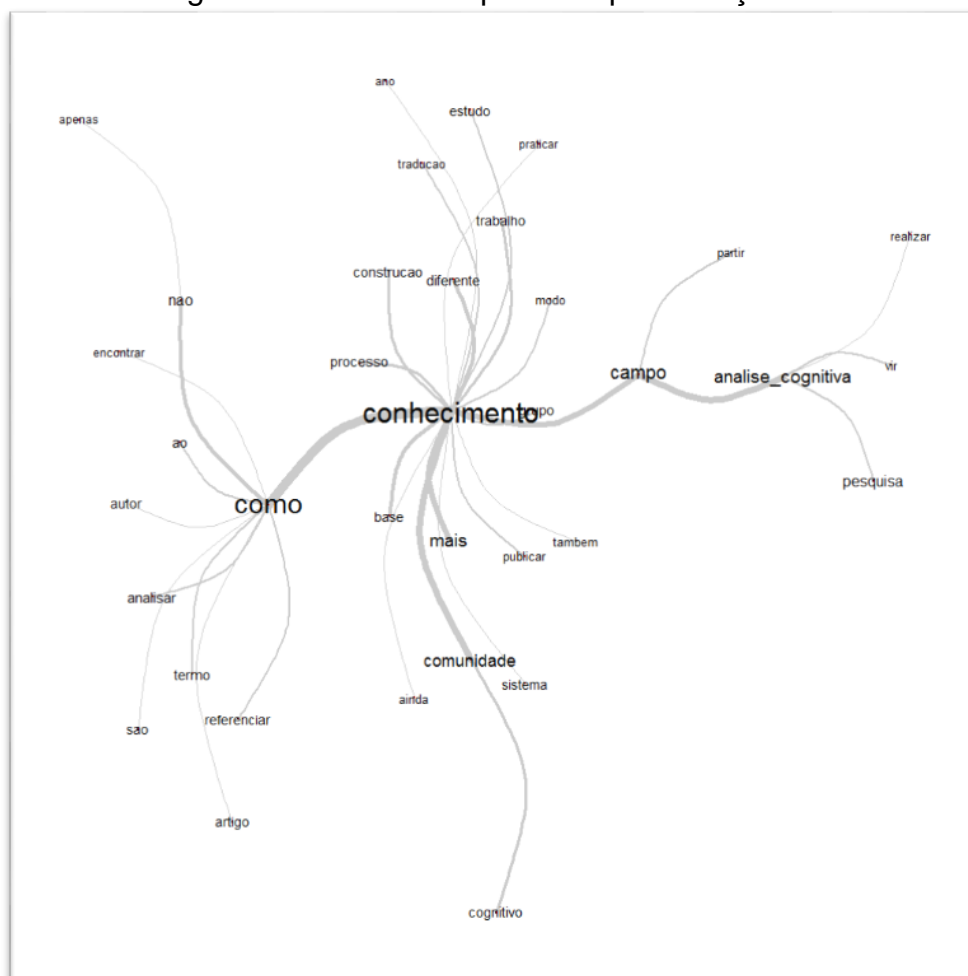
São palavras agrupadas que apresentam diferentes tamanhos, dando-nos a possibilidade de identificar aquelas que denotam maior importância no *corpus*²³ textual. São agrupadas em forma de nuvem. É uma análise lexical simples, mas, ainda assim, podemos identificar palavras-chave de um *corpus*, visualizando rapidamente seu conteúdo, sendo que as mais importantes, aquelas que mostram maior aderência, estão mais perto do centro e aparecem em fontes maiores. Nesse especificamente, conseguimos visualizar a palavra **conhecimento** no centro, como vimos anteriormente ela foi citada 218 vezes, no conjunto dos três textos,

²³ *Corpus* é um conjunto de textos construídos pelo pesquisador e que forma o objeto de análise. [...] Outro exemplo seria um conjunto de 40 transcrições de entrevistas sobre um tema objeto de um estudo de casos.

comunidade, 120 vezes, **Análise Cognitiva**, 81 vezes, o que me dá um panorama bem situado do conhecimento como campo do conhecimento, atuando em comunidades várias²⁴.

[...] No Iramuteq, a análise de similitude mostra um grafo que representa a ligação entre palavras do corpus textual. A partir desta análise é possível inferir a estrutura de construção do texto e os temas de relativa importância, a partir da coocorrência entre as palavras. Ela auxilia o pesquisador na identificação da estrutura da base de dados (corpus), distinguindo as partes comuns e as especificidades, além de permitir verificá-las em função das variáveis descritivas existentes. (SALVIATI, 2017, p.69).

Figura 3: Grafo do Corpus – Representação da

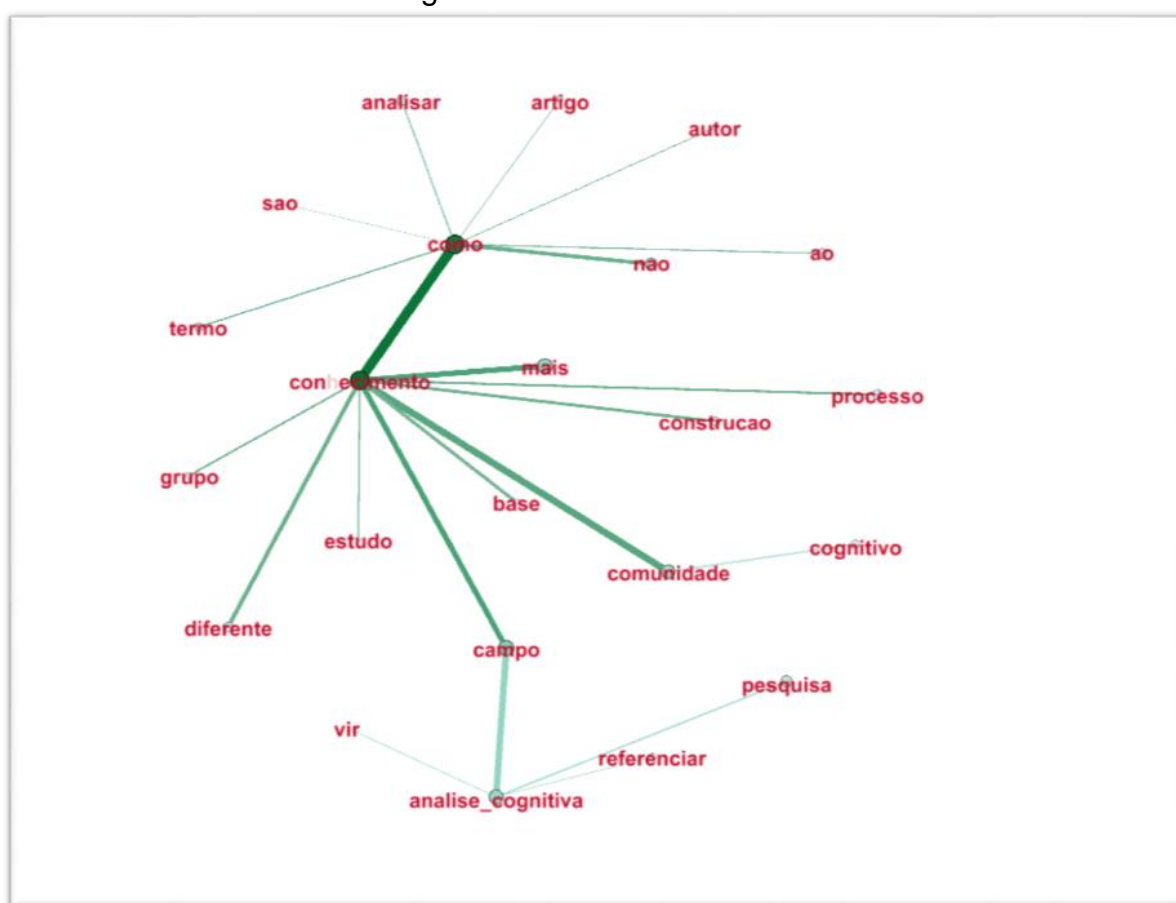


Fonte: Fróes Burnham (2012)

²⁴ Propositalmente digitei as palavras **conhecimento**, **comunidade** e **Análise Cognitiva** utilizando diferentes fontes, respectivamente (14,12,11) para chamar atenção sobre seu grau de importância na análise.

Composta por um núcleo central de onde se originam algumas ramificações, damos-lhe o nome de árvore de coocorrência. Do núcleo central descendem ramificações. Podemos na nossa análise verificar os ramos que apresentam maiores graus de conexão com o núcleo. Podemos observar que a palavra conhecimento é a que representa o núcleo central e que suas ramificações com maior conexão são Análise Cognitiva e campo, logo, podemos pensar em Análise Cognitiva como campo do conhecimento.

Figura 4: Rede de Conceitos



Fonte: Fróes Burnham (2012)

Destarte, conseguimos descrever um caminho metodológico que enlaçasse e analisasse sua produção científica, de vital importância, mas ainda assim, valorizando as vivências que permearam uma vida em suas diversas fases, apreendidas nas entrevistas, cabendo salientar que aconteciam simultaneamente.

Acima descrevemos um caminho metodológico que acolhesse e analisasse sua produção científica, abaixo falamos do clima das entrevistas.

2.4 Sobre as entrevistas

Sempre com contato prévio combinamos um dia, horário e local sugerido por ela. Desde o início nossos encontros foram na sua casa. Demonstrou bastante receptividade à minha proposta e muita disponibilidade de contribuir com a minha produção. Em nosso primeiro encontro, apesar de já nos conhecermos, era algo novo para Teresinha que sua vida e obra seriam o meu objeto de pesquisa. Demonstrou sentir-se lisonjeada, até em dúvida se teria toda essa representatividade a ponto de merecer ser assunto de uma tese inteira. Então, foi por essa representatividade que eu estava muito ansiosa. Falei inicialmente sobre o que eu desejava/precisava fazer e depois desandei a falar, sem virgulas, sobre questões que naquele momento eram angústias minhas. Ao transcrever essa gravação, e com as observações da minha orientadora, pude perceber que minha postura não foi apropriada para aquele momento.

O/a pesquisador/a deve manter-se atento, buscando apreender o máximo daquele instante, que embora venha a se repetir, jamais será o mesmo. Haverá outras nuances, outra atmosfera, logo outro jeito de dizer e ouvir. Teresinha ouviu educadamente aquele desabafo, dando-me oportunidade de fazer uma reflexão para nos encontros seguintes ter uma postura mais ética. Sobrevivemos a esse primeiro encontro e os outros foram mais tranquilos, porque descobri o verdadeiro lugar de quem entrevista, ou de quem dialoga: o espaço da escuta.

Segundo Roberto Cardoso de Oliveira faz-se necessário o cuidado de não dissociar o olhar e o ouvir no contato com a/o sua/seu interlocutora /interlocutor já que elas se complementarizam, criando assim um melhor resultado na sua pesquisa

[...] Evidentemente tanto o Ouvir quanto o Olhar não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação. Ambos se complementam e servem para o pesquisador como duas muletas (que não nos percamos com essa metáfora tão negativa ...) que lhe permitem caminhar, ainda que tropeçadamente, na estrada do conhecimento. A metáfora, propositadamente utilizada, permite lembrar que a caminhada da pesquisa é sempre difícil, sujeita a muitas quedas. (OLIVEIRA, 1996, p.18).

Repensando esses contatos, podemos falar da atmosfera em que ocorreram esses encontros, previamente agendados. Foram seis encontros com duração de

cerca de duas horas cada um deles, gravadas com sua permissão. Essas entrevistas foram transcritas por mim, o que me auxiliou, sobremaneira, pela possibilidade de apreender e confirmar detalhes do relato, visto que há pausas, silêncios e lacunas que dão sentido a certas expressões usadas, esclarecem em que contexto ocorreram os fatos, dando luz sobre essa vida, singular, como tantas outras, mas em especial, esta, por caber a mim traduzi-la.

Utilizo a entrevista não estruturada como opção metodológica por oferecer à entrevistada liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar amplamente as questões. As perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal. No entanto, alguns cuidados tornam-se indispensáveis para obter dados importantes durante uma entrevista. Embora o roteiro possa dar um norte, não obrigatoriamente ocupará todos os espaços, tornando-se necessário ficarmos atentos a diversos aspectos relevantes nessa interpelação com nosso interlocutor, sobremaneira porque segundo Maria de Lourdes Soares Ornellas

[...] a fala tem vacilos, equívocos, lapsos, esquecimentos, camuflagens, inferências, afetos, tons, pausas, silêncios reticências etc. Cabe também ao pesquisador, ficar de olhos e ouvidos atentos para entender o dito e o não dito, o dito e o dizer (enunciado e enunciação) que está visível e invisível a olho nu. Então indago: quando o sujeito fala, fica claro? (ORNELLAS, 2015, p.2).

Vale salientar que todos esses caminhos, dialogando entre si, encontravam-se o tempo inteiro, porque o destino era único, logo, aconteciam simultaneamente, agregando o que faltava para melhor conhecer e finalmente transduzir da forma mais apurada possível, aquela pessoa.

Precisava agregar aos meus saberes aspectos relevantes sobre sua vida, que contemplassem sua infância, juventude, maturidade, e que contribuíssem para a construção da mulher, pesquisadora, professora Teresinha Fróes Burnham. Nesse aspecto, configura-se a narrativa autobiográfica, pois são lembranças de si em fases diversas que constituíram o corpo do texto reconhecido como biografia.

Embora a vida de alguém não possa ser restrita ao seu Currículo Lattes, decido começar por ele, ainda que nos apresente Teresinha Fróes Burnham de forma tão condensada, nos informa sua formação e funções desempenhadas ao

longo uma vida laboral tão intensa. Esse currículo cumpre o que promete, mas para nossas pretensões é muito pouco, logo seguiremos adiante, por ensaio e erro, seguindo nossa intuição.

3 PRINCIPIANDO A CONHECER TERESINHA FRÓES BURNHAM

Conhecer é um ato de inteligência, demanda algum esforço, uma certa organização, desejo de conhecer e coragem para adentrar um mundo vasto e profundo, até então desconhecido. Mas nada é tão profundo assim, e, se profundo, antes, faz-se necessário nos aventuramos na superfície, nas margens, no espelho d'água que nos impede de ver a profundidade por insistir em refletir a nossa imagem. Todo esse preâmbulo para apresentar o meu primeiro contato, na tentativa de saber mais de Teresinha Fróes Burnham, através da Plataforma Lattes, em um texto escrito por ela e mais adiante desdobrado por mim em suas subjetividades. Porque só ele me disse muito pouco, não me falou do ser, dos desejos, dos amores, das delicadezas e da sua humanidade.

3.1 Trajetória (In) Formativa²⁵

A trajetória (in) formativa desta pesquisadora começa com a graduação em História Natural (atual Ciências Biológicas) na Universidade Católica do Salvador – UCSAL (1968), continua com o mestrado em Educação, na Universidade Federal da Bahia (1976), o doutorado em Filosofia na *University of Southampton*, Inglaterra (1982) e o pós-doutorado em Sociologia e Política do Currículo, na *University of London* (1997). Viveu experiências profissionais como professora de Ciências da escola fundamental e de Biologia na escola média, na rede pública da Bahia (1968-1972) e como professora-produtora para cursos à distância no Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia – IRDEB. Professora-associada Nível IV, da Universidade Federal da Bahia, fundadora, primeira coordenadora e docente-pesquisadora do DMMDC, da Rede Interativa de Pesquisa e Pós-graduação em Conhecimento e Sociedade – RICS, rede de pesquisadores das sete Instituições de Ensino Superior – IES, que compõem o DMMDC fundadora e ex-coordenadora da Câmara Interdisciplinar da FAPESB, além de consultora da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, tendo participado da fundação e atuado na Comissão de Avaliação da Área Interdisciplinar. Atuou na Rede Cooperativa de Pesquisa e Intervenção em (In) formação, Currículo e Trabalho – REDPECT e no Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Currículo, Ciência e Tecnologia – NEPEC. Desenvolveu pesquisas nas áreas de Análise Cognitiva,

²⁵ <https://noosfero.ufba.br/memoria-da-educacao-na-bahia/teresinha-froes#>

Ciência da Informação e Educação, com ênfase na relação conhecimento e sociedade, principalmente, nos seguintes temas: tra(ns)dução do conhecimento, currículo, trabalho, espaços de aprendizagem, construção, gestão e difusão do conhecimento.

Feita as devidas apresentações, posso agora discorrer livremente sobre minha biografada, pontuando as diversas fases que compõem o desenvolvimento de uma pessoa, sem esquecer que daqui em diante estaremos atentos aos sinais que informam, complementam e finalizam (se é que isso é possível em algo tão dinâmico como uma vida a ser contada). Em seu texto “Análise do Discurso”, Ornellas toma como referência Eni Orlandi (1999) e discorre sobre as sutilezas e delicadezas na arte de interagir ouvindo

[...] Para ouvir a fala do sujeito é preciso saber sentir os tons, as pausas e os ritmos, de preferência sem pressa, para que as falas tomem forma e sentido. A fala é como um desenho, composto por um conjunto de linhas e contornos, em que o falante representa, traça, projeta e manifesta o que sente e também o que não sente. É um trabalho cuidadoso. (ORNELLAS, 2015, p.2).

E assim foi, uma entrega, uma inteireza, uma disponibilidade recíproca de dar e receber. Eu, no meu papel de apreender o máximo de conhecimento, e ela, seguramente, generosamente, abrindo uma vida a ser conhecida, dali em diante por muitas outras pessoas.

3.2 Do Nascimento à Infância na Fazenda

Necessariamente, a vida de alguém tem começo, meio e fim, exata e definitivamente nesta ordem, embora nos recusemos a falar sobre tal evento considerado literalmente funesto: o fim. Mas aqui, por agora, desejo falar do começo. Começo sim, esta é a ordem natural das coisas, a gênese de todo movimento desejoso de fazer parte da dinâmica que é viver. Teresinha nasceu Fróes, em Salvador, capital da Bahia, em um sobradinho que fica na esquina da rua Paulo Autran com a Avenida Sete de Setembro, em frente, ou como dizem os baianos, bem ali, defronte à Igreja do Rosário, no ano de 1947, em um mês, janeiro, que indicou seu signo: capricórnio. Edite Alves da Silva e Antônio Ribeiro Araújo Fróes criaram o esboço desse projeto de existir. Alguém, uma pessoa no mundo, do mundo. Sequer sonharam onde chegaria sua criação.

Teresinha Fróes Burnham passou parte de sua infância perto de Conceição do Jacuípe, em uma cidade do interior da Bahia, na fazenda do avô João Hipólito da Silva, o que chama de “minha grande escola de vida”. Sua avó Amélia Alves da Silva tinha uma ligação muito forte com o pai, e ela era a matriarca autoritária que organizava tudo e uma mulher com uma sabedoria muito grande. Esses são os seus avós maternos. Sua avó provinha de uma mãe cuja origem era de escravizados angolanos e pai português, já seu avô, de uma mãe francesa e pai indígena de uma nação desconhecida. Seus avós paternos Emília de Freitas Fróes com pai e mãe de origem espanhola, e Pedro Ribeiro Fróes com origem holandesa e alemã.

Sua ligação com a natureza faria com que anos depois elege-se a Biologia para sua graduação. Teresinha analisa essa fase da sua vida e como influenciou na sua escolha profissional

Eu tenho a impressão que a minha ligação com a Biologia ela é muito por conta da minha infância porque eu fui criada em uma fazenda né no interior e era uma coisa assim ...era uma vida muito ligada à natureza, mas muito ligada mesmo! (FRÓES BURNHAM, 2017).

Cresceu cercada por uma grande família, uma família estendida com avós, tios, mãe, irmão e primos de variadas idades, alguns até dez anos mais velhos que ela, em que tudo era muito socializado, sem senso de propriedade, tudo pertencia à família. Teresinha só tem um irmão por parte de pai e mãe, e mais seis irmãs por parte de pai.

Em algum momento nesse período tentou ter algo só para si, no que foi atendida, como forma de fazê-la compreender que algo não era só dela. Era junho, festa de São João, uma tia estava fazendo um bolo, em uma forma enorme em formato de carneiro. Para cobrir esse bolo ela fez uma grande quantidade de glacê e o que sobrou foi desejado por todas as crianças, mas ela logo disse: “o glacê é todo meu!”. A tia concordou, sim, o glacê é todo seu!. Bem que ela tentou comer todo o glacê, ainda foi ajudada por uns copos de água, mas a missão se tornou impossível. Aprendeu que nunca mais deveria dizer que algo era todo dela.

“Trabalho de criança é pouco, mas quem o perde é louco”²⁶

A fazenda não era uma propriedade muito grande e seu avô, de ascendência indígena, era agricultor de fumo e café. Teresinha explica o passo a passo que sua família utilizava para o cultivo de fumo

Meu avô plantava fumo e a gente tinha uma relação muito grande porque o processo do fumo é um processo muito complexo e a gente além de participar da sementeira, de acompanhar, de limpar, porque uma coisa que eu achava interessante nessa época era o cuidado que se tinha com a lavoura em termos de se limpar tudo. Você plantava e não deixava. Você estava permanentemente em contato. E... depois na época da colheita você tinha que colher, depois de colher pôr para secar, depois de secar, você fazia o que se chamava dar mão de fumo. Que era a gente se organizava em linha que era para poder ir armazenando, contando as folhas e pondo juntas e deixando pra ficar numa outra instância que não era mais o secar. (FRÖES BURNHAM, 2017).

Isso me faz pensar na analogia que posso fazer entre plantar fumo e fazer pesquisa. Há um ordenamento, algo sequencial que possibilita uma boa colheita/escrita. Colher, pôr para secar, dar mão de fumo que era aquela etapa que as pessoas se organizavam em linha que era para ir armazenando e contando as folhas e pondo-as juntas e, ainda, havia uma última instância que não era mais o secar. Ela descreve o processo de plantar fumo como uma atividade complexa, de não deixar, ou seja, não poder se afastar do local, e principalmente, estar permanentemente em contato, enfim, viver o processo/escrita. Contar as folhas de fumo/páginas pondo-as juntas/numerá-las e finalmente colher os frutos de tal empenho e dedicação.

Todos trabalhavam e era como se fosse uma grande brincadeira, pois as atividades do dia a dia eram feitas em conjunto, e nenhuma ajuda era rejeitada. Todos viviam em torno da lavoura nos momentos em que não estavam na escola.

²⁶ Slogan de um anúncio que se publicava há meio século na imprensa rural portuguesa com o desenho de um petiz, devidamente descalço, lançando punhados de adubo a terra lavrada. À época uma crítica ao trabalho infantil, embora no contexto da fazenda o trabalho fosse prazeroso. Essa frase era repetida por D. Edite (mãe) ao referir-se à importância de contar com todos para ajudar nas tarefas da fazenda. Reflito que a fala de D. Edite foi uma repetição mediante a frase ter se tornado um ditado popular. Disponível em :<http://expresso.sapo.pt/opiniao/opiniao_o_mundo_dos_outros/o-trabalho-do-menino-e-pouco-mas-quem-nao-o-aproveita-e-louco=f156355#gs.Rpm=QNC>. Diário Expresso. 2007. Acesso em: 18 mar 2018.

Ainda havia por lá uma grande roça de subsistência, então toda comida saía de lá: boi, carneiro, bode, galinha, pato, peru, as carnes todas e mais legumes, tubérculos e raízes.

Nesse contexto viviam harmonicamente, como uma grande família, desfrutando desse espaço de vida saudável. Cada um com suas atribuições, que envolviam também as crianças, embora houvesse a rotina da escola e das atividades que a ela pertenciam. Filha de professora, vivia em uma casa cercada de professoras e em contato com diversas linguagens culturais, possibilitando o que no futuro sedimentaria uma experiência de viver sensível e voltada para a atenção ao outro.

O tempo não era linear e, segundo Teresinha, era um tempo sazonal, porque viviam em função da lavoura. Havia a época de limpar os pés de milho para poder fazer a colheita, limpar os pés de amendoim, preparar a terra para semear o milho no mês de março. Havia nesse espaço da fazenda um lugar chamado “quintal de dentro” que era uma parte cercada, próximo da casa que era bem grande, onde havia as leiras de saladas da sua avó. De lá saía parte da alimentação consumida pela família. Podemos dizer que se tratava de uma agricultura de sobrevivência. Sua bisavó que era de ascendência africana tinha um conhecimento de folhas e medicina tradicional muito forte e todos ajudavam na colheita das folhas, não sem antes pedir permissão à floresta, às árvores, aos arbustos ou às plantas rasteiras, fazendo parte desse ritual também uma invocação para pedir essa licença e só então iniciava-se a colheita.

Atualmente, Teresinha também estuda fitoterapia como forma de auxiliar no atendimento às pessoas. Essas duas pessoas, avô e bisavó, ligadas a terra e que originalmente vinham de culturas ancestrais, propiciaram a Teresinha essa ligação com a terra.

Na fazenda não havia luz elétrica, usava-se um candeeiro e a ideia era reunir o maior número de pessoas no mesmo lugar para não circular com esses candeeiros pela casa por receio de causar um incêndio, pois eram abastecidos com querosene. Teresinha lembra que era uma vida rica de distrações e conversas, pois nas noites de lua ficavam na varanda da casa, meninas e meninos no jardim e os adultos na sala ou na varanda, e, segundo Teresinha talvez fosse uma vigilância discreta no comportamento das crianças e jovens.

Havia uma intenção de preparar esses jovens, criando interesse por diversas áreas, envolvendo inclusive as artesanais, e isso promovia também o despertar da sensibilidade. Aprendiam bordado, crochê, tricô e tapeçaria. Dona Edite era uma artista e estimulava isso, sugerindo que todos participassem, trabalhando com quadros para representar a padroeira, fazendo arranjos com flores secas e o que mais surgisse em termos de arte. Todas essas vivências levam Teresinha a pensar que “era uma coisa sem dúvida tão íntegra e integrada que eu ficava assim (pausa) era o que se fala hoje de educação integral, está até fora de moda, mas aquilo a gente vivia”.

Havia uma vida cultural intensa com todas as comemorações a que tinham direito. Organizavam quadrilhas de São João, festa de primavera, festa de final de ano, teatro, jogral e coral. Era o único centro que aquela população tinha. A escola ficava aberta aos sábados e domingos para as pessoas que desejassem comemorar aniversário e ainda havia os bailes embalados pelo gramofone do avô da Teresinha, movido a corda, tocando disco de vinil conhecido como LP (*long play*). *Era maravilhoso!*

3.3 Das primeiras letras à Universidade

Suas lembranças são fortes e cheias de emoção. Muito enfática ao falar da sua experiência nas escolas que frequentou e as atividades envolvidas nesses espaços. São suas as palavras quando questionada sobre a atividade de estudar

[...] adorava, amava, amava estudar. [...] Eu começava a ler um livro, não queria almoçar, não queria dormir, não queria fazer nada. Era uma confusão em casa. Era um prazer tão grande que eu tinha que me absorvia ali e eu acho que meu mundo todo foi criado pela leitura. [...] era muito assim a ligação com a terra e com os livros, meus dois grandes amores. (FRÓES BURNHAM, 2017).

Embora não se lembre exatamente quando aprendeu a ler, tem lembrança de quem estava com ela no processo de aprender a escrever e em que momento se deu essa aprendizagem

Eu não me lembro quando aprendi a ler, eu não lembro de jeito nenhum. Eu me lembro de escrever, aprender a escrever, minha mãe segurando a minha mão, eu sentada numa mesa, eu devia ser muito pequena porque eu via aquela mãozona enorme segurando minha

mão e eu ficava vendo o caderno assim quase que junto com meu olho. E a imagem que eu tenho é ela segurando minha mão para fazer as palavras. Tanto que dizem, diziam, que minha letra parecia muito com a letra da minha avó, que era muito bonita. Uma mesa alta e uma mão grande cobrindo a minha mão e me ajudando a escrever: única imagem que eu tenho. Tão natural, tão orgânica que eu não me dei conta de quando aprendi a ler. (FRÓES BURNHAM, 2017).

Não lembra de haver sido alfabetizada de maneira formal e sistematizada. A primeira escola chamava-se Gameleira, ficava em uma fazenda vizinha, na fazenda de Antônio Cirilo, onde sua mãe era professora e para onde iam e voltavam juntas, a cavalo. Dona Edite chegou a ter até oitenta alunos nessa escola multisseriada na qual as crianças menores que chegavam para aprender eram assistidas pelas que estavam no 5º ano. Naquela época as escolas rurais tinham o 5º ano.

Era uma única sala com um banheiro do lado de fora e uma grande área ao redor que era explorada pelas brincadeiras de furão, bola de gude e bola de meia. Não havia distinção entre as brincadeiras de meninos e meninas. Brincavam de amarelinha, corda, roda, o que para Teresinha “era uma coisa maravilhosa”! No interior era desenvolvido um trabalho integrado a ponto de não haver diferença entre comunidade e escola. Como havia muito espaço, era usado como um centro social onde ocorriam casamentos, havia uma igreja, teatro aos sábados à tarde, dança, e aos sábados pela manhã (atividades culturais) audição de música, recital de poesia, leituras dramáticas, ensaio de teatro e ao final do ano encenavam uma grande peça, com alunos. Todos esses eventos tinham a aprovação e participação da comunidade.

A família precisou vir para Salvador em 1954, depois que surgiram problemas com a bolsa de valores e com a baixa cotação, a fazenda precisou ser vendida. Momento importante para a família, de grandes mudanças que demandavam adaptações. Vieram então morar na Estrada Velha do Aeroporto, em um sítio onde continuaram a cuidar da terra, a plantar e a colher, embora em menores proporções. Logo a vida voltaria à sua normalidade. O trabalho no sítio, agora um espaço de proporções menores, crianças na escola e esperança de dias melhores.

Ao vir para Salvador, cursou o 3º e 4º ano na Escola Paroquial da Boa Viagem, ligada à Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem. Dessa época ficaram lembranças significativas de uma professora “*maravilhosa*” chamada Lurdes Ogando e Mathilde Silva Santos.

Concluiu o 5º ano em uma escola localizada no bairro de São Cristóvão, nas proximidades do Aeroporto, de nome Visconde de Mauá. A Visconde, como era conhecida, tinha uma típica arquitetura de escola rural: duas salas, um pátio no meio. Era o grande centro cultural daquela área. Devido a sua localização perto da Base Aérea, a escola recebia apoio de militares para as atividades de educação física, e as crianças praticavam várias modalidades de esporte, como vôlei, basquete, baleado (brincadeira desconhecida no interior), corrida de saco. Nesse espaço da escola havia até uma área de barro vermelho onde fizeram um campo para futebol. A cada semestre eram realizados dois grandes eventos: a festa de São João e as festas de final do ano. Além dos esportes, aos sábados havia arte (bordado, pintura, modelagem de gesso, trabalho de madeira, dobraduras, flores de papel) e apresentação de toda parte artística que a escola havia realizado durante a semana.

Oriunda de uma família de professoras, e com um avô muito ligado à igreja católica, nada mais natural que a família se envolvesse com as atividades daquela comunidade através de Dom Augusto, que à época desenvolvia um trabalho de catequese do qual sua mãe fazia parte como catequista. Penso que esse convívio e seus exemplos tenham despertado na criança de então, ao adulto de hoje, o desejo de trabalhar com comunidades, como Dona Edite, sua mãe.

Como havia aula até aos sábados e nem todos as/os professoras/es iam todos os sábados, e, sim, de 15 em 15 dias, configurava-se então um revezamento e eles tinham dois sábados de folga por mês. Sobre isso, Teresinha considera importante pontuar que ações assim representavam um avanço quando algo tão novo, à época era trabalhado nessa escola

[...] Será que valeria dizer que isto ocorria por conta do trabalho solidário que a escola desenvolvia, poupando algum tempo dos professores que moravam em Salvador? A escola só funcionava pela manhã aos sábados e só metade da/os professores/as iam participar daquele trabalho de integração interdisciplinar (numa época em que nem se pensava nisso!), pois se apresentava o resultado do que era estudado em Português, Artes, Trabalhos Manuais, Matemática (desenhos e modelos 3D de figuras geométricas, por exemplo) e Educação Moral e Cívica. (FRÓES BURNHAM, 2017).

Havia um projeto para cuidar da formação desses alunos em termos de conteúdo específico. Era comum realizarem sabinas e as salas eram divididas em dois grupos, um perguntava e o outro respondia. Toda pergunta era anotada e toda resposta era anotada. Acertos e erros. A geral era mostrar os equívocos tanto nas perguntas quanto nas respostas. Teresinha lembra de professores que marcaram sua passagem pela Visconde, como Rute, Waldir Oliveira, educador conhecido na Bahia e Bernadete até o 5º ano. Tempos depois escreveria um artigo sobre suas lembranças e recuperação da história da Visconde, publicado pelo Instituto Anísio Teixeira – IAT²⁷.

Na Visconde Teresinha aprendeu valores importantes que criaram eco ao longo da sua vida, como a questão da interação e da equidade. Das suas lembranças surge então aquele dia da merenda coletiva, propiciando a todos um lanche abundante e diversificado. Em uma dessas lembranças ela contextualiza a ação da escola

[...] Eu me lembro uma das coisas importantíssima era a questão da merenda. Tinha crianças que não tinha merenda pra levar. No fundo do pátio havia uma grande mesa e as crianças que traziam algum alimento, silenciosamente os colocavam naquela mesa. D. Maria, auxiliar de serviço e a diretora dividiam e os professores se cotizavam pra complementar frutas. No final todo mundo merendava era uma merenda muito idêntica pra todo mundo e ninguém sabia o que o outro levou. Anos depois vim compreender, me ensinou muito a questão da interação e equidade. (FRÓES BURNHAM, 2017).

Penso diante desses dados, que a Visconde foi uma escola com uma gestão humanizada e visionária. Outra ação importante pensada pela gestão da Visconde foi a de instituir o dia sem farda para que a família tivesse tempo de lavar e ir limpas no dia seguinte. As crianças tinham somente uma farda.

Havia na escola a caixa escolar com a verba pública. Para arrecadar dinheiro realizavam o que chamam de leilões americanos. Os lances eram no valor de centavos ou unidade da moeda da época. Era usado um cronômetro que ao tocar, quem tivesse feito o último lance ganhava uma caixinha. Recolhia o dinheiro para ajudar a escola a complementar a merenda.

²⁷ FRÓES BURNHAM T. Revisitando a visconde: uma experiência de educação integral numa escola integrada na comunidade. Cadernos IAT, v. 01, p. 15-31, 2007.

Visconde marcou profundamente a menina Teresinha. Suas palavras ao se referir a esse período: “Foi muito marcante, era fantástica!”. Tem na memória de forma nítida o nome de vários/as de seus/suas colegas, pontuando que a maioria teve acesso à universidade, trabalhavam ocupando cargos de gerência, de encarregados, destacando-se de outros da comunidade que permaneceram em funções outras. Alguns anos depois, já graduada, participando de um projeto chamado “Faz escola quem vive escola”, em uma escola em Mussurunga, bairro de Salvador, próximo ao Aeroporto, reencontrou quatro colegas. E foi um momento especial diante da possibilidade de rememorar muita coisa que haviam vivido. Passaram a fazer um levantamento das/dos colegas e nomes começaram a ser citados como o de Nefetit Oliveira, então advogada, Sonia da UCSAL, e outro gerente da Varig, gerente de rede de postos de gasolina, e várias professoras primárias.

Teresinha permaneceu na Visconde até 1957, a partir daí fez exame de admissão, aquele específico para ingressar no antigo ginásio, hoje fundamental II, e então foi ser aluna do colégio estadual João Florêncio Gomes, à época sob a direção da professora Isaunita da Costa Lisboa e do professor Edson Nunes da Silva.

O João Florêncio Gomes era um colégio de bairro, ficava na Ribeira, na península itapagipana, como até hoje é conhecido o local, na cidade baixa, já que originalmente há essa divisão em Salvador entre cidade alta e cidade baixa, tendo como parâmetro comparativo o Elevador Lacerda, que faz essa conexão entre a parte baixa e a parte alta, ponto turístico da cidade, localizado na área do Comércio.

Como aluna dessa escola, pela primeira vez Teresinha viu um vice-diretor negro. Pensando sobre isso, o que hoje nos parece comum, visto que moramos na capital considerada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a capital negra do país, à época essa raridade aparecia pelas condições mínimas para permanência dessa população na escola e ausência de políticas públicas que minimamente oferecessem respaldo para evitar as evasões.

Refere-se a ele como um grande intelectual que a Bahia teve, chegando a ser conhecido no Brasil como estudioso do Candomblé. O professor Edson era uma pessoa de importância fundamental na escola pela sua habilidade de mediar conflitos em sala de aula. Essa escola tinha uma proposta importante de formar cidadãos, e todo um trabalho com a formação do leitor. O que de sobremaneira

chamou a atenção de Teresinha foi o fato da educação física ser em um turno oposto e podia ter contato e conhecer muitas pessoas, “todo mundo”, como diz ela. E finalmente, para aumentar o encanto pela nova escola, era o fato de ter um Grêmio que funcionava com muita efervescência. Convocava pessoas e realizava grupos de estudo com alunos de séries mais adiantadas.

Teresinha vai para o Severino Vieira, localizado no bairro de Nazaré, na 4ª série de ginásio, correspondente à 8ª do fundamental II. São palavras suas: “a questão política no Severino era o máximo”. No Severino Vieira, de maneira especial ficou marcada pela presença do Professor Armando Costa, que lecionava Ciências e Biologia. Tem boas lembranças de professoras e professores que marcaram sua vida. Lembra de Belmira Santos, de Português que a acompanhou até o 3º ano do colégio.

Não podendo concluir o curso médio no Severino Vieira, pois seu curso foi retirado do colégio, Teresinha foi para Colégio Central ou Colégio da Bahia que à época era referência para os alunos que pretendiam ingressar na universidade nos cursos que exigiam conhecimentos de Física, Química e Matemática.

Nessa fase da sua vida, Teresinha já demonstrava interesse em participar do movimento político encabeçado pelos estudantes, sendo esse desejo bastante estimulado pelo fato de haver na sua escola um Grêmio estudantil muito atuante que promovia reuniões profícuas, que, sobretudo, ajudaram a estabelecer posições políticas para sua vida. Crescendo e convivendo em uma família de professoras, Teresinha relata que sua família sempre foi muito envolvida com a política. Lembra do seu avô como uma pessoa branda, firme, justa e que abominava injustiças. Em sua família era muito importante eleger pessoas significativas que pudessem promover mudanças sociais e à época foi Rômulo Almeida que marcou muito como político, por ter compromisso e mostrar-se sereno e encantado, principalmente, com as crianças da família.

Seu pai era anarquista²⁸ e esse seu lado acabou por influenciar Teresinha, marcar, melhor dizendo. Penso que esse veio político teve origem nessa experiência

²⁸ O anarquismo é a ideologia dos anarquistas; os anarquistas são os partidários da Anarquia; a Anarquia (do grego *anarkhia*) é a ausência de governo, a ausência de autoridade instituída, a ausência de chefes permanentes num grupo humano. Pode-se interpretar a Anarquia de modo negativo ou positivo. Ela é amiúde condenada sob o pretexto de que conduz ao caos, que a liberdade depende da autoridade, que a sociedade depende do Estado, que a ordem depende de outras ordens, as regras de governantes e a lei de legisladores. Ela pode, bem ao contrário, ser positivamente esperada, pois permitiria à sociedade libertar-se do jugo do Estado e à humanidade da

de seu pai. Considera-se anarquista concebendo “anarquismo uma das correntes políticas mais férteis, mais propositivas, mais preocupada com o ser em si do que qualquer outro”.

[...] Eu acho que eu sou anarquista. Eu não sou uma anarquista radical, talvez, mas eu... enquanto puder ser contra as estruturas, ser contra as amarras, acho que o Estado é um horror, perigo para uma população, responsabilidade individual é algo fundamental na vida de qualquer cultura, grupo, nação qualquer considero que os princípios são muito fortes muito profundos. (FRÓES BURNHAM, 2018).

O fato de estudar em uma escola que tinha um Grêmio funcionando com muita efervescência, convocando encontros para grupo de estudos, de séries mais adiantadas que a dela, serviu como uma mola propulsora para estimulá-la desde muito cedo a ler Karl Marx, reconhecido como filósofo, sociólogo, jornalista e revolucionário socialista. Teve seu primeiro contato através de histórias em quadrinhos sobre a situação política. Ao chegar em casa com esse material dona Edite perguntou do que se tratava e considerou uma pena ser naquele formato, pois deveria ser um texto corrido para melhor interpretação. O presidente do grêmio era um líder estudantil que recebia um material de Cuba, sobre marxismo, com pretensões de começar um trabalho de doutrinação e iniciação política. Quando o pai de Teresinha soube desse material resolveu que ela aprenderia Marx lendo Marx e levou até sua casa um filósofo, conhecido seu, o que foi bem significativo para sua formação política. Lia Marx embora inicialmente não entendesse “patavina”, daquela linguagem considerada “dura”. À época com catorze anos. Só um ano mais tarde começaria a compreender.

Há um episódio anterior a essa data quando Teresinha e um grupo de colegas estavam sentados na frente do Colégio Central, à época uma rua sem prédios, a escola não tinha grades, apenas um muro baixo, quando passou por ali um jipe do exército, creio que era uma rotina em tempos tão obscuros... Adalberto, o líder estudantil, gritou palavras ofensivas o que motivou uma reação. Foi ouvida uma freada brusca, o militar que dirigia o jipe engatou uma ré e voltou. Foi uma correria, não acreditaram que aquilo estava acontecendo, e o risco que estavam correndo. “Foi trágico!”.

autoridade, ao mesmo tempo encorajando a espontaneidade, a autogestão, o apoio mútuo e a liberdade autêntica. O anarquismo é a teoria política do que denominaremos anarquia positiva.

Essas manifestações eram comuns nesse período da política brasileira em que os militares conduziram o país. A história do Brasil ficou marcada através da prática de vários Atos Institucionais que criaram no país a censura, perseguição política, supressão de direitos constitucionais e a repressão aos que se opunham ao regime militar, que teve início com o golpe militar de 31 de março de 1964 e durou até a eleição de Tancredo Neves em 1985.

Isso não impediu que continuassem a se reunir e a fazer mobilizações, e nesse ínterim, o grêmio central, polo muito importante para o movimento político, foi fechado. Os encontros continuavam com outras configurações, organizados por Berna Froes, primo de Teresinha, músico, militante, secretário geral da juventude socialista. Eram recitais de poesias políticas, festas regadas a política, sequer percebiam tratar-se de um encontro político. Faziam mobilizações em bairros, às escondidas, enquanto muitos dos seus amigos presos desapareciam. Em 1965, em plena ditadura, Teresinha já estava na universidade.

Sua escolha pelo curso de graduação sofreu algumas mudanças, ocasionadas por problemas de saúde e os cuidados da família por tratar-se de uma menina que aos dezessete anos desejava estudar Antropologia, curso que à época não havia na Bahia, só no Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Teresinha ironiza “uma menina de classe média, organizada, não podia sair aos 17 anos para ir fazer uma faculdade fora” Nesse período adoeceu e o médico não autorizou que estudasse para o vestibular, pois seu estado de saúde inspirava cuidados, apresentando um quadro de anemia por baixa de hemácias. Surge assim, a oportunidade de fazer História Natural (atual Ciências Biológicas) na UCSAL, que depois se desdobrou em Geologia e Biologia. Ela buscou e praticamente construiu essa oportunidade, pois enquanto pensavam que ela estava acomodada apenas convalescendo, ela, inquieta, procurava informações quanto às datas das próximas seleções para o vestibular.

Todos os prazos para o concurso vestibular estavam esgotados, mas ela desejava fazer pelo menos um. Teve a iniciativa de ir até UCSAL e fez sua matrícula. Continuou estudando, como bem disse, “na surdina”, ocultando da família que estava estudando e mais ainda que havia feito sua inscrição na UCSAL. Por ironia do destino, sua família ficou sabendo da aprovação por outra pessoa, o então namorado de Teresinha que se antecipou, chegando na sua casa com o jornal onde estava publicado o resultado do concurso. Segunda ela, o curso de História Natural

foi outro encontro maravilhoso na sua vida. Os estudos de Mineralogia, Cristalografia, Geologia, Botânica, Zoologia “Ai como foi bom! Ai que coisa maravilhosa!”.

Dessa fase, lembra com admiração dos nomes de seus professores Doutor Catão de Biologia, do qual foi monitora, Jones Seabra em Zoologia, Letícia Scardini em Botânica e em Geologia Mineral, professores que faziam parte da faculdade da Petrobrás. Durante esse período foi ser monitora do professor Jones Seabra até quando ele se aposentou e ela passa a ser a professora de Zoologia I (estudo de animais unicelulares, os invertebrados). Algum tempo depois, o curso já havia virado Ciências Biológicas e ela passa então a ensinar Prática de Ensino de Ciências Biológicas. Essa experiência docente determinou ao meu ver sua preferência pelo trabalho com educação e sala de aula. Em 1976, sai para fazer o doutorado na Inglaterra, voltando em 1982. Fez seu pós-doutorado em 1996.

3.4 As questões de saúde e sua resiliência

Optei por não seguir uma ordem cronológica nos meus relatos. Haverá uma ordem, claro, há todo um sistema de organização que assim o exige, mas esta será burlada algumas vezes, como agora, para contar que houve momentos difíceis e empenho para superá-los sem desistir dos projetos e dos sonhos.

Aos treze anos sofreu um acidente com uma pancada muito forte no olho direito, sendo diagnosticada com suspeita de lesão no nervo ótico. Adolescente ainda, só mais tarde, aos 18 anos começou a apresentar um problema mais sério de visão, visualizando muitas moscas volantes, o que levou a um novo diagnóstico com a possibilidade de perda total da visão.

Nesse dia, ao sair do consultório, literalmente cega pelo desespero e pelas lágrimas que turvavam sua visão, atravessou a Avenida Sete de Setembro, importante via no centro de Salvador, e os transeuntes gritavam diante da possibilidade de ela ser atropelada. Seu namorado à época tratou de consolá-la, dizendo que deveria buscar uma segunda opinião, pois, embora o oftalmologista fosse bastante conceituado, ele não detinha a última palavra, poderia haver algum equívoco. Além do diagnóstico da doença em si, ainda deveria deixar suas funções no laboratório do Aristides Maltez, onde trabalhava na área de bioquímica, fazendo pesquisa em câncer, função agora incompatível com o diagnóstico apresentado.

Continuava o tratamento quando foi diagnosticada com catarata e de um dos olhos já não enxergava praticamente nada. Em 1969 foi operada pela equipe do Dr. Marback, no Hospital das Clínicas, retiraram a catarata e corrigiram outros problemas que encontraram no olho direito, passando a usar lentes de contato. Usou lentes por muitos anos, e hoje ainda apresenta diplopia que é a percepção de duas imagens de um único objeto.

Eu vejo duas imagens diferentes, o cérebro já se acostumou, então ele anula uma, eu fico só com uma, mas se eu perder essa coisa, for olhar mesmo fixo, eu tenho duas imagens idênticas, agora tem algumas características um pouco diferentes, uma é mais alta, uma é mais larga, uma é mais cinzenta, outra é mais clara. Mas o cérebro à proporção que você vai vendo isso, ele (pausa) no início era terrível, mas depois ele anula uma. Nosso cérebro é uma coisa maravilhosa, só a dominante fica. (FRÓES BURNHAM, 2018).

À época Teresinha trabalhou por um período na secretaria da graduação na UCSAL. Nessa ocasião aproximou-se muito do Irmão Daniel que era um padre da congregação marista, de uma importante família de Pernambuco, a Aguiar Albuquerque. Quando ele percebeu que a família de Teresinha atravessava problemas financeiros propôs uma bolsa e Teresinha foi trabalhar dando algumas horas na secretaria. Considerado por ela como a pessoa mais humanista que havia conhecido, não podia ver ninguém em dificuldade e ao saber do seu problema de visão compreendeu suas ausências, pois por 15 dias Teresinha precisou ficar em São Paulo para realizar exames médicos. Ela passou a ser a menina dos seus olhos. Refere-se ao Irmão Daniel como o pai que conheceu na vida adulta, sempre próximo, cuidando dela, dando-lhe conselhos, frequentando sua casa para conversar com a família, e como prova de grande estima, entrou na igreja com ela, quando do seu primeiro casamento.

Teresinha lembra que o Irmão Daniel costumava repetir sempre: “Você tem uma responsabilidade muito grande, porque esta sua cabeça e este seu coração não têm separação, porque você pensa o que seu coração diz, e seu coração diz o que você pensa”. Esta frase do irmão Daniel sintetiza a pessoa Teresinha Fróes. Posso pensar em afeto, razão e emoção. Muitos sentimentos envolvidos.

3.5 A Mulher, Mãe, Avó e as Estratégias para construir um bem precioso: Tempo

Em dado momento, aquela pergunta que não queria calar, pedi que falasse sobre quando surgiu uma disponibilidade para compartilhar sua vida com outra pessoa, com essa vida laboral tão intensa, sem trégua, com tantos convites aceitos, tantas deliberações e tantos cargos importantes. Sorrindo, com a simplicidade que lhe é peculiar, respondeu

Isso é muito complicado, sabe, porque na realidade, pra ser honesta nunca quis casar, nunca...mas as circunstâncias me levaram a casar duas vezes. É...casei a primeira vez em 69, fui mãe em 70. (FRÓES BURNHAM, 2018).

Como boa parte das mulheres, Teresinha conciliava trabalho e filhos, saindo cedo para o trabalho, voltando a tempo para o almoço e retornando para o trabalho. Morava em uma casa acompanhada por sua mãe e uma tia, totalmente dedicadas a ajudá-la, inclusive com as crianças. Fala com carinho desse momento e da relação com elas. Reproduzo o diálogo de Teresinha com seu neto Gabriel, que mora com ela, hoje com catorze anos, filho de Lisa, sua filha caçula.

– Teresinha: Então na realidade, como eu digo, meus filhos sempre tiveram duas mães. Eu tive duas mães. Eu estava dizendo isso hoje ao meu neto. Ele está dizendo:

– Gabriel: Venha cá o que é que você é mesmo minha?

– Teresinha: Eu sou sua avó-mãe. Porque ele começou dizendo: eu acho que eu tenho duas mães...

– Teresinha: É verdade!

– Gabriel: O que você é mesmo minha?

– Teresinha: Eu acho que sou avó-mãe. É uma tradição na família...

Ser uma tradição na família explica-se pelo fato de sempre haver contado com apoio e companhia da sua mãe e de uma tia, Maria da Conceição Cerqueira Lima, a tia Mana. Elas sempre moraram juntas, cuidavam uma da outra e tempos depois foram morar com Teresinha e assumiram a casa. Teresinha era a dona da rua, diferentemente de ser a dona da casa. Elas cuidavam de tudo, desde as compras até a organização da casa e o cuidado com as crianças, o que foi fundamental para alavancar sua carreira profissional, dando-lhe total suporte para

sua caminhada e ascensão na vida acadêmica. Por isso, ela diz que seus filhos também tiveram duas mães, e que ela também teve duas mães, penso ser lembrança da época da fazenda em que havia muitas mulheres na casa, sua mãe e sua avó, revezando-se nos cuidados com ela.

Teresinha tem dois filhos, Mauro e Lisa e dois netos, Luiza e Gabriel, respectivamente de cada um de seus filhos. Haverá o momento de falarmos de cada um deles e da importância que têm na sua vida como co-participes na construção do sujeito encarnado Teresinha Fróes Burnham. Poderíamos até pensar a vida de Teresinha como modelo de uma propaganda de margarina, da família perfeita. Havia de fato uma harmonia e muito afeto entre seus membros, mas havia uma demanda, comum às mulheres, que era a sua presença, insubstituível presença. Ao chegar em casa, depois de um dia de trabalho Mauro só desejava estar com a mãe, dali em diante nenhuma companhia era tão prazerosa quanto a dela. Teresinha compreendia isso perfeitamente e procurava atender seus pedidos.

Pelo fato de passar tanto tempo fora de casa, praticamente o dia inteiro, havia uma preocupação em compensar esse tempo, e uma das formas de compensar esse tempo era atender à solicitação de Mauro ao chamá-la para brincar durante as madrugadas. Ele não queria outra pessoa. Ele corria e gritava e como era madrugada, ela precisava fechar todas as portas para não acordar a casa toda. Essa brincadeira se repetiu noite após noite até quando ele completou quatro anos e meio, aproximadamente. Ela relata, sorrindo como acontecia esse momento lúdico

[...] um detalhe muito interessante...é que eu dormia muito pouco porque quando eu chegava em casa eu tinha que começar a dormir logo porque de madrugada Mauro acordava, ia pra meu quarto, me acordava e dizia: mamãe, vamos brincar? E aí eu não tinha jeito, eu levantava ia jogar bola, ia riscar, como ele dizia: vamos riscar, vamos riscar! É, ia riscar, ia fazer tudo que era até 03h30, 04h00 da manhã. (FRÓES BURNHAM, 2017).

Quando terminava essa brincadeira da madrugada, Mauro estava cansado. Havia um ritual: colocá-lo na cama, dormir um pouco, porque entre 6h30 e 7h00 precisaria (re)começar o dia, tomar café juntos, ir respectivamente para a escola e para o trabalho. Ao acordar percebia o que chamou de “déficit de sono”, pelas poucas horas de sono.

Ela relata toda essa experiência como “muito engraçada e necessária” dizendo-se até agradecida, pois esses momentos das madrugadas preencheram muitas lacunas das suas ausências, motivadas pelas grandes demandas exigidas pelo seu trabalho.

Sobre Mauro há muito a dizer, a começar pela escolha do seu nome. Teresinha tinha uma tia, a tia Mana, citada anteriormente, sempre presente em sua vida. Ela gastou um tempo enorme elaborando duas listas, uma de nomes para meninas e outra de nomes para meninos. Teresinha não tinha interesse em saber o sexo da sua criança, logo deveria haver dois nomes escolhidos até o nascimento. Cada uma dessas listas elaboradas pela tia Mana tinha cerca de 100 nomes. Foram dias lendo e pensando sobre qual escolher. Até que restaram dois nomes de menino, entre os outros noventa e oito: Mauro e Ênio. Venceu Mauro.

Sim, de fato, Mauro era uma criança singular, literalmente singular. Precocemente, antes dos quatro anos demonstrava interesse em ler. Ficava um bom tempo sentado no sofá com algumas revistas em quadrinhos, à época Tio Patinhas, e outras de Walt Disney e lá desenvolvia um diálogo entre personagens, fazendo o que se identifica como leitura de imagens. Repetia: “eu quero ler, eu quero ler!”.

Com essa demanda, Teresinha começou a buscar nas imediações da sua casa uma escola que estivesse disposta a encaminhar Mauro às primeiras letras. Mauro aprendeu a ler muito rápido pelo método da Casinha Feliz. Uma criança bastante ativa, irrequieta e curiosa. Desde muito cedo essa curiosidade o levava a descobrir e criar coisas e brincadeiras, transformando brinquedos em utensílios e fazendo as peraltices que seu corpo tinha energia para realizar, tipo subir em árvores e escalar portas. Teresinha permitia, embora considerasse o perigo de algumas dessas ações. Considerando o perfil da minha biografada, não seria diferente disso, visto que viveu uma infância livre e em contato com a natureza envolvendo agricultura e animais.

Mauro estudava na escola experimental de Amabilia Almeida e houve uma festa em comemoração ao dia das mães. Como forma de homenagear as mães resolveram fazer uma coroa para coroar a mãe rainha, no caso uma única mãe seria escolhida. Teresinha foi a essa festa e, segundo ela, por acaso, a coroa caiu para ela. “Eu com a minha estupidez de querer tudo coletivo sugeri que percorresse as casas de todas as mães e só então retornasse para mim. Nunca voltou”. Mauro não gostou e levou um tempo para compreender essa atitude da mãe. Esse fato passou

a fazer parte das conversas em família até que anos mais tarde, já casado, em uma comemoração natalina, a família de sua esposa fez uma coroa para Mauro presentear Teresinha e ressignificar aquele momento de desapontamento vivido na infância.

Certo dia Teresinha pensou em alguém para substituí-la em uma reunião de pais, pois chegaria atrasada. Sua amiga, Conceição Castro Lima foi e conversou com Mauro para que ele compreendesse a ausência/atraso de sua mãe e não se entristecesse com a sua demora. Conceição usou argumentos plausíveis, enfatizando o trabalho de Teresinha, sua atuação na educação, o impacto que o seu trabalho tinha na vida das pessoas e enfim quando Teresinha chegou, ainda tentando se explicar, Mauro demonstrou haver entendido perfeitamente o motivo do seu atraso: “eu sei, você não veio porque você estava ajudando os pobres”.

Mauro cresceu em uma família de professoras, com pai médico, em uma casa frequentada por médicos nos fins de semana, o que o levou a uma proximidade grande desses conhecimentos, possivelmente funcionando como um agente propulsor na escolha da sua profissão, de médico, na especialidade de cirurgião mastologista.

Quando fez o doutorado na Inglaterra, já separada do seu primeiro marido, levou Mauro para morar com ela. Nos dois primeiros anos ficaram sozinhos e Teresinha fez questão de não ter nenhum relacionamento para se dedicar mais a ele. Moravam os dois sozinhos e ele ia para uma escola de tempo integral, à época com seis anos. Como já possuía iniciação em inglês, em seis meses falava inglês “como um nativo”. Destacando-se na escola, sempre esteve entre os três primeiros alunos. Mauro surpreendeu a todos ao demonstrar um grande interesse em aprender latim. Não pode dar seguimento aos seus estudos porque ao retornarem ao Brasil não encontraram um professor para ensinar latim a Mauro. Sempre gostou muito de esporte, jogando futebol, *cricket*²⁹. Logo, conclui Teresinha sua fala sobre Mauro: “ele foi criado de forma a se desenvolver com ética, com princípio e com respeito ao outro” Ao conhecer Paul, que viria a ser o seu segundo marido, “o amor da minha vida”, como se refere ao falar sobre ele, foi necessário um tempo para adaptação, acostumados que já estavam a serem só os dois, ela e Mauro. Teresinha conta que Paul foi muito companheiro, tentando uma aproximação com Mauro

²⁹ O jogo de *cricket* é um dos mais tradicionais esportes britânicos, praticado com bola e bastão, em um campo oval. Sua origem remonta possivelmente ao século 13 ou anterior.

através dos seus interesses, com jogos de dardo, xadrez e gamão. Mauro, na avaliação de Paul, destacava-se como um jogador de estratégia rápida, inteligente e agressiva.

Ao voltar da Inglaterra precisou lidar com uma situação inusitada. Com o pressuposto de que as pessoas mudam, ela já não era a mesma, nem as pessoas que aqui havia deixado. Ela estava divorciada e casada pela segunda vez com um antropólogo inglês que não falava uma palavra sequer de português. Ele havia vivido boa parte da infância na África. Houve uma reação muito grande, sendo chamada de culturalista, o que à época assemelhava-se a um xingamento. Era um período de transição e a esquerda voltou com um marxismo forte e ortodoxo. Na faculdade havia um verdadeiro patrulhamento, classificado por ela como algo muito triste. Logo, ela era considerada um perigo.

Numa dessas tardes em que fui recebida por Teresinha, como havíamos falado no encontro anterior de tantas outras coisas, dentre elas Análise Cognitiva - AnCo e um novo projeto, deslizei na minha curiosidade, receosa de em algum momento ser inconveniente, porque também a escuta exige habilidade, cuidado e espaço para com seu interlocutor. Desejei saber sobre filhos, melhor dizendo, sobre Lisa. Pedi-lhe que falasse de Lisa. Sem perguntas e sem interrupções. Logo um sorriso no rosto e um olhar buscando lembranças dá início a uma longa, interessante, brilhante (mais adiante vocês entenderão porque) história do nascimento de sua filha, 12 anos depois de Mauro, o primogênito, quando tinha 36 anos, o que a leva a brincar nomeando-se “mãe-avó”.

Não apresentarei uma linearidade nessa escrita, embora tenha existido no relato, usado como estratégia para aguçar a curiosidade de quantos possam vir a ler-me. Posso começar a falar de Lisa pelas palavras de Teresinha que mais me impressionaram e descreveram aquela menina mimada pela família toda: “uma criança linda e com os olhos com um brilho tão bonito... até hoje ela tem”.

Teresinha e Paul retornaram ao Brasil em 1982 e foram morar em um apartamento pequeno no mesmo prédio em que ela possuía um imóvel adquirido antes da viagem. Mas eram tempos difíceis, Paul buscava uma colocação no mercado de trabalho e o salário das universidades era baixo. Com essa dificuldade eles equilibravam as finanças passando a última semana de cada mês na casa de Dona Edite. Tempos depois mudaram de endereço porque o apartamento era muito pequeno. Teresinha tinha uma amiga que morava em um prédio em frente à reitoria

da UFBA e que por sua vez conhecia alguém que viajaria para outro estado deixando um apartamento vazio.

Nesse ínterim Teresinha mostrava-se bem cansada, sonolenta logo preocuparam-se que ela estaria doente. Marcaram médico e depois da consulta e exames, a novidade: “Você está grávida! Vá para sua obstetra, sua ginecologista, doutora Lair Ribeiro, pra ela cuidar de você que vem mais um aí”. Não era um, era uma. Era Lisa. Paul vibrou muito, carregou Teresinha e rodopiava com ela tamanha sua emoção pois desejava muito ter um/a filho/a.

A família foi toda mobilizada na preparação do enxoval que teve muitas peças feitas em casa por Dona Edite e Tia Mana. Como não quiseram saber o sexo da criança a caminho, o enxoval foi pensado colorido, ao invés do clássico azul e rosa. Teresinha, avessa a essas padronizações, escolheu fazer a roupa da criança em tons de verde água e amarelo. Ela não fazia a tão usual distinção das cores específicas quanto ao sexo de que meninas usam rosa e meninos usam azul. Houve muita solidariedade dos amigos que organizaram um grande chá de fralda, com muitos presentes. O berço foi doado por uma amiga muito querida que havia tido um bebê há pouco tempo. Teresinha sempre desejou muito ter filhos e penso que essa disponibilidade interna propiciou que as duas gravidezes ocorressem sem intercorrências e por parto natural.

Em dezembro, cinco meses antes de Lisa nascer, Paul precisou voltar para Inglaterra para retomar o trabalho que havia deixado, levar a tese de Teresinha para ser encadernada, já que ela havia concluído o doutorado por lá. Teresinha quis ficar porque queria que a filha nascesse no Brasil e em suas palavras: “eu queria ter minha filha brasileira”.

Como o voo sairia de Recife, ela foi levá-lo até lá, dormiram em um hotel e no dia seguinte voltou para Salvador. Esse foi um período de muitas mudanças e planos já que havia uma criança esperada por toda a família.

Dona Edite se mudou provisoriamente com Tia Mana para o apartamento de Teresinha. Rui, irmão de Teresinha se separa da mulher e também vai para o apartamento. Teresinha reconhece que o irmão teve uma presença fundante nesse período, e em suas palavras, “ele foi muito, muito solidário...” Aproveitaram para terminar o enxoval e curtir cada momento, cada novidade, cada detalhe. Paul fazia-se presente através de um código instituído entre eles “aquele sistema de ligar, deixar tocar o telefone três vezes e desligava para dizer que estava tudo bem”,

embora em alguns dias, aqueles em que a saudade apertava, deixava tocar até que alguém atendesse. Até hoje, em viagens, esse “código de família” é usado.

Havia uma expectativa de que Lisa nasceria em março, mas por um erro de cálculo ela chegou no dia 30 de abril, às seis e pouco da manhã, de parto natural. Daqui em diante a chamarei sempre de Lisa, embora a essa altura esse nome ainda não estivesse definido e só depois contarei ou melhor, tentarei historicizar a origem do nome dessa criança tão desejada, que não se resumiu só ao que já conhecemos.

Como Paul ainda estava na Inglaterra, Teresinha conversou com Seu Herman, um alemão que trabalhava com fotografia científica e combinaram que ele fotografaria o parto inteiro para enviar as fotos para Paul. Teresinha lembra que ele foi de uma generosidade imensa, colocando-se à disposição para ser pego em casa e levá-la ao hospital a qualquer hora.

Daí em diante, vida que segue, Lisa vai para casa e o primeiro banho foi dado por uma enfermeira amiga de Teresinha que à época fazia mestrado em educação e participava do mesmo grupo de pesquisa. Dispôs-se a ensinar como se dava banho em recém-nascido, contando ainda com ajuda de uma tia e praticamente a família toda estava presente. Amada por todos, recebia o afeto especial de Mauro, irmão mais velho, filho do primeiro casamento de Teresinha. Mauro tinha 12 anos e a chamava carinhosamente de Mazinha, como um diminutivo de irmãzinha.

Nesse momento havia algo a ser definido, resolvido, consensualizado por Teresinha e Paul: o nome da criança. Todos opinaram, mas o primeiro a fazer logo três sugestões foi Mauro, com suas respectivas justificativas: Sofia porque é um nome ligado à sabedoria, Isabel porque foi a princesa que assinou a Lei Áurea e Lisa por causa da Monalisa. Mas uma decisão dessa importância necessitava de mais opiniões e Paul também tinha as suas preferências. Ao ser consultado Paul expôs suas razões e Sofia lhe pareceu um nome prepotente, sofisticado. Isabel ele não gostava e Lisa era um nome mais comum na Inglaterra e havia uma preocupação, como pais, pois ela transitaria por esses dois países, Brasil e Inglaterra. Mas não para por aí. Precisamos saber ainda que Paul tinha uma estreita relação de afeto com os avós maternos, e, gostaria de homenageá-los colocando na sua filha o nome da sua avó Jane. As combinações não agradavam a Teresinha considerando que Jane Lisa ficaria feio e Lisa Jane era o nome de uma personagem de uma história em quadrinhos que tinha poderes de se tornar pequenina e poder

observar o mundo a partir de uma frase que repetia: areia da grossa, areia da fina, me faça ficar pequenina.

Teresinha relutava e sabia não ser isso que queria para a filha. Finalmente, depois de combinar com Paul, que não abriu mão de Jane, o nome foi definido como Lisa Paula Jane. Pensando sobre como são escolhidos os nomes das crianças, Teresinha justifica que na Europa é natural essa composição, pois usam o nome da mãe, o nome da madrinha e o nome que os pais escolhem.

Quando Lisa Paula Jane tinha seis semanas Teresinha tirou duas licenças: a licença maternidade e outra sem vencimentos para acompanhar seu marido na Inglaterra. Começa uma nova fase para Teresinha, longe do trabalho, da família, de Mauro, e com tempo para dedicar-se plenamente a uma pessoa, Lisa, experiência que ainda não havia sido vivenciada por ela. Essa proximidade e dedicação possibilitou a construção de uma relação de muito afeto e confiança. Anos depois, em um aniversário de Teresinha, Lisa exibiu um vídeo e nos preâmbulos pontuou sobre a delicada relação com a mãe considerando-a “minha companheira e melhor amiga”. Teresinha considera que esse forte elo entre as duas deve-se a ligação muito próxima desde o início.

Como já havia vivido na Inglaterra, eles já tinham o chamado médico de família, logo era o momento de fazer o registro de Lisa. Também havia agentes de saúde que faziam visitas domiciliares. A que atendia Teresinha era uma enfermeira especialista na área neonatal. Logo, um dia na semana recebia essa visita, valiosa no momento, por cerca de uma hora, uma hora e meia, dando-lhe suporte nos primeiros dias.

Em uma rotina de dona de casa, ela, Paul e Lisa levavam uma vida tranquila. Paul passava o dia fora, e Teresinha com Lisa formavam uma bela dupla, juntas durante todo o dia, em todos os lugares, até na cozinha Lisa e a mãe interagiam. Lá Teresinha fazia perguntas às quais ela mesma respondia, dizia o que pretendia fazer, e o dia passava nessa alegria, nessa leveza. Lisa confortavelmente instalada no chamado “moisés”, uma cadeirinha acolchoada, colocada sobre a mesa da cozinha, participava com balbucios, pequenos ruídos e risos, demonstrando seu contentamento.

Era primavera e eles buscavam ocupar o dia, fazer coisas interessantes. Saíam pelas imediações onde havia um bosque florido em que esquilos faziam a alegria de Lisa. Colhiam mirtillos e amoras silvestres nas cercas. A vida fluía, o

tempo passava e logo Teresinha voltaria ao Brasil para assumir seu trabalho na Universidade. Retornou em uma data bem próxima ao primeiro aniversário de Lisa. Dessa viagem Teresinha retorna sozinha para o Brasil, porque Paul ainda precisava fechar um contrato assumido até junho.

3.6 O Mundo do Trabalho de uma Intelectual Encarnada

Por sugestão de uma tia, à época administradora do hospital, aos catorze anos começa a trabalhar no Hospital Aristides Maltez³⁰. Em sua família era comum que o ingresso no mundo do trabalho ocorresse precocemente, sob o argumento de que “filho de pobre tem que começar a trabalhar cedo, para poder dar valor ao trabalho”. Inicialmente, como auxiliar de biblioteca, tinha uma rotina com horários a serem cumpridos. No hospital ficava das 7h30 às 11h30, almoçava em casa, ia para o colégio, à época o Severino Vieira, até às 18h e finalizava o dia indo para o curso de inglês na Associação Cultural Brasil Estados Unidos – ACBEU. Ao adentrar ao mundo do trabalho em tão tenra idade, Teresinha dá início a uma incansável trajetória de estudos e seleções para concurso, embora aprovada em todos logo nos primeiros passos.

Ao terminar a graduação fez concurso para o Estado, foi ser professora no Centro Integrado Anísio Teixeira – CIAT, das disciplinas Ciências e Biologia, criando com seus alunos experiências fantásticas de uma ciência viva e participativa o que lhe criou alguns problemas com uma direção conservadora e rígida, levando-a para outro espaço na fase embrionária da educação à distância. Certa feita estava estudando com os alunos a difração da luz. Explicava que a luz branca era o resultado da faixa de sete cores que eles viam no arco-íris. Como se mostravam incrédulos, resolveu fazer um experimento. Trouxe uma bacia grande, um espelho grande em um dia em que havia bastante sol. Com o espelho inclinado, foi regulando até que aparecesse lá na parede o arco-íris. Seus alunos gritaram, pularam, bateram palmas e diante de toda essa explosão de alegria o diretor foi chamado. Nessa época era ditadura, e o diretor em questão era militar, porque esse colégio era tido como um centro de esquerda e apostavam em um militar para “consertar” qualquer, dita, transgressão.

³⁰ O Hospital Aristides Maltez atinge, na atualidade, uma posição de inquestionável destaque no cenário nacional na luta contra o câncer, tendo se tornado um centro de excelência, rigorosamente dentro do preceituado pelo seu fundador, Professor Aristides Maltez: a atenção às pessoas carentes.

O diretor questionou aquilo que ele chamou de “baderna”, mandando todos de volta para sala. Teresinha, incomodada, atreveu-se a dizer: “tá bom, a gente volta porque já acabou o experimento. Se o conceito de ciências que o senhor tem é esse, meus pêsames para essa escola”. Depois desse episódio precisou sair da escola, indo participar de uma seleção para o que podemos chamar de um novo desafio profissional.

Esse novo desafio foi no IRDEB, que oferecia aulas à distância por rádio. Participou da seleção preparando uma aula, logo sendo aprovada para esse novo desafio, pioneiro no ensino à distância. Acumulava funções, o que talvez tenha contribuído para seu apelido singular: formiguinha. Há relatos importantes de sua incursão no mundo do trabalho, especificamente em educação, como professora de Zoologia I na UCSAL.

Com uma enorme disposição de trabalhar, dividia-se entre o CIAT, a UCSAL, depois entre o IRDEB e a UCSAL e ainda encontrou fôlego para fazer o concurso para a UFBA. Naturalmente, com tanto empenho foi aprovada como professora auxiliar na área de Metodologia e Prática de Ensino das Ciências Biológicas. Teresinha sempre foi muito proativa, o que a levou a acumular funções em mais de um espaço, sempre convergindo para a área de educação.

Nesse período foi criado na Secretaria de Educação um Departamento de Ensino Superior e Aperfeiçoamento de Pessoal, objetivando organizar o ensino superior do Estado. Recebeu o convite para ser chefe de seção da Organização de Ensino Superior. Joselice Macedo era diretora da Divisão de Ensino Superior e Joselita de Castro Lima era diretora geral. Conceição Costa e Silva era diretora do Departamento de Aperfeiçoamento Pessoal. Teresinha deu uma importante contribuição ao ensino superior do Estado da Bahia, criando um projeto que invertia a ordem das coisas e professores que eram indicados politicamente passaram a ser selecionados através de concurso. Junto com sua equipe fez um mapeamento das necessidades através de um diagnóstico, criando as vagas que promoveram o primeiro concurso para professores das escolas de Ensino Superior do Estado.

Para acompanhar essa trajetória não podemos perder o fio da meada, uma linha do tempo que envolve funções como funcionária do Estado concursada, a UFBA, e, agora, nessa nova função, que não exclui totalmente as demais, a Secretaria de Educação. Lá havia um propósito claro, apesar das interferências políticas, que era a criação do Ensino Superior do Estado. Com uma visão futurista

ela elabora um projeto para o primeiro vestibular unificado do Estado da Bahia e o que achavam impossível tornou-se possível ao ser autorizada a elaborar uma proposta. Sua atuação no Departamento de Ensino Superior e Aperfeiçoamento de Pessoal – DESAP, juntamente com Joselita de Castro Lima, a primeira diretora desse departamento, foi muito importante para dar uma nova roupagem a educação na Bahia.

A primeira de todas foi a faculdade de Agronomia do Médio São Francisco, em Juazeiro, seguida da Faculdade de Formação de Professores em Feira de Santana que deu origem à Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, Faculdade Formação de Professores em Vitória da Conquista, Faculdade Formação de Professores em Alagoinhas e Faculdade Formação de Professores em Jequié. As provas que anteriormente eram aplicadas pelos professores da cidade, passaram a ser aplicadas pelos servidores da divisão, o que provocou uma verdadeira comoção, mobilizando a atenção de alguns deputados, pedindo a saída da professora Teresinha, mas, de novo ela resiste e esse projeto se torna exitoso, um marco da educação na Bahia. Referido por ela como um “trabalho muito grande de formação e professores para o Ensino Superior na Bahia”.

Todos os municípios onde havia escolas superiores participaram, de forma que as provas foram elaboradas em Salvador, aplicadas em cada município, e voltavam para ser corrigidas, o que ajudou a moralizar as escolas, embora tenha havido uma reação de oposição muito forte. Ficou um período para organizar as escolas, a equipe da qual fazia parte percorria o interior da Bahia, faziam supervisão das escolas, trabalhando para dar outra dinâmica às escolas superiores.

Surge, dessa maneira, na UFBA o embrião do mestrado em educação através do Curso de Aperfeiçoamento. O curso foi oferecido para professores da UFBA e para os de outras instituições do ensino superior. Foi firmado um convênio com o Conselho Britânico, com a Organização dos Estados Americanos – OEA e uma agência francesa. A coordenação desse curso ficou a cargo de Maria Brandão, “com aquela mente brilhante!”.

Como professora da UCSAL, foi fazer o curso que se transformou no primeiro mestrado norte/nordeste em educação no Brasil e ela foi da primeira turma, ocasião que foi apresentada à disciplina Currículo, e dada a sua importância, citada por ela como “minha vida!”.

Como aluna do mestrado fez muitos trabalhos em currículo e finda por ser convidada por Ivete Carvalho, à época superintendente acadêmica, para criar uma assessoria de currículo na UFBA, na Superintendência Acadêmica. Fez um projeto que passou pelo crivo da aprovação da superintendente, que solicitou ao seu departamento que a disponibilizasse como Dedicção Exclusiva – DE. Só depois de atendida essa solicitação pôde sair da Secretaria de Educação.

Como professora Teresinha pôde ministrar aulas em diversas disciplinas, em diversos cursos por onde passou, sempre empenhada em oferecer ensino de qualidade e primando por uma relação afetuosa com seus alunos. Essas disciplinas serão apresentadas no quadro abaixo.

Quadro 3: Disciplinas ministradas por Teresinha Fróes Burnham na FACED - UFBA

Metodologia e Prática de Ensino de Ciências Biológicas	Didática	Currículo
Filosofia da Educação	Metodologia de Pesquisa	Estágio Supervisionado em Comunidades (estágio III)
Metodologia de Pesquisa	TEE – Educação à Distância e Difusão do Conhecimento	Pesquisa Orientada
Educação, Sociedade e Prática Pedagógica	Informação e Gestão do Conhecimento	Tecnologias da Informação e Comunicação
Tecnologias da Informação	Educação Aberta Continuada e à Distância	Metodologia de Pesquisa em Ciência da Informação
Metodologia e Técnicas de Pesquisa em Bibliotecas e Ciências da Informação	Epistemologia e Currículo	Educação e Trabalho
Sociedade e Educação	Trabalho Individual Orientado	Temas Especiais em Educação
Metodologia e Prática de Ensino de Ciências	Pesquisa em Educação	Abordagens e Técnicas de Pesquisa
Avaliação em Educação	Teoria e Prática do Currículo	

Fonte: Autora (2019)

Nessa maratona de tantos cargos e funções pude então encontrar um momento, em que fala da sua relação com o trabalho, pontuando seu empenho e dedicação revestidos de uma roupagem, classificada por ela de uma relação “*quase obsessiva*” como dito na citação abaixo

Eu tenho impressão que eu era uma, não sei, eu tinha uma coisa com o trabalho que era uma relação... (pausa) quase obsessiva. Uma coisa impressionante e é, era uma coisa muito paradoxal porque eu sempre tive muita resistência no trabalho. Eu não sei se era por causa do meu modo de ser. Eu encontrava assim nas pessoas com quem eu trabalhava, algumas muito resistentes e que faziam oposição me lembro muito bem, hoje eu entendo. Naquela época era difícil para mim, então ia meio feito trator para tentar superar. (FRÓES BURNHAM, 2017).

Teresinha Fróes Burnham teve uma vida laboral incansável, dedicada à educação, resistindo em algumas poucas vezes, mas, na maioria delas, aceitando convites para trabalhos importantes que influenciariam programas de formação de professores. Um desses exemplos é a sua indicação para Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Ainda entre as décadas de 1980 e 1990 participou pela primeira vez do Comitê de Educação como consultora da Comissão de Avaliação da área de Educação na CAPES, e, nesse mesmo período, simultaneamente, começava a trabalhar também com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ. Quando o CNPQ criou o programa Nordeste também fez parte de vários comitês. Sua experiência com a CAPES foi relatada por Teresinha de forma clara, possibilitando nosso entendimento de articulações políticas da época em questão

[...] a Capes foi instada por um grupo a criar um comitê multidisciplinar e quem foi o articulador foi Bevilacqua e ele me convida para fazer parte desse grupo inicial e aí eu fui com muito prazer. Era uma coisa que a gente esperava a tanto tempo, a tanto tempo, que quando surgiu a oportunidade eu digo: eu vou porque, apesar de ter dito que eu não queria mais participar. Aí fomos e eu acho que foi uma grande conquista para todos nós. Os primeiros tempos foram muito difíceis porque o pessoal não queria avaliar capítulo de livro, não queria avaliar livro etc... os parâmetros eram todos das ciências duras etc... e a gente começou a criar (eu era a única nordestina no comitê naquele período na comissão) Alessandra de meio ambiente,

Bevilacqua, Claudio Sampaio, Augusto Cesar, Galeão, Pedro Pasputti, Adelaide Arelai da área de farmacologia, na área de ciências humanas eram muito poucos e só eu nordestina. Aliás no comitê da Capes o primeiro também foi a mesma coisa. Foi 1999 e nesse comitê eu fiquei até 2009, período de 10 anos nesse comitê apesar de toda minha resistência ficar prorrogando minha estadia lá deixei de ir um ano ou dois ai eles voltavam a insistir eu terminei indo. (Documentário do Educanal).

Mulher e nordestina, à primeira vista seriam dois pré-requisitos que poderiam dificultar sua ascensão no mundo corporativo, mas Teresinha demonstrava uma determinação que à colocava à frente de qualquer obstáculo, sua capacidade de trabalhar com projetos e pesquisa, aliados aos seus conhecimentos e uma grande disposição interna, foram fulcrais para dar base a uma vida profissional pontuada de realizações e produções exitosas. Embora tenha optado em não escrever uma tese, sequer um memorial, Teresinha escreveu ao que ela chamou de “uma síntese do adeus”. Nesse digamos, artigo³¹, que nem chegou a ser publicado, ela coloca muito bem essa interlocução entre o pessoal e o profissional, o que nada mais é do que o entendimento que buscamos ao nos referirmos ao sujeito encarnado. Aquele que é atravessado o tempo inteiro por suas contradições, desejos e lembranças.

Aqui procuro fazer um balanço desde as origens – de minha vida pessoal, sem as quais seria impossível compreender quem sou profissionalmente; e de minha vida profissional, que muito contribuiu para ser a pessoa que sou. (FRÓES BURNHAM, 2017).

Na sua fala Teresinha avalia essas origens e compreende como foi afetada por essas experiências que contribuíram para que ela se tornasse a pessoa que é.

3.7 Como o Projeto Xingó contribuiu para a criação do DMMDC

“Eu quero ver qual é o doutor que vem aqui lacear o boi como eu laceio”³²

Essa frase dita por um boiadeiro que à época fazia parte do Projeto Xingó, ilustra bem o que Teresinha repetidas vezes ressaltou em suas falas, da importância de reconhecimento do conhecimento do outro. Nesse exemplo ele não desqualifica o

³¹ Froes, Burnham. Uma síntese na tra(ns)jetória de buscas e encontros com a análise cognitiva.

³² Fala do boiadeiro reproduzida por Teresinha Fróes no documentário.

doutor, mas deixa claro que são saberes distintos, mas um não aniquila o outro. Voltando, para melhor compreender, Teresinha Fróes Burnham é reconhecida na UFBA como uma das pessoas que pensou e organizou o Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento – DMMDC. Posso pensar que houve uma fase anterior à embrionária, se é que isso é possível, que foi o pensar, articulando no pensamento construtos que embora parecessem distantes do produto final serviriam de caminho para chegar até ele. Tudo foi construído a partir do convite de Felipe Serpa, na ocasião Reitor da UFBA, para assumir a coordenação, pela UFBA, do Projeto Xingó, no qual múltiplas culturas interagem. A UFBA permaneceu no Programa Xingó até 2002. O projeto do doutorado só começa em 2003.

[...] Na realidade se você pensar esse doutorado, a ideia dele é bem anterior a isso e eu diria, por exemplo, que o Projeto Xingó, o programa Xingó foi muito importante pra gente desenvolver essa ideia da difusão do conhecimento numa perspectiva mais de intercâmbio, mas como o termo intercâmbio não é muito aceito na academia, o difusão é mais cifrado, como eu digo, então a gente vai pela difusão. Mas o Programa Xingó foi uma das coisas que eu... mais ricas que poderia se desenvolver nesse país mas que infelizmente a política, partidária, principalmente, cria obstáculos que faz com que ele se torne uma coisa que quase não se ouve falar e praticamente não tem mais nenhum significado. E o que eu mais via no programa Xingó era a afeição da população de poder se sentir, como é que eu diria, reconhecida, ouvida. Eu me lembro de um boiadeiro que tinha ele dizia assim “eu quero ver qual é o doutor que vem aqui lacear o boi como eu laceio” e como eu sempre tive essa coisa com o conhecimento eu acho que o conhecimento é uma coisa fundamental para diminuição dos fossos de segregação... ai eu comecei a trabalhar e comecei a ver que toda experiência que eu tinha antes de comunidade não me dava lastro, ali era outro tipo de comunidade, múltiplas culturas interagindo, demanda em relação à agricultura irrigada, forma como se lidava com ambiente, escola, demanda com relação as questões econômicas, a como desenvolver perspectivas de criação de produtores familiares independentes, era muito rico. Falavam em transferência de tecnologias, mas as pessoas envolvidas também aprendiam. Como formar pessoas que pudessem trabalhar com essa diversidade de culturas e conhecimentos das comunidades? (FROES BURNHAM, 2018).

Nesse momento, o professor Luiz Bevilacqua e o professor Augusto César Noronha Rodrigues Galeão, então colegas da professora Teresinha na comissão multidisciplinar da CAPES, desejavam montar uma plataforma dentro do Laboratório

Nacional de Computação Científica – LNCC, para acompanhar os investimentos em ciência e tecnologia, com o objetivo de saber como se dava a difusão do conhecimento que era produzido por esses investimentos, como se revertiam em serviços e aplicações. Considerada por Teresinha como “uma coisa muito bonita e uma intenção muito positiva”.

À época ela estava publicando um artigo, com o título “Análise Contrastiva: memória da construção de uma metodologia para investigar a tradução de conhecimento científico em conhecimento público*”³³. O artigo foi muito bem aceito, a ponto de surgir o convite para fazerem algo juntos. Convite aceito, pensaram inicialmente em trabalhar na organização de um curso de especialização (“nós éramos muito modestos!”, diz Teresinha).

Realizaram seminários e oficinas, em Salvador e em Brasília, contando com participação do LNCC. Quando montaram a estrutura Bevilacqua surpreendeu a todos, afirmando que aquela não era estrutura para especialização e sim para uma pós *strictu sensu*. Pensaram que montariam um mestrado ao que Bevilacqua mais uma vez discorda ao afirmar que: mestrado não! Vamos direto para o doutorado!”. Eis então que surge aquilo que veio a ser o projeto de doutorado, o DMMDC.

Daí em diante houve alguma oposição à sua implantação e, pela primeira vez, uma pós-graduação já existente na UFBA deu parecer sobre uma outra a ser criada, em uma tentativa de desmobilizar e impedir que o curso fosse implantado. A professora Teresinha assumiu o compromisso de trabalhar no projeto e na implantação do novo curso e, uma vez implantado, coordená-lo por dois anos. Conforme suas palavras, depois disso: “tchau e benção! Nunca mais entrei no colegiado!”.

Em uma dessas tantas reuniões, bem no início, na primeira fase, aquela embrionária da construção do projeto, fizeram parte o professor Alberto Rafael (Chango) Cordiviola. Nessa reunião ele questionou: esse doutorado vai formar o que? Vai fazer o que essa pessoa? Nesse ínterim Teresinha teve o que ela chamou

³³ [...] Pretende-se que a sua leitura levante discussões críticas tanto em termos dos referenciais que apresenta e das construções descritas, quanto para a retomada de uma questão maior: a das linguagens, estruturas e processos metodológicos para tornar a disseminação do conhecimento na sociedade da informação mais do que discurso retórico. Esta pretensão maior está lastreada no compromisso que orienta a REDPECT - o de participar da transformação da sociedade da informação numa sociedade da aprendizagem. (FROES BURNHAM, 2002).

de “estalo na minha cabeça³⁴” e disse: “analista cognitivo!”. Daí outra pergunta: o que é analista cognitivo? Ela não hesita e responde:

Aquele sujeito que trabalha com conhecimento para torná-lo público, mas não pode trabalhar sozinho. Aí veio toda uma argumentação. Essa reunião foi na Fundação Visconde de Cairu, à época parceira. (FROES BURNHAM, 2018).

Com uma vida dedicada à educação, quarenta e quatro anos na UFBA e um perfil desenhado dentro de um alinhamento humanista, ressalta a importância de

[...] não abrir mão da formação do ser, enquanto ser, para que ele se constitua mesmo, o que para o professor é fundamental, uma base científica e tecnológica, que esse professor precisa ter, e a dimensão política. (FROES BURNHAM, 2015).

Ressaltando a importância da formação continuada, enfatiza que professoras/es devem receber formação que os auxiliem a tornarem-se pessoas e profissionais melhores dentro de uma perspectiva científica, política e tecnológica.

Teresinha Fróes Burnham construiu sua vida acadêmica desde a mais tenra infância, passo a passo, envolvida com pessoas, livros, projetos e espaços de conhecimento que ajudaram a sedimentar um arcabouço teórico importante para desenvolver, junto aos seus pares, ressignificados de conceitos que foram conhecidos e utilizados por ela ao longo do tempo, e do desejo de tornar o conhecimento algo que pudesse ser socializado com o maior número de pessoas, sem discriminação.

Entre esses conhecimentos socializados, ocupou-se do estudo da Análise Cognitiva como um termo que expressa um campo do conhecimento, embora há até pouco tempo tenha sido considerada uma metodologia. Logo, este acervo aqui apresentado dá uma amostra das inúmeras atribuições e funções da biografada e da importância do seu trabalho dentro de UFBA, além de desfazer a ideia de que haja um conhecimento preestabelecido e que teorias já difundidas não seriam suficientes diante da organização complexa e sistêmica de um vivo.

³⁴ Em outro momento chamado de intuição. Dom desenvolvido por Teresinha para antecipar-se aos acontecimentos, prevendo-os ou até comunicando-se com seres em outra dimensão.

Diante desse panorama descrito de uma intensa vida laboral, preenchida por aulas, orientação a alunos dos cursos de graduação, mestrado e doutorado, coordenação de grupos de pesquisa, havia um eixo condutor, ou seja, o objetivo maior que permeava todas essas ações nada mais era, em sua essência do que a socialização do conhecimento.

3.8 Passado, Presente e Futuro: um entrelace necessário

Teresinha sempre pautou sua vida em algo a fazer e algo a esperar, não exatamente nessa mesma ordem, parece-me que simultaneamente seria a palavra mais adequada, logo, bem antes de pensar em parar de lecionar fez alguns cursos de formação em terapias corporais/transpessoais. Talvez no seu imaginário estas atividades fossem para fazer depois da aposentadoria, quando encerrasse esse ciclo da sua vida, a Universidade, e a possibilidade de dar continuidade ao que sempre fez parte da vida da sua família, especialmente de Dona Edite, sua mãe, que é o trabalho com e para as comunidades.

Atuando no campo da Terapia Transpessoal, com práticas que são mais integrativas, a biografada diz “está no veio do meu processo”, atende amigos, em uma fase que ela chama de reconstrução da sua formação. Usa algumas técnicas da Corporal, apoiada em estudos que há alguns anos vem aprofundando, de certa forma, preparando-se para essa nova fase, distante das salas de aula, mas certamente, presente nas lembranças afetivas de tantos que se acercaram dela, como alunos, amigos, colegas de trabalho.

Atualmente aposentada, diz ter alguns planos “na realidade eu estou tentando não estar no mundo acadêmico porque eu acho que minha tarefa no mundo acadêmico teve um ciclo e esse ciclo de certa forma está fechado”. Há cerca de três anos antes da aposentadoria, deixou de aceitar orientandos, visto que não poderia deixá-los no meio do caminho. Quando convidada ainda participa como coorientadora, como diz, “com o maior prazer”.

Parece que de novo foi fisgada pelo trabalho de criar projetos, elaborar documentos, ao aceitar trabalhar na criação de uma Universidade Aberta, ligada ao grupo da Casa do Caminho³⁵, objetivando formar terapeutas comunitários para

³⁵ A CASA DO CAMINHO – Pronto Atendimento Espírita é uma organização religiosa filantrópica, cultural e de assistência social, sem fins lucrativos, pessoa jurídica de direito privado, instituída nos termos do Código Civil Brasileiro (Lei nº 10.406/2002) e da legislação vigente e regida por Estatuto

trabalhar na referida instituição. Mais que isso, também terapeutas na linha de cura transpessoal e de cuidados para quem necessita de apoio pessoal. Como ela mesma diz: “recebi esse presente na minha mão, no dia que fui discutir a formação de terapeutas comunitários”.

Nesse espaço espírita frequentado por Teresinha, onde se autodenomina trabalhadora da casa, nenhuma decisão ocorre fora da aquiescência da espiritualidade, ou seja, do seu mentor espiritual. Consultado sobre o curso achou que era muito pouco e que deveriam pensar em uma Universidade Aberta. Posto o desafio, Teresinha foi mobilizada pelos moldes em que isso se daria e, ao meu ver, tinha tudo a ver com a percepção de uma vida inteira dedicada a tornar o conhecimento acessível a todos. Entre outras falas, esta especialmente, deixa evidente a sua postura “Me move a ideia de uma universidade que não tenha limite para entrar, transformar a visão da educação superior como uma casta, educação de castas e elites”.

O projeto tem a proposta de formar terapeutas comunitários, numa perspectiva solidária, longe da ideia daquele atendimento com hora marcada, mas pela ordem da necessidade. A seleção será espontânea e as/os candidatas/os poderão ter qualquer nível de formação, pois uma das propostas é vir a ser uma casa de educação, cuja ideia fundamental é aproximar-se dessa pessoa a partir do que ela já sabe e reconstruir com ela um caminho, solidariamente com outras pessoas, com grupos. Logo, as pessoas terão curso superior, dentro dessa Universidade Aberta, acessível, onde poderão sentir-se importantes, porque são elas, e elas têm um saber que deve ser considerado.

Como algo que permeia a condição do estar vivo, mudanças marcam os caminhos, transformando vidas, projetos, decisões e atualmente o projeto da Unicaminho está em *stand by*, porque não houve condições para dar continuidade ao que foi planejado.

Ao ser questionada sobre uma possível orientação religiosa, Teresinha se considera espiritualista. Doutrinariamente não tem uma denominação e considera-se apenas uma trabalhadora da casa que atende pessoas. Considerando que pensa a religião como dogma que tolhe a liberdade das pessoas, simpatiza da forma como o

espiritismo engloba Filosofia, Ciência e Religião. Relata haver lido muitos livros desde Allan Kardec, Leon Denis, José Herculano Pires, Chico Xavier e considera que são obras de conteúdos muito interessantes. Paralelo a esse movimento, faz um curso de fitoterapia, terapia da natureza.

Como algo bem dinâmico como poderíamos ter a pretensão de que a biografia de alguém encarnado pudesse ser algo estanque? Teresinha nos surpreende ao contar, alguns meses depois desse penúltimo encontro, sua ligação com a espiritualidade, visto que, segundo ela, quem vivenciou muita ciência busca uma alternativa mais leve que explique os seus porquês. Dessa forma, revela estar envolvida em outro projeto, desta vez um cujo nome é a junção de Luz, Amor e Paz revelando o nome LUAMPA, um grupo considerado por ela como esotérico que objetiva espalhar luz, amor e paz no mundo com a proposta de formação de curadores, cuidadores e de pesquisadores nessa área da ligação da espiritualidade com a ciência. Em síntese, trabalhar com uma rede de formação de pessoas para laborar pela paz no planeta. O pedido da criação da rede foi feito desde outubro 2018.

Até o momento participam desse grupo vinte e três pessoas que trabalham na área de medicina alternativa, médicos, enfermeira e educadores de saúde. A criação dessa Rede foi solicitação de uma entidade que não está mais no plano físico e tem orientado Teresinha a conduzir os trabalhos através de mensagens psicografadas que depois são compartilhadas no grupo, em reuniões que acontecem em sua casa. Essa experiência não foi de pronto aceita por ela e segundo seu relato sempre teve muita intuição, percebia as coisas, o que em algumas ocasiões livrou-a de situações perigosas, como por exemplo, ao recusar-se a andar de bicicleta e depois da insistência de um primo, ao ceder, acabou se acidentando. Desde 2017 havia alguns indícios da presença dessa entidade, mas só em maio de 2018 aconteceu primeira transmissão. Por enquanto, só ela está recebendo, embora qualquer pessoa possa receber.

Teresinha ficou apavorada e confusa até que decidiu assumir. Teresinha descreve como acontecem esses momentos

Só acontece de manhã cedo quando acabo de acordar eu sinto como se tivesse o som do universo nos meus ouvidos e aqui (aponta para

o centro da sua cabeça) no chakra coronário³⁶ paro pego caneta e papel porque eu já sei ...e eu não ouço e é rápido. Eu sou a pessoa que mais tem dificuldade para escrever. Escrevo com dificuldade, sou perfeccionista. Escrevo e leio pra ver se o leitor vai entender. Levo até três meses para escrever um artigo. Chego a escrever a mesma coisa 500 vezes. Mas ai é diferente, começo e quando eu paro é o ponto final, já escrevi até 5 páginas. (FRÓES BURNHAM, 2019).

Para manter o grupo cuja proposta é acolher pessoas de forma gratuita, já pensam em algumas estratégias para arrecadar recursos, tais como venda de brechó, jantares e almoços solidários e venda de garagem, prática comum nos Estados Unidos, que consiste em vender móveis e objetos da casa diretamente na garagem (ou no quintal), sem intermediários.

Até o momento foram psicografadas 40 mensagens, inclusive com orientação para organização de um workshop. Essas mensagens são revisadas para posteriormente serem lançadas em um Blog. Dentro dessas orientações há 4 etapas importantes sinalizadas pela entidade: 1.Despertamento – 2.Meditação – 3.Publicações interativas e e-book – 4.Trabalho social - orienta que todo trabalho seja mão na massa e mão na terra.

Segundo Teresinha, há muitos canais de interferência nessa transmissão e ainda pode ouvir músicas de Gonzaguinha, Guilherme Arantes e Milton Nascimento.

Posso tranquilamente voltar a pensar na minha epígrafe, que possivelmente, de forma intuitiva foi escolhida para compor esta tese, visto que posso dessa forma afirmar: “eis aqui um vivo”, tão preenchido de desejos, inquietações, aberto a mudanças, receptivo ao novo, inundado por energias que para muitos fogem à compreensão racional das ciências experimentais, mas, eis aqui um vivo.

O sujeito encarnado Teresinha Fróes Burnham constituiu-se a partir das vivencias relatadas até aqui, sua estreia no mundo, seu viver centrado em aprender e disseminar conhecimento, sua vida laboral e seu desejo de permanecer atuante, espalhando outro tipo de conhecimento, aquele que de fato pode tornar as pessoas melhores e mais felizes, o autoconhecimento. Como Análise Cognitiva

³⁶ O Chakra coronário é o sétimo de baixo para cima. A função deste Chakra é impulsionada pela consciência e por nos conectar com o divino. Localizado no alto da cabeça, ele nos dá acesso a estados de consciência elevados, à medida que nos abrimos para o que está além de nossas preocupações terrenas. Disponível em:<<https://www.cristaisaquarius.com.br/blog/chakra-coronario/>>.

reconhecidamente tem a marca de Teresinha, fez-se necessário o aprofundamento deste estudo, apresentado no capítulo 4, inicialmente, com uma síntese e considerações sobre o conceito.

4 ANÁLISE COGNITIVA

“[...] essa coisa minha com o conhecimento sempre foi uma razão de viver mesmo”. (Fróes Burnham)

No estado da arte de textos produzidos por Teresinha Fróes Burnham temos a genealogia da Análise Cognitiva com uma descrição na linguagem acadêmico-científica, embora de fácil compreensão, fazendo jus aos estudos da autora, que envolvem desde o conceito em si, como a possibilidade de socialização desse conhecimento, tornando-o acessível ao maior número de pessoas.

Em três de seus artigos arrolados abaixo, Fróes Burnham usa como referências, além de si mesma, com maior incidência, Michael Polanyi em *Personal Knowledge: Towards a Post-Critical Philosophy*, Chicago: The University of Chicago Press, 1976. Com os títulos abaixo conseguimos condensar três artigos de relevância para os estudos da Análise Cognitiva, sob o olhar experiente da professora Teresinha Fróes Burnham. Sejam eles: *Análise Cognitiva: reconhecendo o antes irreconhecido*; *Análise Cognitiva: Raízes e primeiras aproximações para sua concepção como campo do conhecimento*; *Análise Cognitiva, um campo multirreferencial do conhecimento? aproximações iniciais para sua construção*. Neles a palavra conhecimento foi referida 218 vezes, comunidade 120, multirreferencialidade 10, complexidade 6, interdisciplinar 6, Análise Cognitiva 81, o que nos leva facilmente a identificar, com essa prevalência, do que trata seus estudos e o que alimenta seus interesses, para então entendê-la como um campo emergente, que aparece em uma diversidade de áreas do conhecimento, com ampla gama de focos de conteúdos e extensa disseminação de significados atribuídos.

Sua primeira incursão no campo foi na década de 1970, mais precisamente entre 1972 a 1975, quando da produção da sua dissertação de mestrado, embora à época não houvesse referência ao termo, mais adiante sob análise pôde constatar que a Análise Cognitiva estava presente em seus estudos, objetivando fazer uma transdução do conhecimento, ou seja, tornar compreensível à comunidade ampliada, um conhecimento que até então seria restrito às comunidades epistêmicas. Em seu artigo *Análise Cognitiva: reconhecendo o antes irreconhecido*, a professora Teresinha discorre conceituando as comunidades do conhecimento, entre elas a

epistêmica, e sua abrangência na socialização desse conhecimento, sendo compreendidas como

[...] aquelas que trabalham profissionalmente com a produção do conhecimento segundo normas específicas, rigorosas, com base em referenciais explícitos, validados e legitimados por pares, atendendo a critérios definidos e consensuados; normalmente esta produção é colocada a escrutínio dos membros dessa própria comunidade, quer através de eventos, de agências de fomento, veículos de difusão / disseminação reconhecidos, por meio de “*double blind peer review*”, previamente à aceitação e aprovação para apresentação, financiamento ou publicação. Estas comunidades geralmente vinculam-se a instituições / organizações de caráter acadêmico, científico, tecnológico, legislativo, jurídico. (FROES BURNHAM, 2012, p.60).

Teresinha pontua no seu artigo alguns marcos significativos dentro da UFBA para socialização do conhecimento a partir da 1ª linha de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo: Essência e Contexto, em 1982. Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Currículo, Ciência e Tecnologia – NEPEC, no ano de 1990; Rede Cooperativa de Pesquisa e Intervenção em (In)formação, Currículo e Trabalho – REDPECT, em 1997; Rede Interativa de Pesquisa e Pós-Graduação em Conhecimento e Sociedade – RICS, em 2004; Grupo de pesquisa em Conhecimento: Análise Cognitiva, Ontologia e Socialização – CAOS a partir da redefinição das linhas de pesquisa da REDPECT, em 2010.

Os estudos sobre gestão e difusão do conhecimento realizado por pesquisadores da REDPECT/UFBA e do LNCC/MCT, juntamente com pesquisadores de outras instituições deram origem a uma proposta de pesquisa com a criação do Rede Interativa de Pesquisa e Pós-Graduação em Conhecimento e Sociedade RICS – em 2004, que podemos considerar como a célula embrionária a partir da qual surgiu o Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento – DMMDC. Com essa dimensão, torna-se necessário analisar o conhecimento, seus modos de produção, organização, dispositivos de acervação e formas de difundi-lo.

Considerando que o conhecimento é um bem público, Teresinha Fróes Burnham deixa claro em sua entrevista a Jocelma Almeida Rios, em 2012, à época doutoranda do DMMDC, ter “muita reação quanto à questão da segregação

cognitiva de significativas faixas da população”. Não como uma posição recente, mas algo que acontecia desde a década de 1970, ao defender a dissertação “Caracterização do professor de Ciências do 1º. grau no Estado da Bahia”³⁷. Essa pesquisa é então considerada por ela como o primeiro estudo de Análise Cognitiva que realizou. Mais adiante, no doutorado, surge o interesse consciente pela Análise Cognitiva, tornando-a objeto central para sua tese, aprofundando como se dava o processo de tradução de um conhecimento científico em conhecimento para a vida. Nesse trabalho, buscou compreender os aspectos cognitivos da tradução do conhecimento biológico em conhecimento comum.

O termo “Análise Cognitiva” à época não era comum, embora haja indícios do seu aparecimento a partir de 1941, mas a primeira vez que o termo foi usado de maneira mais consistente foi em 1954 na obra do filósofo norueguês Arne Dekke Eide Næss (criador da Ecologia Profunda) e dois associados, Jens A. Christophersen and Kjell Kvalø, publicado em 1956 pelo Conselho Norueguês de Pesquisa para a Ciência e as Humanidades, através da editora da Universidade de Oslo, com título *Democracy, ideology, and objectivity, studies in the semantics and cognitive analysis of ideological controversy*, no qual ele apresenta uma análise sobre democracia, como se fosse uma análise semântica. Ainda nessa mesma década do século passado, encontra-se um artigo datado de 1959 *A developmental study of sexual functioning by means of a cognitive analysis*, publicado por E. M. Sjostedt e I. Hurwitz no *Journal of Projective Techniques*. Depois desses, os próximos e raros registros de publicações no cenário acadêmico-científico só vão aparecer nos anos 1970.

Teresinha Fróes Burnham reluta um pouco, declara receios quando pensa em definições do termo, sinalizando que elas criam “celas de aprisionamento do conhecimento”.

A Análise Cognitiva ocupa-se com dimensões deixadas em segundo plano pela educação, como a afetiva, a emocional e as do corpo. Teresinha Fróes Burnham cita Francisco Varela (2012), ao que ele chama de ação incorporada ao ato de aprender, pois, segundo a biografada “só vamos entender se nos incluirmos

³⁷ FRÓES BURNHAM, Teresinha. Caracterização do professor de ciências do 1º grau no Estado da Bahia. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1976. (Dissertação de mestrado aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação. Orientador: Delmar Ewaldo Schneider).

nele. Se faz parte de nossa história, se tiver a ver com cada momento que vivemos, na sua inteireza". (2012).

Corro o risco de idealizar o porquê do interesse de Teresinha Fróes Burnham pela multirreferencialidade, mas encontrei nas suas respostas à entrevista citada acima, uma explicação pertinente que faz interlocução com sua história de formação profissional e social, de compartilhamento e reciprocidade ao

[...] buscar a pluralidade, e, a partir dela encontrar possibilidades de interface, de conexões, que permitam interação entre grupos e comunidades que trabalham com o conhecimento, procurando estabelecer diálogo que reduzam a territorialização e a privatização do conhecimento e encontrar alternativas para torná-lo apreensível, compreensível, (re) construtível, tanto para as comunidades próximas como para as comunidades mais amplas. (FRÓES BURNHAM, 2012).

Nas abordagens multi, pluri e interdisciplinares, buscava-se o desaparecimento da compartimentalização dos temas pesquisados, sendo a multirreferencialidade uma possibilidade da socialização do conhecimento, de forma ampla, em vários e distintos espaços. A multirreferencialidade é uma perspectiva epistemológica criada por Jacques Ardoino³⁸, segundo o qual o conhecimento se produz e se organiza a partir de diferentes fontes e sistemas que os indivíduos sociais, grupos, comunidades têm/tomam como referência para dele se apropriarem, o (re)construírem, o transformarem. (RIOS, 2012).

Se o conhecimento se organiza a partir de diferentes fontes, surge uma crítica à escola como principal formadora da/do cidadã/ao, visto que o conhecimento estudado na escola era considerado menos significativo para as pessoas do que aqueles que conseguiram apreender/construir em outros lugares. Esse dado importante surgiu a partir de um trabalho desenvolvido e coordenado por Teresinha em um projeto de Currículo, Trabalho e Construção do Conhecimento, realizado pelo

³⁸ Provocante e refinado epistemólogo das ciências da educação e antropológicas, que por diversas vezes visitou o Brasil para debater suas ideias, vinculadas principalmente ao seu mais fecundo e principal conceito neste campo da pesquisa e da formação educacional, o conceito de multirreferencialidade. (VERRIER, Christian. Jacques Ardoino: pédagogue au fil du temps. Préface de René Barbier. Paris: Téraèdre, 2010).

NEPEC³⁹. Nesse projeto foi realizada uma pesquisa realizada por alunos de Pedagogia, da FACED. Foram entrevistadas 120 pessoas, aleatoriamente abordadas na rua. Cada pesquisador entrevistava três pessoas, perguntando quais os três conhecimentos mais importantes que haviam aprendido em sua vida, como o aprenderam, onde, quando e com quem. Entre elas o percentual foi mínimo daquelas que citaram a escola como o lugar onde aprenderam os seus conhecimentos mais importantes. Antes colocaram a família, a religião, o trabalho e os amigos.

Em espaços acadêmico-científicos a produção se dá de modo distinto, em comunidades denominadas epistêmicas. Membros dessas comunidades podem, eventualmente, pertencer a outras, que se reconhecem como comunidades cognitivas (artística, políticas, religiosas), em que nelas se produz conhecimento intencional, não profissional, como nas epistêmicas.

A Análise Cognitiva ocupa-se das dimensões afetiva, emocional e do corpo, evitando compartimentalizações, e segundo Fróes Burnham, “você chega à escola e parece que só aprende do pescoço para cima”, referindo-se à invisibilidade do corpo na ambiência escola, o corpo como um sistema integrado complexo com múltiplas funções interligadas, sujeito a influências e mudanças motivadas por agentes físicos, emocionais, disciplinares, comportamentais, pedagógicos

[...] Não é só o cérebro que aprende. Os seres aprendem com o corpo inteiro: músculos, olhar, ouvir, olfato, gosto; aprendem pelas ações que realizam e, portanto, por todos os seus poros...por/através/com tudo que o constitui. (FRÓES BURNHAM, 2012).

Desejando pensar em uma educação que contemple as dimensões que abrangem a integralidade do ser, afeto, emoção, corpo e sua subjetividades, cabe-nos refletir sobre a importância de uma educação que não mais crie compartimentos estanques e dê lugar a esse corpo que não se rende, embora às vezes, assim o demonstre. Há na educação uma imposição de limites e regras que provocam uma

³⁹ Primeiro núcleo de pesquisa criado na FACED/UFBA, na segunda metade da década de 1980, denominado inicialmente Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Currículo, Trabalho e Construção do Conhecimento, passando posteriormente a ser em Currículo, Ciência e Tecnologia.

descaracterização da forma mais simples e embrionária, no que se refere às expectativas de liberdade de que necessita o corpo para então sim, exercer o seu papel de suporte a todas as outras experiências, inclusive as intelectuais, às de sobrevivência neste espaço de convivência, considerando que

O âmago da multirreferencialidade é o sujeito – a um só tempo indivíduo e ser social – construtor do conhecimento, que contrasta suas próprias referências (intrassubjetivamente) e também estas com as de outros sujeitos (intersubjetivamente), além de considerar elementos constitutivos da situação / problema que analisa / (re)constrói. Esta mesma situação / problema não pode ser separada(o), pelo sujeito, do contexto em que está inserida(o), especialmente do complexo sociocultural da comunidade a que este sujeito pertence. (FROES BURNHAM, 2012).

Eis então o sujeito encarnado em suas várias nuances, construindo e reconstruindo sua história, sozinho ou na interação com seus pares, internalizando essas experiências nos diversos espaços que percorre ao longo da sua existência. Torna-se necessário que possamos nos apropriar do conceito de sujeito encarnado, desde que citado tantas vezes, e como encarnado, deve ter presença física neste espaço da pesquisa. Afetado por marcadores sociais, citados por Messeder, referindo-se às ações realizados no grupo de estudos Enlace

[...] onde fazemos um investimento intensivo na preparação da apresentação dos trabalhos de todos/as pesquisadores/as, tendo como princípio a relação entre a trajetória de cada pesquisador fazendo valer a ideia de como os marcadores sociais cravados nas experiências pessoais (classe, raça, desejo sexual, ato performativo de gênero, relações de gênero e etc.) nos afetam e como tais marcas podem nos influenciar em nossas escolhas de temas e na circunscrição do objeto de estudo. (MESSEDER, 2018, p.2).

Percebemos que não há como sermos impermeáveis a esses marcadores que definem como nos aproximamos do nosso objeto de pesquisa. Se usarmos literalmente a interpretação da palavra ‘marcadores’, temos uma experiência que nos construiu e/ou nos modificou. Trocando em miúdos, nos marcou, nos transformou, influenciou e nos revelou como sujeitos encarnados, porque marcadores sociais permeiam nossos corpos.

No artigo *Análise Cognitiva: raízes e aproximações para sua concepção como campo do conhecimento*⁴⁰, Teresinha antecipa o que ao longo dessa tese aparece em muitos momentos, que é o sujeito encarnado, quando, logo na introdução refere-se à experiência de estudos e estruturação da Análise Cognitiva como “sentir na pele”, desse jeito, aspeada. A pele, como o maior órgão do corpo, a pele que o recobre, ou como Almodóvar, “a pele que habito”. Dessa forma, usa palavras como extensivamente, intensivamente, aceleradamente, entusiástica e incessantemente para descrever o percurso de construção do DMMDC e os estudos dentro do grupo de pesquisa CAOS ao fazer uma prospecção sobre o conceito, áreas de significação e o campo acadêmico-científico referentes à Análise Cognitiva. Esses estudos basearam-se em pesquisas que foram realizadas em seis bases internacionais de conhecimento que compõem o Portal de Periódicos da Capes.

Nessas pesquisas foram encontrados artigos que traziam o termo no título, nas palavras-chave, resumo ou corpo do texto, embora a maioria não apresentasse Análise Cognitiva como tema central, sendo apenas citado o termo, servindo de suporte para estudo de outros objetos ou como método ou técnica. Mais adiante, essa pesquisa identifica o que Teresinha coloca como uma

[...] robusta polissemia, mas também muita indefinição ou ausência de explicitação do termo, ou até mesmo simples uso da expressão sem ancoramento no desenvolvimento do texto o que caracteriza o campo prospectado como fragmentário, lacunar e eivado de ausências, o que soe ocorrer em campos que estão em processo de instituição. (FROES BURNHAM, 2012).

Nesse levantamento foram encontrados uma grande diversidade de áreas do conhecimento empregando o termo Análise Cognitiva - Psicologia, Neurociência, Ciências da Computação e Engenharia, Antropologia, Saúde, Linguística, Artes (Música), Humanidades, Filosofia, Direito, Economia entre outras. Ainda um extenso leque de conteúdos com uma longa dispersão de significados atribuídos, o que indicava um “campo de conhecimento complexo, plural e multirreferencial”.

⁴⁰ Esta seção é uma reconstrução modificada e atualizada da seção 3 – “Análise Cognitiva” da seção “Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem”, que compõe o livro “Análise Cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: Currículo, Educação a Distância e Gestão do Conhecimento”.

O artigo em questão ainda se ocupa em aprofundar uma questão premente, que seria o diálogo entre as diferentes comunidades que operam com o conhecimento. O grupo CAOS em seus estudos considera importante o resgate de saberes/práticas do cotidiano que são discriminados como conhecimentos não autorizados, de categoria inferior.

Buscando responder às perguntas que permeiam esses estudos sobre Análise Cognitiva, cuja principal pergunta não pode ser desconsiderada, o grupo CAOS embasado em seus estudos entende Análise Cognitiva como

[...] um triplo campo teórico -metodológico “que estuda o conhecimento a partir dos seus processos de construção, tradução e difusão, visando o entendimento de linguagens, estruturas e processos específicos de diferentes disciplinas, com o objetivo de tornar essas especificidades em bases para a construção de lastros de compreensão inter/transdisciplinar e multirreferencial, com o compromisso da produção e socialização de conhecimentos numa perspectiva aberta ao diálogo e interação entre essas diferentes disciplinas / ciências [e outros modos de organização do conhecimento], de modo a tornar conhecimento privado de comunidades [...] epistêmicas ou cognitivas em conhecimento público. (FRÓES BURNHAM, *et tal*, 2012, p.19).

Ainda nesse artigo são citadas as comunidades de conhecimento, pontuando a interligação entre elas, em algum momento separadas por questões didáticas para melhor entendimento. São citadas as comunidades epistêmicas, comunidades cognitivas e comunidade ampliada, criando mediação para tornar o conhecimento público.

Finaliza com título que desvenda a pesquisadora Teresinha Froes Burnham: concluindo em tapeçaria coletiva “[..] Um trabalho construído a várias mãos, um tapete, um trançado com objetivo comum: florescer um novo campo de conhecimento”. Sua marca pessoal na expressão “a várias mãos”, um trabalho coletivo, demonstrando uma linearidade no compromisso de construção e socialização do conhecimento. O que seria uma tapeçaria coletiva, nada mais que, além do trabalho coletivo, um objetivo comum e um resultado descobrindo o belo da pesquisa.

Mais adiante, no *artigo Análise Cognitiva, um campo multirreferencial do conhecimento? Aproximações iniciais para sua construção*, temos uma

apresentação inicial dos primeiros trabalhos encontrados na literatura acadêmico-científica sobre AnCo, análises preliminares sobre a expansão do campo nos últimos 50 anos e um quadro de referência construído no grupo CAOS, contribuindo para a construção do mencionado estatuto epistemológico para o campo da AnCo.

Teresinha lista os grupos de pesquisas que antecederam a criação do DMMDC, dando um significativo lastro para sua sedimentação como um novo curso de doutorado. Como a socialização do conhecimento foi de interesse, não só de Teresinha mas da Universidade como um todo, havia nesse movimento linhas, grupos e núcleos de pesquisa da UFBA e de redes de pesquisadores de diferentes instituições, inclusive em intercâmbio com membros de outras instituições de pesquisa no Brasil e no exterior.

Desejando alcançar a gênese da criação do DMMDC fez-se um rastreamento que cobre desde o ano de 1982 a 2010 quando efetivamente se consolida o projeto do Doutorado em Difusão do Conhecimento. Não posso deixar de colocar, como no texto, esses grupos e respectivas datas, importantes, para que possamos compreender a evolução dentro de um campo do conhecimento que assim se constituiu

[...] a criação da primeira linha de pesquisa efetivamente atuante como grupo integrado, trabalhando colaborativamente, no Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo: Essência e Contexto, em 1982; a institucionalização do primeiro núcleo de pesquisa da Faculdade de Educação, que buscava integrar as três funções básicas da universidade, o Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Currículo, Ciência e Tecnologia (NEPEC), no ano de 1990; a extensão do NEPEC em uma ampla rede de pesquisa, a Rede Cooperativa de Pesquisa e Intervenção em (In)formação, Currículo e Trabalho (REDPECT), em 1997; o desdobramento desta numa rede ainda mais ampla, a Rede Interativa de Pesquisa e Pós-Graduação em Conhecimento e Sociedade (RICS), em 2004, e a criação do grupo de pesquisa em Conhecimento: Análise Cognitiva, Ontologia e Socialização (CAOS) – a partir da redefinição das linhas de pesquisa da REDPECT, em 2010.

Esses grupos desenvolveram pesquisas que deixavam claro que havia conhecimentos mais importantes para as pessoas do que aqueles apreendidos dentro da educação formal, ou seja, aprende-se significativamente fora da escola em espaços chamados Espaços Multirreferenciais de Aprendizagem – EMA.

Dentro desses grupos, inicialmente, o foco maior era para os aspectos mais (in)formativos/educativos do trabalho com o conhecimento, mais adiante perceberam que seria importante dedicar maior atenção à espiral dos processos de trabalho com o conhecimento: produção, organização, acervação e difusão.

Para expansão desse conhecimento fez-se necessário buscar parceiros que contribuíssem para entender os diferentes processos da espiral com um olhar abrangente multi/interdisciplinar. Pesquisadores da REDPECT/UFBA e do LNCC, do Ministério de Ciência e Tecnologia – MCT que pesquisavam gestão e conhecimento passaram a dialogar pensando na elaboração de um projeto comum de pesquisa, ampliado com a participação de professores da UEFS, UNEB, IFBA, FVC e UFABC. Essas instituições então articularam uma proposta que findou por dar origem, criação do RICS, em 2004, rede esta que assumiu transformar essa proposta em um programa integrado de pesquisa e pós-graduação, que culminou com a criação do DMMDC.

Simultaneamente, durante esse período (2004 a 2007), era elaborado o currículo do DMMDC ao tempo em que se pensava no perfil do egresso desse doutorado, havendo no grupo uma concordância quanto ao seu papel como analista do conhecimento. O questionamento girava em torno de que campo do conhecimento se assentaria a (in)formação e a atuação desse egresso?

A partir daí e diluído ao longo do texto, o referido artigo ocupou-se em aprofundar a origem do termo, visto que no Portal de Periódicos da Capes, um limitadíssimo número de apenas quatro publicações em língua inglesa trazia a expressão “*cognitive analyst*”. A instituição de um novo doutorado dentro da UFBA com esta proposta demandava um apurado e detalhado estudo, que foi descrito e demonstrado através de quadros e tabelas listadas para melhor compreensão do estudo. Aqui estão listados os títulos que abrangeram a profundidade da pesquisa em questão.

Quadro 1. Síntese das primeiras produções acadêmicas indexadas com o termo “Análise Cognitiva”;

Gráfico 1. Número de artigos tendo o termo “Análise Cognitiva” entre os seus indexadores identificados, por ano, no período de 1960-1999;

Gráfico 2. Incremento do número de artigos identificados no período de 1960 a 1999, tendo o termo “Análise Cognitiva” entre os seus indexadores;

Gráfico 3. Incremento do número de artigos tendo o termo “Análise Cognitiva” entre os seus indexadores, identificados no período de 1960 a 2010;

Gráfico 4. Distribuição dos artigos publicados de 1960-2010, tendo o termo “Análise Cognitiva” como um de seus indexadores, segundo bases do conhecimento em que estão acervados;

Quadro 2. Quantitativo (Absoluto e Percentual) de artigos acervados nas bases consultadas;

Tabela 1. Distribuição dos artigos segundo os periódicos em que foram publicados, no período de 1960-2010;

Gráfico 5. Periódicos que mais publicaram artigos indexados com o termo “Análise Cognitiva” no período de 1960-2010;

Quadro 3. Periódicos que mais publicaram artigos indexados com o termo “Análise Cognitiva” no período de 1960-2010;

Tabela 2. Distribuição dos artigos identificados segundo as áreas/disciplinas do conhecimento a que se vinculam os periódicos em que foram publicados.

Com esse panorama podemos constatar e retificar a Análise Cognitiva como bem o situa Teresinha Fróes Burnham, como um

Campo complexo de trabalho com/sobre o conhecimento e seus imbricados processos de construção, organização, acervo, socialização, que inclui dimensões entretecidas de caráter teórico, epistemológico, metodológico, ontológico, axiológico, ético, estético, afetivo e autopoietico e que visa o entendimento de diferentes sistemas de estruturação do conhecimento e suas respectivas linguagens, arquiteturas conceituais, tecnologias e atividades específicas, com o propósito de tornar essas especificidades em lastros de compreensão mais ampla deste mesmo conhecimento, com o compromisso de traduzi-lo, (re)construí-lo e difundi-lo segundo perspectivas abertas ao diálogo e à interação entre comunidades vinculadas a esses diferentes sistemas, de modo a tornar conhecimento público todo aquele de caráter privado que é produzido por uma dessas comunidades, mas que é também de interesse comum a outros grupos/comunidades/formações sociais mais amplas. (FRÓES BURNHAM, 2012).

Com o forte traço, toque, diria, perfil de Teresinha Fróes Burnham, encerra-se o artigo vislumbrando a socialização do conhecimento e a superação da segregação sociocognitiva.

4.1 Aprendendo Análise Cognitiva com Teresinha Fróes Burnham

Considero muito importante e terei com este capítulo um cuidado especial, por tratar-se de um conteúdo de fácil compreensão, o que o torna acessível, bem ao gosto da nossa biografada, pois consegui esta “aula” com Teresinha, que de forma bastante generosa, disponibilizou-se para aprofundar nesta tese esse campo de conhecimento. Não consegui apenas fazer a transcrição e interpretar para não correr o risco de perder informações importantes, o que me conduziu, na maior parte do tempo a colocar, *ipsis litteris*, trechos da sua fala. Ela colocou de uma forma tão didática que preferi pecar por excesso, usando sua fala em forma de citação, embora algumas longas, mas que poderão auxiliar a tantos quantos, sei que muitos, tenham dúvidas quanto ao trabalho e aplicação da Análise Cognitiva em suas teses e dissertações. Ela nos ajuda a desvendar quem é, o que faz e qual a abrangência de atuação do analista cognitivo. Demonstrou preocupação quanto ao número de teses defendidas nestes últimos dez anos dentro do DMMDC, quantas efetivamente trabalharam AnCo, pontuando que muitas nem sequer chegam a mencionar o termo “Análise Cognitiva”. Conclui dizendo: “será que “as pessoas têm consciência de que estão se tornando analistas cognitivos?”.

Para fins de esclarecimento, devo colocar que no DMMDC a disciplina Análise Cognitiva - AnCo, é oferecida ao longo do curso como AnCo I (optativa) e AnCo II (obrigatória da Linha 3), o que por si só, ao meu ver, restringe as possibilidades e interesse em cursá-la. Há dois caminhos: um que me deixa livre e outro que me obriga. Se estou livre e sou de outra linha parece-me óbvio que posso deixar para outro momento, ou não.

Há um antagonismo que insiste em aparecer quando trabalhamos com Análise Cognitiva buscando conceituá-la, embora Teresinha seja avessa a essas conceituações, visto que, corremos, destarte, o risco de aprisionar o conceito e ficarmos limitados e impedidos de apreendermos com mais fluidez tanto quanto nos possa ser servido nesse banquete do conhecimento.

O conceito de AnCo, de alguma forma, fica submisso à análise semântica das palavras que o formam. Analisar de forma cognitiva seria restringir ao intelecto, ao cognitivo, embora de forma ampla, ocupe-se do sujeito na sua totalidade, donde cabem subjetividades corpóreas, presente no título desta tese, amalgamada ao sujeito encarnado, que nada mais é do que o resultado das experiências, situações,

desafios, sentimentos, emoções que permeiam esse corpo físico, inclusive. Teresinha explica que

Na Análise Cognitiva muito pouco se fala das questões mais emocionais, das questões corpóreas mesmo e fica muito no intelecto, no cognitivo e AnCo, por incrível que pareça mesmo com esse nome não seria isso. Seria trabalhar o sujeito na sua integralidade, totalidade. (FRÓES BURNHAM, 2018).

O que me ajudou a complementar e responder quando em dado momento fui questionada por Teresinha de como estaria significando subjetividades corpóreas no meu texto. Então, pensando sobre isso, pude afirmar que conscientemente o título foi fruto da maturação dessa ideia, e foi usada subjetividade corpórea em uma decisão própria e apropriada e assim lhe respondi

[...] Quando eu coloquei subjetividades corpóreas acho que eu fiquei pensando no sujeito encarnado, porque você, Teresinha Fróes, se construiu Teresinha Fróes porque você veio de lá, daquela experiência de quando você viu a porquinha parindo e seu avô que permitiu que você visse. Quando você aos catorze anos foi trabalhar, quando você teve o problema de visão, você se construiu Teresinha Fróes. Então as subjetividades que eu penso são as emoções que permearam esse corpo e que foram de alguma forma lhe fortalecendo, lhe dando subsídios para você se tornar Teresinha Fróes. (PELLEGRINO, 2018).

Concordando, Teresinha enfatiza que o sujeito encarnado de fato é atravessado por subjetividades várias que o complementam e fortalecem. Em sua fala vemos que esses sentimentos aos quais se refere aparecem

[...] E também as experiências concretas são muito importantes, não existe emoção sem experiência, toda emoção está ligada algum tipo de situação, algum tipo de experiência, algum tipo de desafio, sentimento. Essa coisa da subjetividade corpórea não vai significar trabalhar o corpo como tal. O corpóreo em si não significa o corpo físico, apenas. Existe muita ...essa visão o corpo material, físico, palpável, social. Subjetividade corpórea dá outro olhar mesmo a AnCo. (FRÓES BURNHAM, 2018).

Em outros momentos dos nossos encontros falávamos de Análise Cognitiva, mas o meu interesse maior estava voltado para aquelas suas lembranças de períodos pontuais que compuseram sua infância, adolescência, maturidade, mundo do trabalho e maternidade. Teresinha tem uma especial habilidade de falar de si, e uma memória prodigiosa que atravessa o tempo e para em curtos momentos, alguns marcantes, outros nem tanto, nomes são citados, algumas dúvidas. O interesse cresce e me dou conta de que preciso saber mais, para além das conceituações, preciso saber mais, para além dos livros e sugiro que livremente fale sobre Análise Cognitiva, como bem lhe aprouver. E foi maravilhoso vê-la discorrer sobre o tema senti-me na sala onde em 2014 a conheci e aprendi com ela. Do mesmo jeito, seu, único, traz seu conhecimento e compartilha em conteúdo que transcrevo abaixo em forma de citação pelas razões colocadas no início deste capítulo.

A Análise Cognitiva - AnCo é um termo que expressa um campo do conhecimento, embora há até pouco tempo tenha sido considerada uma metodologia. No livro “Análise Cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem” aparece no primeiro capítulo como uma tentativa de dar uma primeira estruturação ao campo explicando como é que ela vem se constituindo, uma tentativa, porque o que é que a gente faz? A gente vai para a literatura de periódicos analisa até 2010 e vê como é que ela vem se constituindo. E analisa quais são as temáticas trabalhadas por ela, que áreas do conhecimento, que especialidades, que disciplinas, que campo de pesquisa estão trabalhando AnCo. A partir daí a gente mostra também que Análise Cognitiva se constitui como um campo multirreferencial, transdisciplinar porque ela tenta trabalhar o conhecimento a partir de referenciais que são muito amplos. (FRÓES BURNHAM, 2018).

Neste primeiro momento, percebemos que Teresinha fez uma cartografia intensiva no termo para verificar a produção científica sobre Análise Cognitiva, chegando à conclusão que existe um campo multirreferencial

É claro que ninguém vai ser um analista cognitivo total, porque o que a Análise Cognitiva diz, advoga ou propõe é que os saberes possam ser intercambiados, que os saberes possam ser compreendidos, porque conhecimento é um bem público, mas do jeito que ele é tratado ele vira conhecimento privado, para alguns. Ele se torna um elemento não apenas privado do ponto de vista da área do conhecimento, ele se torna privado do ponto de vista de uma territorialidade também. Então o que acontece: essas

territorialidades ficam demarcadas, existem donos e esses donos são aqueles que exercem o poder e tornam esse conhecimento um produto de alto valor agregado e aí se vende conhecimento e aí o conhecimento vira uma mercadoria de alto valor se a gente for pensar nos moldes anticapitalista. Isso de uma certa maneira se tornando problema internacional, mundial. Você vê por exemplo as grandes tensões entre os países em relação às questões de pesquisa, as brigas e as disputas e assim por diante. E as propostas da AnCo é derrubar essas fronteiras e para isso trabalhar com conhecimento em todas as perspectivas possíveis. (FRÓES BURNHAM, 2018).

Aqui já tece comentários sobre o analista como um profissional e o coloca como limite de ser um profissional total, uma vez que o conhecimento possui uma territorialidade e torna-se privativo e em disputas entre grupos

Ela nunca será um trabalho para ser feito individualmente, esse campo não deve ser trabalhado por grupo de especialistas, pelo contrário ela tem que ser trabalhada por grupos e mais grupos diferentes de especialistas que possam conversar entre si para e que possam tornar aquele conhecimento, que é produzido em um grupo, compreendido, compreensível, apropriado e apropriável por outros grupos que tenham necessidade, interesse, desejos por aquele conhecimento. (FRÓES BURNHAM, 2018).

E coloca a necessidade de vários grupos e não somente um profissional, aqui poderia se pensar numa rede das comunidades epistêmicas e comunidade de práticas no intercâmbio de saberes

Por exemplo, se você chegar em algum espaço, numa reunião social, e você tem pessoas da área de saúde conversando, e até mesmo dentro da área de saúde os jargões, os conceitos, os termos técnicos, são muito específicos. Por exemplo da fisioterapia, da nutrição na psicologia, mesmo nessas especialidades médicas se chega a um nível tão grande de especialização que o médico de uma especialidade possivelmente vai ter dúvidas em terminologias de uma outra especialidade. Isso significa cada vez mais esse conhecimento se restringe e se torna mais privado. E eu diria inclusive confiscado. Uma postura bastante elitista, bastante segregacionista. (FRÓES BURNHAM, 2018).

Um exemplo mais no campo empírico do profissional que planeja ser um analista cognitivo, que seria a especialidade versus multirreferencialidade.

O que menos Teresinha desejou/deseja na construção desse seu arcabouço teórico, é que o conhecimento fosse privilégio de poucos, logo, seus estudos, por coerência ideológica, deveriam percorrer esse caminho de acessibilidade ao conhecimento, através da ressignificação desses conceitos, o que amplia as possibilidades de acesso e apropriação desse conhecimento como um todo.

Ao falar da importância de desvincular o conceito da metodologia, Teresinha amplia o campo por onde a Análise Cognitiva transita, citando diversos campos do conhecimento que podem inter-relacionar-se na busca da socialização desse conhecimento

Análise Cognitiva não como metodologia como muita gente vem entendendo mas como um campo do conhecimento que abrange tanto questões epistemológicas, quanto questões ontológicas, quanto questões axiológicas, quanto questões cognitivas do trabalho com o conhecimento. Ela envolve tanto as que vão desde a estética, por exemplo, da ética, até as matemáticas, ou que seja, porque na realidade é esse diálogo que é necessário e para que haja esse diálogo é preciso que haja tradução. (FRÓES BURNHAM, 2018).

Teresinha explica a importância de transformar a linguagem verbal para tornar acessível o conhecimento

Se eu disser, por exemplo, para você androceu possivelmente você na escola no ensino fundamental viu que a flor tem órgãos reprodutores e que o masculino é chamado de androceu. Mas será que você lembra? Quantas pessoas viram isso e jamais vão se lembrar. Veja que isso é um conhecimento básico. Se alguma outra pessoa vier falar um termo mais depurado ainda tecnicamente ninguém vai saber. Vai ser como dizia minha avó: um burro olhando para um palácio! (coisa que eu não acho que é tão estranha né? risos...). (FRÓES BURNHAM, 2018).

Nessa tentativa incansável de socialização do conhecimento, buscando torná-lo acessível e menos segregacionista, Teresinha desenvolve uma linha de raciocínio com nomenclatura própria que converge para o trans, ou seja, passagem, movimento. A tradução, transdução, transitualização, transposição, transferência. Tudo é trans. Todos esses termos existem e são usados na Física, na Biologia, na

área científica, o que ela fez foi ressignificá-los dentro da perspectiva da Análise Cognitiva

Necessário que se trabalhe transformando conhecimento de uma linguagem para outra linguagem para tornar acessível e aí é que entram as grandes questões do veio da transformação que passa pela tradução, passa pela transdução, passa pela transitualização, passa pela transposição, passa pela transferência. Tudo é trans. Por quê? Porque é passagem, é movimento de um espaço para outro, de uma, vou dizer, entre aspas, de uma “coordenação “para outra e aí na tradução você faz a passagem, você transforma esse conhecimento naquela mesma linguagem. Você traduz um conhecimento publicado em inglês para o português, ou uma linguagem técnica para uma linguagem mais do senso comum, que pode ser de um país para outro, ou de uma área do conhecimento para outra⁴¹. (FRÓES BURNHAM, 2018).

Se eu pegar um texto de um analista de operações na área de petróleo eu possivelmente estarei vendo um palácio diante de mim. Sem saber o que que aquilo significa. E qual é o papel do analista cognitivo? É papel do analista cognitivo fazer esse processo de tradução. Muitas vezes a tradução só no nível da linguagem verbal não é suficiente e as vezes não é possível aí a gente vai trabalhar com a transdução que é uma coisa diferenciada, as vezes passar de um sistema de representação para outro sistema. Você sai da linguagem verbal para pictórica ou para texto de teatro. Educação popular faz muito isso. Transformar em peças de teatro situações que são tratadas na sociologia, na antropologia. Tem a verbal mais tem muito mais do que a verbal. (FRÓES BURNHAM, 2018).

Teresinha cita como exemplo, um trabalho escolar feito pelo seu neto Gabriel e um colega de turma, na disciplina Inglês. Gabriel cursa o 9º ano e a proposta do trabalho era transformar um livro de uma autora inglesa⁴², com setenta e duas páginas numa história em quadrinhos com no máximo 5 páginas. Logo eles teriam que condensar essa linguagem verbal, que é o livro, em uma linguagem, diria até mais enriquecida, que é a verbal, com seus diálogos, com a linguagem fotográfica e outro tipo de expressão, através dos balões de diálogo que dão dinamicidade à

⁴¹ A primeira pesquisa realizada por um membro do grupo CAOS, envolvendo tradução do conhecimento, foi no período de 1976 a 1982 e teve como foco a socialização do conhecimento biológico, visando torná-lo conhecimento público através da dupla mediação de trazê-lo estruturado no sistema de conhecimento escolar para transformá-lo em conteúdo de interação entre professores e alunos no espaço-tempo de aulas de Biologia na escola de nível médio. (FRÓES BURNHAM, 1983).

⁴² AUSTIN. Jane. *Sense and Sensibility*

linguagem. Para conseguirem esse resultado, os meninos passaram um final de semana inteiro buscando figuras na internet, selecionando diálogos do livro, pegaram filmes, recortes, printaram telas e criaram balõezinhos de diálogo de cada personagem. Segundo Teresinha ficou maravilhoso, bastante colorido e finalizou dizendo: “Isso é uma forma de transdução”.

Mais adiante, pondera que de posse de uma situação concreta podemos estudá-la e transformá-la em uma dissertação de mestrado, o que também é uma transdução.

Nesse momento, a biografia é citada como transdução. Uma biografia seria uma transdução? Foi a minha pergunta entre outras para esclarecer as minhas dúvidas quanto a estar no caminho certo. Precisava escrever sobre Teresinha, mas também sobre seu objeto de estudo, contextualizando tudo isso para dar uma coesão ao meu texto. Então uma biografia seria uma transdução? Ela esclarece

Biografia é uma transdução pois você está representando uma vida através da linguagem verbal, você traz experiência de vida, você traz situações, você traz espantos, escolhas, desejos e vai expressar isso numa linguagem verbal específica que é a linguagem acadêmica então isso seria uma transdução. (FRÓES BURNHAM, 2018).

Diante dessa afirmação, pude então considerar que estava no caminho certo da minha tese, escrevendo sobre Teresinha e ainda utilizando construtos teóricos ressignificados por ela em seus estudos. O meu texto contemplou todas as subjetividades citadas por ela onde represento uma vida através da linguagem verbal.

Entre outros conceitos ressignificados por ela está a transitualização. Para melhor compreendê-la, Teresinha explica que podemos nos apropriar de uma situação específica e trazer para outra trabalhando com analogias. Usou como exemplo o que aconteceu em Paris em 1968 e o que foi o movimento estudantil no Brasil nesse mesmo período. São situações diferentes, mas que as razões e os interesses motivaram também as questões aqui no Brasil. Muitos analistas trouxeram a situação francesa para estabelecer comparação. Essa é uma forma direta de transitualização.

Uma forma mais direta de transmutação é apresentada por Teresinha, citando o exemplo do que é feito na agricultura

Se trabalha na agricultura e você tem uma praga e um determinado grupo consegue o controle dessa praga num local x e leva isso para outro local que tem características diferentes. Não é transferência, porque na transferência você pega tal como está aqui e leva pra lá. Na transmutação você vai trazer esse outro espaço agrícola que é diferente, as condições são diferentes, mas é possível que você traga elementos dessa situação que vão se compondo e se reestruturando insuflando novo contexto, mas o que você trouxe foi aquela situação que tinha alguma similaridade pra resolver pra resolver essa situação de cá. E isso o analista cognitivo faz bem, pode fazer brilhantemente. (FRÓES BURNHAM, 2018).

Para explicar transferência, Teresinha se reporta à linguagem tecnológica como uma das formas de socializar o conhecimento

Isso você vê muito falar na linguagem tecnológica, transferência tecnológica, quando você pega uma tecnologia que está operando, dando certo em determinado local e você importa ela e implanta noutro lugar. Aí foi transferência. É uma forma que o analista cognitivo pode trabalhar pra ver como se transforma esse conhecimento, como esse conhecimento pode ser mais socializado, tornado mais público, essa é a nossa proposta que o conhecimento seja bem público. (FRÓES BURNHAM, 2018).

Dentro dessa lógica, com a proposta de tornar o conhecimento público, todas essas formas acima descritas viabilizam o trabalho do analista cognitivo, possibilitando alcançar o objetivo da Análise Cognitiva que é destituir o conhecimento de uma face elitista e segregacionista, para socializar esse conhecimento para o maior número de pessoas.

Há um diálogo, no mínimo curioso, entre Teresinha e uma pessoa de um órgão de pesquisa ao se encontrarem durante um evento. Todos que a conhecem sabem perfeitamente que dentre outras, uma de suas bandeiras é a socialização do conhecimento, tornando-o acessível ao maior número de pessoas. Ele fez críticas severas a essa fala. Ela conta em que contexto ocorreu essa conversa e como reagiu às críticas

Eu fui falar isso tinha uma pessoa de um órgão de pesquisa e ele caiu assim em uma crítica severíssima. E o segredo da pesquisa fica aonde? Eu disse: e o segredo da pesquisa significa mesmo o que? Qual é a função do segredo da pesquisa? Por quê que se quer manter incógnito ou manter restrito ou manter absolutamente inviolável o segredo da pesquisa? Por causa da competição. Se não fosse pela competição não haveria essa questão, mas infelizmente a humanidade vive competindo o tempo inteiro. (FRÓES BURNHAM, 2018).

A Análise Cognitiva tem todas essas nuances, mas ela consegue, ainda, dentro do campo das coisas mutáveis, visualizar um panorama otimista no caminho da sua construção

[...] Campo extremamente complexo, e é muito complexo. E que nos permite ao mesmo tempo dizer: estamos em fase de construção. Como tudo é impermanente, e eu acredito muito nisso, como tudo vai se transformando ao longo do processo, como tudo é impreciso, a gente não tem a previsão, nessa terceira dimensão que a gente vive. Como tudo é busca, Análise Cognitiva está aí se construindo, agora vai depender muito do papel que o DMMDC vai exercer na formação desses analistas. Porque por exemplo uma das coisas que foi levantada nas últimas bancas que participei é que muitas teses não falam nem no termo Análise Cognitiva. Será que as pessoas têm consciência de que estão se formando como analistas cognitivos? E isso é triste! (FRÓES BURNHAM, 2018).

Com essa declaração, encerramos por aquele dia, marcante e inesquecível dia, dentre tantos outros, desfrutando da companhia e da riqueza de conhecimentos tão generosamente compartilhados por Teresinha Fróes Burnham.

Diante dessa exposição de fatos tão marcantes, penso na composição que propiciou a formação desse novo ser, sua inserção na família existente, as mudanças e adaptações, readaptações e todo um contexto, diria até delicado, por tratar-se de pessoas, vidas, crianças, trabalho, expectativas. O que permeou tudo isso e tornou possível acreditar em um futuro? A palavra que me ocorre não é outra senão afeto, logo decido contemplar este estudo com a Análise Cognitiva do afeto, pois faço uma interlocução entre dados da biografada e seus construtos teóricos.

4.2 Análise Cognitiva do Afeto em Teresinha Fróes Burnham

Ao longo das nossas conversas, sempre em ambiente acolhedor e confortável, em sua casa, era impossível não perceber o sentimento que permeava a nossa relação, o contexto familiar, as pessoas envolvidas, o animal de estimação, sem dizer que ali estava um ser extremamente afetuoso e disponível para trocas de afeto. Quando questionada sobre o que lhe parecia fazermos uma Análise Cognitiva do afeto em Teresinha Fróes Burnham, simplesmente disse que era uma questão irrespondível. Sorriu muito e passou a falar com voz pausada, movimentando os olhos como se buscasse lembranças, imagens, pessoas das quais citava nomes.

Lembrou de pessoas com as quais teve uma forte ligação afetiva, e de forma geral, refere-se a sua família como uma reunião de pessoas muito afetuosas. Ao lembrar do seu avô, referiu-se a ele como um sujeito de princípios, austero, mas que conseguia combinar essa sua característica, com muito afeto, particularmente com as crianças, gentil a ponto de nunca levantar a voz para nenhuma pessoa. Ao falar de Dona Edite, sua mãe, enfatiza o cuidado que tinha com os filhos e a preocupação com o seu bem-estar. Embora fosse uma pessoa de poucas demonstrações de afeto, abraços e beijos, era extremamente cuidadosa e preocupada com aspectos da formação e da saúde. Vivendo juntas, dona Edite e sua irmã, revezavam-se nos cuidados com Teresinha e seu irmão.

Havia nesse contexto familiar uma bisavó, avó da dona Edite, denominada por Teresinha como “a coisa mais gostosa”, referindo-se ao carinho, acolhimento e afeto com as crianças.

Teresinha teve dois namorados, sem contar Paul, “o grande amor da minha vida”, como se refere, com muita alegria no olhar. O seu primeiro marido, treze anos mais velho que ela, embora introvertido e reservado, era muito afetuoso. Na relação com Paul, ainda permanecem trocas de afeto e cuidados visíveis e relatados por Teresinha. O bom dia na cama, um bilhetezinho carinhoso, um lembrete, uma lembrança, simbolizando atitudes que eternizam momentos.

Por fim, Teresinha inclui nas suas lembranças afetuosas, a figura da professora que ela chamava carinhosamente de Tia Marta, prima de dona Edite, da escola da Boa Viagem, citada anteriormente, como “outra coisa maravilhosa na minha vida, uma sustentação”.

Desde muito cedo teve a experiência de viver em uma fazenda o que a levou a ter uma ligação muito grande com os animais, porque seu avô a levava para cuidar deles. Entre os seis ou sete anos, viveu a experiência de ver uma porca parindo. Era uma porca grande, muito querida por todos, com pelo bem ruivo e era chamada de ruiva ou de vermelha. No dia que ela estava parindo, o avô anunciou que estava começando todo o processo para ruiva parir. Teresinha perguntou se poderia ver, pedido negado pela sua avó, justificando que “menino⁴³ não pode ver essas coisa não!”, referindo-se às crianças da fazenda. O avô replicou: pode sim Amélia, pode sim Amélia! Era tudo que Teresinha queria ouvir! Ela conta como foi essa experiência, diria até definitiva na escolha futura de estudar História Natural (atual Ciências Biológicas). Essa experiência, marcante na vida dela foi verbalizada assim: “[...] vi os porquinhos nascerem, vi como é que limpava os porquinhos, mas aquilo pra mim foi um negócio tão lindo, tão maravilhoso, que é uma imagem que fica comigo até hoje”.

Com base no artigo *Análise Contrastiva: memória da construção de uma metodologia para investigar a tradução de conhecimento científico em conhecimento público* de Teresinha Fróes Burnham, penso em aprofundar este capítulo, pondo em evidência os referenciais metodológicos para fazer um trabalho de Análise Cognitiva, aqui, especificamente, Análise Cognitiva do afeto.

O primeiro desafio seria tornar pública a história de vida de Teresinha Froes Burnham em forma biográfica, numa linguagem apropriada para compreensão do maior número possível de pessoas, inclusive para aqueles que nunca tenham ouvido falar da pesquisadora em questão.

Passo a passo para fazer o processo de Análise Cognitiva:

Mediação - Diferente de outros objetos de pesquisa trata-se de uma pessoa com uma história muito rica, que será inicialmente apresentada a uma comunidade epistêmica, e depois para uma comunidade ampliada, objetivando fazer uma transdução do conhecimento.

Transdução - Para que esse conhecimento pudesse ter esse alcance projetado, precisei representar uma vida através de linguagem verbal, das experiências de vida, espantos escolhas e desejos como bem colocou Teresinha, através de uma transdução.

⁴³ Com a expressão “menino” a avó de Teresinha referia-se a qualquer criança, sem distinção de gênero.

Nesse momento, apreendendo dados e sutilezas, dentro dessa relação de pesquisadora e biografada, dá-se o esperado resultado que é compreender uma vida através dessas subjetividades que escapam. Escapam, mas, ainda assim, se mostram, aqui, acolá, deixam um rastro, um brilho, um deslize e eis aqui um vivo, parodiando Lenine, citado na epígrafe desta tese. Nas várias formas de registro e pela quantidade de informações penso que este capítulo quase que se encerra visto que

[..] A diversidade das formas de registro, o volume de informações e a variedade de elementos gradualmente descobertos como constituintes do objeto de estudo proporcionaram um rico acervo, que foi sendo gradualmente submetido a uma análise preliminar. Ficou então patente que não havia possibilidade de se trabalhar com esquemas pré-definidos, uma vez que a aplicação de teorias já construídas, embora permitissem levantar suposições sobre as informações a partir de construções lógicas ali encontradas, não eram suficientes para expressar a riqueza e a complexidade do objeto. (FRÓES BURNHAM, 2002, p.3).

Ninguém melhor do que a minha biografada para sintetizar e ratificar o que previamente eu supunha, dentro das suas concepções de que o que está posto, de que construções lógicas e papéis predefinidos não são suficientes para desvendar o quão rico e expressivo pode ser um vivo.

5 DAS (IN) CONCLUSÕES

“Nada é absoluto. Tudo muda, tudo se move, tudo gira, tudo voa e desaparece” (Frida Khalo)

Inconcluo, marcando este último capítulo com a presença poética de Gonzaguinha, porque nesta manhã foi o meu primeiro pensamento e senti que era pertinente, porque estive ali, frente a frente, ouvindo e observando, gravando, e de fato, ali, havia “uma pessoa se entregando⁴⁴”. Há um acordo tácito entre pesquisadora e biografada em que não há regras rígidas quanto ao que posso ou não transcrever, mas há um certo saber, uma sensibilidade, e um respeito quanto ao que posso/devo registrar nesta tese. Alguns dias antes de finalizar, pedi a Teresinha que reservasse um tempo para lermos juntas para ajustamos os sobrenomes de pessoas citadas, confirmar algumas datas e porque para mim era muito importante que ela tomasse conhecimento do resultado, o que eu havia feito com as informações que ela me forneceu. Que caminho eu havia trilhado na condução da sua história vivida. Ela ouviu atentamente, confirmou os dados necessários, considerou que havia criatividade nos meus escritos, emocionou-se algumas vezes, denunciada por um brilho úmido no olhar.

Corro o risco de me repetir, como na epígrafe, “incerto, incompleto, inconstante”⁴⁵, mas tentarei, assim mesmo, colocar-me nestas linhas que encerram o meu movimento de aventurar-me, ousadamente, na escrita de uma biografia. Ainda falta, sempre acharemos isso nas nossas produções, imaginemos então ao lidarmos com a história de vida de uma pessoa. Na biografia de uma mulher, cuja admiração pela profissional passou à dimensão do afeto pela pessoa, mãe, esposa, amiga e irmã. Falta, porque Teresinha continuará a fazer planos, a desejar e a pensar no porvir. Falta, porque somos incompletude mesmo e quanto mais buscarmos o pleno, nos depararemos com as lacunas.

A própria Teresinha teve o *insight*⁴⁶ de que eu poderia/deveria sim escrever uma tese literária. E, se, com meus pares, especialmente com minha orientadora, falávamos em uma ciência blasfêmica, esse seria um bom momento para pôr à prova o quanto resistiríamos a um novo formato de fazer ciência. Teresinha

⁴⁴ Sangrando - Música e letra de Gonzaguinha. Foi incluída no disco “Gonzaguinha – De Volta ao Começo”, de 1980.

⁴⁵ Lenine. Vivo.

⁴⁶ Clareza súbita na mente, no intelecto de um indivíduo; iluminação, estalo, luz.

disponibilizou generosamente tempo, conhecimento e fineza intelectual para ajudar-me a compor o que posso chamar de tese.

Podemos falar em criatividade transgressora ao enfrentarmos a concepção da tese que impõe sistema metodológico, dificultando e negando a criatividade como ferramenta de ensino. De onde viemos fomos regulados, cerceados, formatados em uma modelagem cuja desobediência era algo impensável, logo, também nossos pensamentos e crias foram abortados, regulados e vigiados. Perdemos a naturalidade e ingenuidade de criar, presos a regras pré-estabelecidas, mas sobreviveremos enquanto desejarmos e arriscarmos o novo. Segundo Galeffi, “para que se continue vivo, há uma infinidade de atos imprescindíveis, e o ato criador se constitui como necessidade vital na luta do ser humano contra o possível e imaginável nada absoluto” (2014, p.29). Logo, a aprendizagem como ato criador estabelece urgência de rompimento paradigmático, buscando uma educação transdisciplinar, substituindo o ensinar por aprender, no fazer-aprender com sua face do imprevisível, singular.

E assim, caminhamos juntas eu, Teresinha e Suely Messeder, buscando o melhor ângulo, como fotógrafas cuidadosas, porque não queríamos incorrer na falta, embora ela nos perseguisse. Há que se pensar, e tenho pensado muito nisso, nestes finalmentes, na delicadeza e respeito que devemos ter quando decidimos escrever uma biografia e do grau de confiança da biografada com seu autor. Teresinha vasculhava a memória naquelas maravilhosas incursões ao passado, Suely gostava da escrita, mas buscava mais teoria, especialmente de mulheres na ciência. Eu fazia um esforço sobre-humano para não me manter a um metro do chão, sonhadora e idealista que sou. Havia uma pessoa, uma vida a contar, uma ética a respeitar e uma tese a construir. Nessa dinâmica, conseguimos através de tantos textos, e muitas horas de conversas e observações apresentar este resultado como uma semente que poderá/deverá vir a ser explorada por quantos desejem se embrenhar no caminho da pesquisa biográfica.

Busquei, vivi e respirei por meses, a vida de Teresinha Fróes Burnham. Aprofundi cada novo dado prehe do desejo de fazer o melhor, o mais fiel, o mais sensível trabalho até então escrito sobre ela. Passei a conhecer uma pessoa solidária, desprendida, de uma simplicidade admirável. Humana, discreta e atenciosa a todos os meus pedidos. Tão disponível ao ponto de me acolher na intimidade da sua casa, uma verdadeira casa de mãe, sem conseguir sair de lá sem

pelo menos um chá. Uma casa com uma cozinha acolhedora e comidas gostosas. Nesses momentos a presença discreta de Paul, seu marido, gentil e atencioso.

Nesses encontros viajamos em seus relatos produzidos por tantas lembranças. A emoção da experiência de aprender a ler e escrever, sintetizada na *mão grande*, inspiradora de poder, porque grande, e mão, cujos dedos certamente envolviam e protegiam. Posso pensar que era algo a ser desenvolvido, mas que tinha raízes, embora tenras, desse conhecimento, melhor dizendo, dessa habilidade, a de escrever. Teresinha não sabia que sabia, mas algo do seu corpo conhecia aquele manejo, tanto que não se deu conta em que momento deu o “*click*” e estava escrevendo. Quando usou a palavra orgânica, referindo-se a essa experiência, percebemos ser um sistema entrelaçado, um organismo, um conhecimento que ela já possuía embora não o soubesse.

Vivendo em um ambiente letrado o que naturalmente propiciava esse interesse e facilidade de apreender, desde a mais tenra idade, ainda que minimamente, concepções que mais adiante configurariam o ato de ler e escrever.

Teresinha cresceu naquele núcleo chamado por ela de família ampliada, não restrito a pai e mãe e irmão, apenas. Mas uma família de primos e tios e avós e bisavó. Nessa família com exemplos maravilhosos de mulheres que desempenhavam papéis determinantes no trabalho, provendo e realizando tarefas. Brincando com meninas e meninos e não lhe foi dito que a ela algo não lhe seria permitido por ser uma menina.

Nesse contexto, ambientado nessa proximidade com a natureza, Teresinha crescia, vivenciando os exemplos e pouco a pouco absorvendo o que decisivamente contribuiria para uma formação humanista e de respeito a todos os seres vivos.

Desde a sua adolescência e permanecendo em sua vida adulta, o trabalho teve uma importância fundamental dentro das concepções da família e, claro, da menina/mulher. Então, penso que isso se tornou de vital importância, e foi de tal forma internalizado a ponto de Teresinha ser chamada de “formiguinha”. Se pensarmos nessa analogia lembraremos que as formigas são conhecidas pelo seu alto nível de organização e trabalho. Teresinha estaria na classificação de formiga operária, incansável.

Estes escritos que permearam uma vida, deu-nos oportunidade de conhecer também a mãe, que na sua incompletude transformava minutos em eternidade. Mas havia culpa e havia falta. A culpa, histórica culpa atribuída as mães, como se só a

elas pertencesse a função do cuidar, do brincar, do proteger, de suprir todas as necessidades. Sujeitos da falta que somos, vivemos uma incompletude, embora possamos por instantes considerarmo-nos plenos. Logo, não temos outro escape, senão conviver com a tão famigerada culpa, usando algumas estratégias de superação, como a de varar a madrugada, por um tempo, por alguns anos, até essa criança crescer e, enfim, termos a nossa noite de sono, talvez, sem culpas.

Então, posso pensar que para as mulheres, especificamente para Teresinha, ser mãe foi uma experiência permeada por situações que exigiram dela um esforço adicional de adequação entre o tempo e o desempenho das suas funções acadêmicas.

Teresinha ainda busca o porquê da existência de tantos fenômenos aparentemente sem resposta. Se sua vida acadêmica teve princípio, meio e fim, como as coisas fatalmente têm, princípio meio e fim, ela extrapola esses limites, criando em torno de si um círculo de pessoas com interesses afins, que se expressam livremente nos encontros do grupo que irradia Luz, Amor e Paz.

Não posso deixar de falar da importância dos conhecimentos compartilhados por ela sobre Análise Cognitiva. Alguns dos conceitos encontrados no capítulo 4 foram ressignificados oriundos de outras Ciências, como a Física e a Biologia e que certamente trarão luz a quantos desejem esclarecer esse campo de conhecimento tão complexo. Porque ler através do que espontaneamente Teresinha falou, é bem diferente de ler autores que não fizeram sua mesma caminhada. Aqui a Análise Cognitiva está palpável, acessível, visto que seus estudos sempre se voltaram para tornar o conhecimento, não só acessível, mas também apreensível, aprendível, compreensível a todos os seres humanos, reduzindo a territorialização e privatização do conhecimento, divulgando o conhecimento produzido numa determinada comunidade para outra.

Penso que uma tese, necessariamente, reflete o momento social, histórico, político pelo qual passa o país e posso afirmar que a minha está escrita e inscrita numa conjuntura muito perversa. Vivemos tempos sombrios de retirada de direitos, discriminações, violências contra as mulheres e um retrocesso quanto às Políticas Públicas direcionadas à educação, desde a fundamental à superior, com restrições quanto a autonomia de professores/as em sala de aula, e especificamente no campo da pesquisa, recursos escassos para bolsas de estudo e participação em eventos, dentro e fora do país. Fica uma sensação nostálgica, porque algo se finaliza, acaba,

dará espaço para o movimento seguinte, incerto, ainda não sabemos como será esse deslocamento, só que não nos deteremos porque essa é a dinâmica de estar vivo, inclusive em tempos confusos.

Mas sobreviveremos e tenho o desejo de dar visibilidade a esta tese, socializando-a através de eventos, congressos, dentro e fora da Universidade. Pensando nessa visibilidade gostaria que alcançasse o maior número de pessoas o que pode ser possível através da sua publicação. Estimulada pela escrita, sinto que não conseguirei afastar-me da pesquisa, o que me leva a pensar na efetivação de um pós-doc, como um caminho de continuidade.

Como todo investimento autoral e doutoral parece que o objeto da pesquisa não está suspenso, há discursos a serem escutados, leituras ainda a serem realizadas, escritas a serem inscritas nos pergaminhos deste estudo, posto que me coloco na posição de um sujeito dividido por uma barra, ou seja, faltante e desejante e desejo trovar a repetição de formações discursivas que insistem na repetição por um ato de criação, na aposta que de meu tesão por essa tese foi potencializado no instante em que fui convidada a advir ao encontro com Teresinha Fróes Burnham.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>>. Acesso em: 10 abr 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I** – a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 19ª edição. 1988.

FRÓES BURNHAM, Teresinha. **Espaços multirreferenciais de aprendizagem**. Salvador: UFBA, 1999. (Transcrição de entrevista concedida a um grupo de pesquisadoras em formação na REDPECT, no dia 04 de agosto de 1999).

_____. Análise Cognitiva: reconhecendo o antes irreconhecido. In: **Análise Cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento**. Teresinha Fróes Burnham e coletivo de autores. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. **A emergência da Análise Cognitiva**. POIÉSIS Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, Tubarão, v. 5, n.9, p. 173-195, Jan./Jun. 2012. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/970/849>>. Acesso em: 09 ago 2018.

_____. DataGramaZero. Revista de Ciência da Informação - v.3 n.3 jun/02. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pbcib/issue/view/621>>. Acesso em: 12 set 2019.

FRÓES BURNHAM, Teresinha. *et al.* **Análise Cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem**. Currículo, Educação a Distância e Gestão/Difusão de Conhecimento. Salvador, BA: EDUFBA, 2013.

GALEFFI, Dante; MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Criação e dever em formação: mais-vida na educação**. Salvador: EDUFBA, 2014.

IRDEB. Instituto de Rádio Difusão Educativa da Bahia. Depoimento da Profa. Teresinha Fróes ao projeto Memória em Vídeo da Educação na Bahia, gravado em 05/05/2015, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia UFBA - FACED - GEC Educação Comunicação Tecnologias - Educacional Ripe Rede de Intercambio de Produção Educativa. Disponível em: <<http://ripe.ufba.br/memoria-da-educacao-na-bahia/teresinha-froes>>. Acesso em: 16 abr 2017.

LIMA E SOUZA, Angela Maria Freire de. **Subjetividades na Ciência**. In: SARDENBERG, Bacellar Cecília Maria e MINELLA, Luzinete Simões(Org). **Gênero e Ciências: Mulheres em novos campos**. Salvador: EDUFBA/ NEIM, 2016. P. 113 – 146.

_____. O viés androcêntrico em biologia. *Feminismo, Ciência e Tecnologia Coleção Bahianas*; 8 (Org) Ana Alice Alcântara Costa e Cecília Maria Bacellar Sardenberg Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002.

MESSEDER, S. A. A construção do conhecimento científico blasfêmico ou para além disso nos estudos de sexualidades e gênero. In: Bruna Andrade Irineu. (Org.). **Diversidades e políticas da diferença: intervenções, experiências e aprendizagens em sexualidade, gênero e raça**. 01ed. Tocantins: EDUFT, 2016, v. 01, p. 06-17.

_____. **O processo alquímico entre o conhecimento localizado, a subjetividade corpórea e o compromisso**: um movimento do poder direcionado às justças. Anais do VII Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – ABEH [recurso eletrônico] Rio Grande de 07 a 09 de maio de 2014.

_____. Em cena o/a pesquisadorx-encarnadx: um conceito e/ou um instrumental teórico-metodológico em seu devir ético e estético (no prelo) 2018.

OLIVEIRA, R. **O trabalho do Antropólogo**: olhar, ouvir, escrever. *Revista De Antropologia*, 39(1), 13-37. 1996. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/2179-892.ra.1996.111579>>. Acesso em: 22 04 2019.

ORNELLAS, Maria Lourdes Soares. **Afetos manifestos na sala de aula**. São Paulo: Annablume, 2009.

_____. Texto elaborado como material para aula da disciplina Psicanálise e Educação na Universidade do Estado da Bahia. 2015.

PELLEGRINO, Graciela. **Aprendizagem como ato criador**. Artigo apresentado na disciplina Natureza da Criatividade. Salvador. 2016.

RIOS, Jocelma Almeida. **A emergência da Análise Cognitiva**. *POIÉSIS Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*. Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, Tubarão, v. 5, n.9, p. 173-195, Jan./Jun. 2012. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/970/849>>. Acesso em: 09 ago 2019.

SALVIAT, Maria Elisabeth. **Manual do Aplicativo Iramuteq**. Ed. 2017. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati>>. Acesso em: 22 ago 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Relação de monografias, dissertações e teses defendidas e orientadas por Teresinha Fróes Burnham

Trabalho de Conclusão de Curso (MONOGRAFIAS)

NOME	TÍTULO	ANO	INSTITUIÇÃO
Esiel Pereira Santos	O Desenvolvimento dos Papéis de Docente e Discente na Modalidade EAD: uma análise realizada em um fórum de discussão	2012	FACED - UFBA
Jocília dos Santos Azevedo	Os novos sujeitos da EJA: Entendendo esta transição.	2012	FACED - UFBA
Inácia Maria dos Santos Encarnação.	Estudo da Gestão do Conhecimento em Projeto de Educação à Distância.	2011	FACED - UFBA
Aline Santos Oliveira	Os grupos negros universitários da UFBA como espaço de formação epistemológica	2008	FACED - UFBA
Taisa Alves da Silva	O(a) pedagogo(a) e a aprendizagem organizacional como estratégia e Gestão do Conhecimento.	2008	FACED - UFBA
Eugles Oliveira.	Educação a distância: construção da aprendizagem autônoma.	2008	FACED - UFBA
Isabel Oliveira de Moraes	Grupos de pesquisa: Um espaço multirreferencial de aprendizagem.	2008	FACED - UFBA
Rita de Cássia Santos Souza	Repensar a prática pedagógica do curso de Biblioteconomia: desafio para a melhoria do curso no ICI	2002	(Graduação em Biblioteconomia e Documentação) - Universidade Federal da Bahia.

Especialização

NOME	TÍTULO	ANO	CURSO	INSTITUIÇÃO
Lana Cristinee Mistro,	Ações para construção de um modelo de Gestão Ambiental	2002	Aperfeiçoamento/Especialização em Gestão Informatizada Em Recursos Hídricos)	UFBA
Patrícia Nicolau Magris.	Ações para construção de um modelo de Gestão Ambiental	2001	Aperfeiçoamento/Especialização em Gestão Informatizada Em Recursos Hídricos)	UFBA

Dissertações de Mestrado

NOME	TÍTULO	ANO	INSTITUIÇÃO
Luis Carlos Ferreira dos Santos	Justiça como Ancestralidade: em torno de uma filosofia da educação brasileira	2014	FACED - UFBA
Marise Oliveira Sanches	Construção Colaborativa do Curso de Formação de Gestores do Conhecimento através da EaD.	2011	FACED - UFBA
Reginaldo Pereira dos Santos Júnior	Educação corporativa e os profissionais de educação: Análise contrastiva de um estudo de caso múltiplo em Salvador	2010	FACED - UFBA
Danilo Rodrigues Cesar	Potencialidades e limites da robótica pedagógica livre no processo de (re)construção de conceitos científico-tecnológicos a partir do desenvolvimento de artefatos robóticos	2009	FACED - UFBA
Rita de Cácia Santos Chagas	Porta Giratória entre o espaço da Pedagogia da Alternância da Escola Família Agrícola Mãe Jovina e o campo: um diálogo possível?	2006	FACED - UFBA
Marcelo Matos de Oliveira	A Comungos e os comungos: Uma odisséia formativa	2006	FACED - UFBA
Mauro Leonardo Brito Albuquerque Cunha	Formas e Normas de [Jus]validação da Informação	2006	Instituto de Ciência da Informação - ICI – UFBA
Tennessy Mnemosyne Sena Moreira	Aspectos teórico-político-informacionais da emergência da gestão do conhecimento na sociedade da informação	2006	Instituto de Ciência da Informação - ICI – UFBA
Marilene Lobo Abreu Barbosa	Ressignificando uma profissão milenar: parâmetros de competência na formação do bibliotecário	2005	Instituto de Ciência da Informação - ICI – UFBA
Andréa Ferreira Lago	Comunidades virtuais e interatividade: um estudo sobre cursos on-line como espaço de (in)formação	2005	Instituto de Ciência da Informação - ICI – UFBA
Marcílio Rocha Ramos	Educomunicação & Mídia Radical: Uma pedagogia revolucionária com as tecnologias da informação e da comunicação	2005	FACED - UFBA
Maria Carolina Santos de Souza	Compondo: uma metodologia para produção do conhecimento em rede colaborativa para educação à distância	2004	Instituto de Ciência da Informação - ICI – UFBA

Continua:

NOME	TÍTULO	ANO	INSTITUIÇÃO
Maria da Conceição Sande Vieira	O Gerenciamento dos Documentos Críticos do Acervo da Documentação Técnica de Engenharia: O caso do segmento de dutos e terminais da TRANSPETRO	2004	Instituto de Ciência da Informação - ICI – UFBA
Maria do Rosário Paim de Santana	Em busca de novas possibilidades curriculares: aprendizagem baseada na robótica pedagógica	2003	FACED - UFBA
Luciana Cunha Pereira Souza	Especificidade da Escola Face às novas demandas por educação	1999	FACED - UFBA
Marcelo Bernardo da Cunha	O Museu Afro-Brasileiro da UFBA	1999	Instituto de Ciência da Informação - ICI – UFBA
Maria das Graças de Souza Azevedo	A Filosofia no Ensino de 2o. Grau	1997	FACED - UFBA
Esther Maria Ferraz de Souza	Ações discursivas na sala de aula: a linguagem como mediação cognitiva no trabalho docente	1996	FACED - UFBA
Maria Flávia Carvalho Gazzinelli	Influência do sistema de valores e crenças do professor na implementação de um currículo de educação ambiental	1995	FACED - UFBA
Ana Leda Vieira Barreto	O currículo da escola de 1º grau e o trabalho de crianças e adolescentes: o significado da construção do conhecimento nesta relação	1994	FACED - UFBA
Avelar Luiz Bastos Mutim	. Educação ambiental, currículo escolar, trabalho e conhecimento: um estudo no Instituto Municipal de Educação em Salvador	1994	FACED - UFBA
Maria Roseli Gomes de Brito Sá	Significado do currículo na formação do aluno-trabalhador: conhecimento que se constrói no trabalho?	1994	FACED - UFBA
Maria Luiza Tapioca Silva	Currículo, trabalho e conhecimento: uma conexão circunscrita a um curso profissionalizante da ETFBA	1994	FACED - UFBA
Elizabeth Aparecida Bittencourt	Educação e saúde no ensino básico: uma proposta holística na formação do professor	1992	FACED - UFBA
Diva de Souza Costa	Estudos preliminares para a avaliação do currículo da Escola de Serviço Social da Universidade Católica do Salvador	1988	FACED - UFBA
Juvanete Santos de Souza	A prática de estágio da Escola de Serviço Social da Universidade Católica do Salvador	1988	FACED - UFBA
Roberto Sidnei Macedo	Prontidão, compensação e pré-escola: prática e crítica	1988	FACED - UFBA

Teses de Doutorado

NOME	TÍTULO	ANO	INSTITUIÇÃO
Emanuel Alberto Cardoso Monteiro	Currículo do curso de Ciências da Educação no contexto das políticas curriculares da Universidade de Cabo Verde	2016	FACED – UFBA
Ana Lúcia Pereira Lage	A Rede como Espaço Multirreferencial de Aprendizagem: Construção do conhecimento na produção de inovação em TIC em um Instituto de Ciência e Tecnologia brasileiro	2013	DMMDC – UFBA
Maria Carolina S. de Souza	COMPONDO 2.0: uma proposta multirreferencial para o processo metodológico de produção do conhecimento em rede colaborativa para educação a distância	2013	DMMDC – UFBA
Mary Valda Souza Sales	Tessituras entre mediação e autoria nas práticas de currículo na formação a distância: A construção do conhecimento no contexto universitário	2013	FACED - UFBA
Danilo Rodrigues César	Robótica Pedagógica Livre: uma Alternativa Metodológica para a Emancipação Sociodigital e a Democratização do Conhecimento	2013	DMMDC – UFBA
David Moises dos Santos	A convergência tecnológica líquida no contexto da sala de aula: um recorte do ensino superior público baiano sob a ótica discente	2012	DMMDC – UFBA
Marcus Túlio de Freitas Pinheiro	O conhecimento enquanto campo: o ente cognitivo e a emergência de Conceitos	2012	DMMDC – UFBA
Caio Melo Monteiro	Intencionalidades discursivo-fundacionais e Análise Cognitiva das dinâmicas de de produção e difusão do conhecimento entre as universidades e as políticas públicas no estado do Tocantins		DMMDC – UFBA
Ana Claudia Rozo Sandoval	Cibercultura e Educação Virtual, um olhar desde a Educomunicação, a luz das políticas educativas		DMMDC – UFBA
Maria Isabel de Jesus Sousa	Práticas Informacionais na biblioteca escolar: atividades desenvolvidas na Biblioteca da Escola Parque e sua relação com o currículo no CECR -		FACED – UFBA
Maria do Carmo Bastos dos Santos	Políticas de Educação Profissional no Brasil		FACED – UFBA

Continua:

NOME	TÍTULO	ANO	INSTITUIÇÃO
Wilton Moacir Moniz de Andrade Oliver	Educação a distância: Formação de professores		FACED – UFBA
Claudio Embirussu Barreto	Modelagem de Sistemas Biológicos e Artificiais de Redes Neurais	Início em 2009	FACED – UFBA
José Carlos Oliveira de Jesus	Concepções Teórico-Epistemológicas de estudantes de graduação em Física: marca de imaginário e de discurso científico	2010	FACED – UFBA
Gabriela Ribeiro Peixoto Rezende Pinto	Disciplinas humanísticas na formação do engenheiro: fatores de resistência dos estudantes e estratégia educacional para a sua motivação	2010	FACED – UFBA
Antônio Luiz Mattos de Souza Cardoso	Construção e difusão colaborativa do conhecimento: uma experiência construtivista de educação em um ambiente virtual de aprendizagem	2010	FACED – UFBA
Lídia Maria de Menezes Pinho	A fala para si no adulto em atividade de construção do conhecimento	2009	FACED – UFBA
Maria do Rosário Paim de Santana	Em busca de outras possibilidades pedagógicas	2009	FACED – UFBA
Maria Lídia Pereira Mattos	Espaços de (in)formação e aprendizagem do professor-produtor	2008	FACED – UFBA
Biagio Maurício Avena	Por uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento: itinerário pelos significados e contribuições das viagens à (trans)formação de si	2008	FACED – UFBA
Maria da Concepcion Nova Santos	Genética Humana: Sociedade, saúde e educação	2008	FACED – UFBA
Maria do Carmo dos Santos	Sob a égide do conflito: A reforma da Educação Profissional	2005	FACED – UFBA
Norma Carapiá Fagundes	Por uma outra Universidade: a comunidade como espaço de aprendizagem na formação em saúde	2003	FACED – UFBA
Maria Inez da Silva Souza Carvalho	Uma viagem pelos espaços educacionais do Município de Santo Antônio de Jesus: possibilidades, atualizações, singularidades, transições	2001	FACED – UFBA
Clélia Neri Cortes	Educação diferenciada e formação de professores indígenas: diálogos intra e interculturais.	2001	FACED – UFBA
Dora Leal Rosa	Trabalho Pedagógico e Socialização: Um estudo da contribuição da escola para a formação do sujeito moral	1999	FACED – UFBA

Continua:

NOME	TITULO	ANO	INSTITUIÇÃO
Miguel André Berger	A avaliação do curso de magistério (2o. grau): produção do conhecimento visando à autonomia.	1998	FACED – UFBA
Delvair de Brito Alves	A produção do conhecimento no local de trabalho de enfermagem	1995	FACED – UFBA

APÊNDICE B – Títulos obras e textos de Teresinha Fróes Burnham

FAGUNDES, N. C.; FRÓES BURNHAM, T. **Transdisciplinariedade, multirreferencialidade e currículo**. Revista da FAGED, Salvador: Faculdade de Educação da UFBA, N. 5, 2001, p. 39-55. Disponível em:< <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1386/1/2013.pdf>>. Acesso em: 20 jul 2019.

FRÓES BURNHAM, T. **Cognitive aspects in the implementation of lessons by biology student-teachers**. Southampton, Inglaterra: University of Southampton, 1983. (PhD Thesis).

FRÓES BURNHAM, T. **Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade**: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar. In: BARBOSA, Joaquim (Org.). Reflexões em torno da abordagem Educação e Tecnologias: Construindo redes de produção e difusão de conhecimentos multirreferencial. São Carlos: EDUFSCAR, 1998, p.35-55. Disponível em:< <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1885>>. Acesso em: 20 jul 2019.

FRÓES BURNHAM, T. **Da sociedade da informação à sociedade da aprendizagem**: Cidadania e participação sóciopolítica na (in)formação do trabalhador. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2005. Disponível em:< http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/TeresinhaFroesBurnhamSociedadeedaAprendizagem.pdf>. Acesso em: 23 jul 2019. http://www.cinform-antiores.ufba.br/vi_anais/docs/TeresinhaFroesBurnhamSociedadeedaAprendizagem.pdf>. Acesso em: 23 jul 2019.

FRÓES BURNHAM, T. **Impactos das tecnologias de informação e comunicação na (in)formação do cidadão trabalhador**: construindo um quadro teórico-analítico multirreferencial a partir de contribuições da literatura do final do Século XX. Revista da FAGED, Salvador: Faculdade de Educação da UFBA, N. 8, 2004, p. 65-80. Disponível em:< <https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2812>>. Acesso em: 23 jul 2019.

FRÓES BURNHAM, T. **Pesquisa multirreferencial em educação ambiental**: Bases sócio-culturais-político-epistemológicas. Pesquisa em Educação Ambiental. São Paulo: UFSCar, USP, UMEP, V. 1, N. 8, jul./dez. 2006, p. 7392. Disponível em:<<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/download/6114/4484/0>>. Acesso em: 22 ago 2018

FRÓES BURNHAM, T. **Sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade da aprendizagem**: implicações ético-políticas no limiar do século. In: LUBISCO, N. M. L.; BRANDÃO, L. M. B. (Orgs.). Informação e informática. Salvador: EDUFBA, 2000, p. 283-307. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000090&pid=S1414-3283200500010000900009&lng=pt>. Acesso em: 22 ago 2018

FRÓES BURNHAM, T. **Abordagens Epistemológicas da Cognição**: A Análise Cognitiva na Investigação da Construção de Conhecimento. Disponível em:<https://www.academia.edu/1810440/ABORDAGENS_EPISTEMOL%C3%93GIC>

AS_DA_COGNI%C3%87%C3%83O_A_An%C3%A1lise_Cognitiva_na_Investiga%C3%A7%C3%A3o_da_Constru%C3%A7%C3%A3o_de_Conhecimento>. Acesso em: 22 ago 2018

FRÓES BURNHAM, T. **Análise Cognitiva, um Campo Multirreferencial do Conhecimento?** aproximações iniciais para sua construção. Disponível em:<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16810/1/analise-cognitiva-espacos-multirreferenciais-REPOSITORIO.pdf>>. Acesso em: 22 ago 2019.

FRÓES BURNHAM, T. **Análise Cognitiva:** reconhecendo o antes irreconhecido. Disponível em:<<https://pt.scribd.com/document/203699342/Analise-Cognitiva-Reconhecendo-o-Antes-Irreconhecido-Em-Analise>>. Acesso em: 22 ago 2019.

FRÓES BURNHAM, T. **Análise Contrastiva:** memória da construção de uma metodologia para investigar a tradução de conhecimento científico em conhecimento público*, por teresinha fróes burnham datagramazero - revista de ciência da informação - v.3 n.3 jun/02. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2985>>. Acesso em: 22 ago 2019.

FRÓES BURNHAM, T. **Análise Cognitiva:** raízes e primeiras aproximações para sua concepção como campo do conhecimento. Disponível em:<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16810/1/analise-cognitiva-espacos-multirreferenciais-REPOSITORIO.pdf>>. Acesso em: 12 ago 2019.

FRÓES BURNHAM, T.; CARAPIÁ, NORMA FAGUNDES. **Discutindo a Relação entre Espaço e Aprendizagem na Formação de Profissionais de Saúde.** Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832005000100009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 25 set 2019.

FRÓES BURNHAM, T. **Da Sociedade da Informação à Sociedade da Aprendizagem:** cidadania e participação sóciopolítica na (in)formação do trabalhador. Disponível em:<http://www.cinform-antiores.ufba.br/vi_anais/docs/TeresinhaFroesBurnhamSociedadedaAprendizagem.pdf>. Acesso em: 02 set 2019.

FRÓES BURNHAM, T. **Definição de uma Ontologia para os Canais Preferenciais de Difusão do Conhecimento Técnico-Científico:** fase de preparação. Disponível em:< http://www.cinform-antiores.ufba.br/vi_anais/docs/GabrielaPintoHernanePereiraTeresinhaBurnham.pdf>. Acesso em: 14 set 2019.

FRÓES BURNHAM, T. **Espaços Multirreferenciais de Aprendizagem:** lócus de resistência à segregação sóciocognitiva? Disponível em:<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16810/1/analise-cognitiva-espacos-multirreferenciais-REPOSITORIO.pdf>>. Acesso em: 25 set 2019.

FRÓES BURNHAM, T. **Transdisciplinaridade, Multirreferencialidade e Currículo.** Disponível em:<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1386/1/2013.pdf>>. Acesso em: 15 set 2019.

FRÓES BURNHAM, T. **Pesquisa Multirreferencial em Educação e Socialização do Conhecimento. Sociedade da Informação, Sociedade do Conhecimento, Sociedade da Aprendizagem:** implicações ético-políticas no limiar do século.

Disponível

em:<<http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/hipertexto/biblioteca/Teresinha%20Froes.pdf>>. Acesso em: 12 set 2019.

FRÓES BURNHAM, T. **Currículo, Trabalho e Construção do Conhecimento: Trajetória de um processo de Integração Pesquisa-Ensino, em um Movimento Permanente de (Re)Construção.** Disponível

em:<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16810/1/analise-cognitiva-espacos-multirreferenciais-REPOSITORIO.pdf>>. Acesso em: 15 set 2019.

FRÓES BURNHAM, T. Entrevista concedida a Jocelma Almeida Rios: **A Emergência da Análise Cognitiva.** Disponível

em:<<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/970/849>>. Acesso em: 16 set 2019.

FRÓES BURNHAM, T. **Uma Síntese na TRA(NS)JETÓRIA de Buscas e Encontros com a Análise Cognitiva (memorial).**